

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 51155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: L I B O A

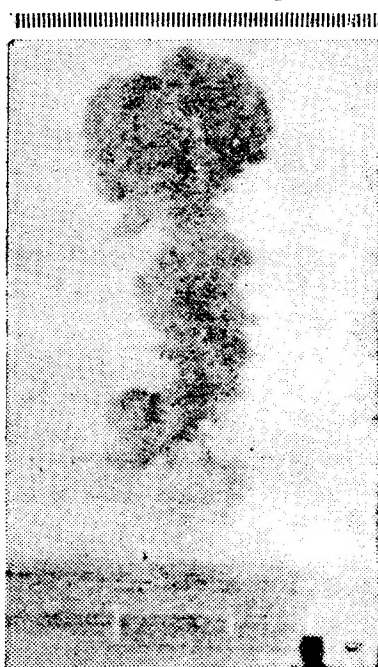
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Balduino regressou a Bruxelas

Quinze mil grevistas desfilaram pelas ruas da cidade apedrejando lojas, jornais e bancos



BRUXELAS, 29. — Milhares de manifestantes começaram a concentrar-se em frente da sede do Partido Socialista, a «Maison du Peuple», pouco depois das 8 horas (T. M. G.). A concentração foi decretada pelos dirigentes sindicais, que planeiam novas manifestações maciças contra o Governo.

Espera-se outro grande comício em Antuérpia e receia-se que se verifiquem violências como aconteceu ontem.

A volta da sede do Partido Socialista, a Polícia concentrou-se em grande força.

Ouviam-se altofalantes emitindo marchas militares ou a «Internacional».

Polícia militar e naval guardava o gabinete do chefe do Governo, Eyskens, e os ministérios. As principais estações de caminho de ferro, a estação central dos Correios e as suas ramificações principais encontram-se sob a vigilância de contingentes de pára-quedistas e de outras unidades do Exército.

A greve dos «eléctricos», continuou hoje, com numero ainda menor de veículos a circular. O Governo afirma que cerca de sessenta por cento dos empregados dos carros eléctricos continuam no trabalho, mas o Partido Socialista alega que a percentagem é muito menor — vinte por cento apenas.

15 000 GREVISTAS EM MARCHA

Pouco depois das 10 horas, o cortejo dos grevistas concentrado em

frente da Casa do Povo e nas ruas vizinhas, pôs-se em movimento. Militantes sindicais calculam a multidão em 15 000 pessoas. Vêm-se muitas mulheres, algumas vestidas elegantemente, com casacos de pelaria, aparentemente empregadas publicas.

A frente do cortejo, os carteiros, com o seu fardamento azul acizentado desfilam impecavelmente. Seguem-se as delegações de grevistas de Gand, de Antuérpia e de Liège. Esta ultima, precedida por enorme bandeira valá — um galo vermelho em fundo amarelo — é delirantemente aplaudida, quando o cortejo se encaminha para o centro da cidade.

Os manifestantes caminham braço dado, dezassets a dezassets, enquanto os altofalantes transmitem, ruidosamente, a «Internacional». Ao passarem pelos edifícios bancários, os manifestantes fazem uma pateada infernal. Lançaram uma pedra contra a montra de um joalheiro, mas a vitrina não foi atingida. O projectil foi ferir um transeunte no rosto, o qual ficou coberto de san-

(Continua na 16.ª página)



Formenhor da visita do ministro das Obras Publicas aos pobrissimos bairros de Santas Martas e do Pereiro. (Ler noticia na página central)

Foram extensivos às crianças

da escola da Quinta dos Peixinhos os benefícios da campanha do Natal promovida pelo «Diário de Lisboa»

Foi hoje um dia de grandes alegrias para os pequenitos da escola primária da Quinta dos Peixinhos, um aglomerado de gente pobre e

humilde, aonde o «Diário de Lisboa» levou, agora, com a carinhosa mensagem da bondade, as lembranças da grande campanha para um Natal em cada bairro.

Todos os garotos daquela escola, em numero de 42, receberam as ofertas que a ampla e enternecida generosidade os nossos muitos amigos, integrados no largo movimento de solidariedade á volta da campanha proporcionou a milhares de famílias necessitadas da capital e a seus filhos.

Foram entregues, esta manhã, essas lembranças, incluindo brinquedos, roupas, caixas com queijos *Gruyère*, *Vitasmos* e concentrados V-5, broas e saquinhos de celofam com batatas fritas.

Pareciam um bando de avezinhas brancas, as crianças com as suas batas escolares, numa revoada de alegria, gorjeantes, em risadas cristalinas, Luzia-lhes os olhos de cobiça e impavam de satisfação

(Continua na 15.ª página)

«Diário de Notícias»

Celebra hoje o seu 96.º aniversário o nosso prezado colega «Diário de Notícias». Endereçamos, por esse motivo, as nossas felicitações aos seus ilustres director e director-adjunto, respectivamente, srs. dr. Augusto de Castro e coronel Pereira Coelho, bem como a todos quantos dão a sua colaboração áquele prestigioso órgão da imprensa portuguesa.

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

24

páginas

nas quais se inclui

«Vida Literária»

A França fez explodir a sua primeira bomba atómica, a «Gerboise rouge». Duas imagens do acontecimento: o general Jean Thiry carrega num pequeno boião e o cogumelo ergue-se sobre o Sahara, como uma inquietante bandeira do progresso



O Orçamento Geral do Estado

fixa em 11 780 941 contos as despesas ordinárias e extraordinárias de 1961

O Orçamento Geral do Estado é um documento fundamental na vida de todas as nações modernas. Nele se determinam, não apenas as origens e os destinos dos dinheiros arrecadados anualmente para os cofres publicos, como a politica económica-financeira em vigor, os princípios que a inspiram e as finalidades da administração publica no

seu mais largo ambito. E como a intervenção do Estado em todos os aspectos da vida colectiva é cada vez mais ampla e mais influente, condicionando sob formas directas ou indirectas as actividades e interesses de toda a gente, o plano antecipado das receitas e despesas para cada ano administrativo é um verdadeiro documento nacional.

A administração publica no nosso País tem hoje no sr. ministro das Finanças, dr. António Pinto Barbosa, um obreiro de excepcional capa-

(Continua na 14.ª página)

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Festas de Natal e Ano Novo

Jantar da Guest

A Guest Aerovias México promoveu o habitual jantar de confraternização do seu pessoal e tripulação que, na quadra do Natal, se encontra no nosso País.

A Guest continua, assim, uma tradição, que, cada vez mais, vem desenvolvendo, em todos os pontos do Mundo onde possui delegações. Festa que bem pode dizer-se de família, pois os seus funcionários constituem verdadeira equipa de trabalho e amizade, que se reflectem, afinal, nos bons serviços que durante o ano inteiro, prestam ao público, em milhares de voos efectuados.

Estiveram juntos, além do representante geral da companhia em Portugal, sr. António de Almeida Botelho, e chefe de escala sr. Jorge Carvalho, os chefes de serviço srs. Estanislau Brandão, Jorge Aça de Matos e Fernando Travassos e todo o pessoal incluindo tripulação mexicana baseada em Portugal sob os ordens do comandante Alfredo Lezama. Assistiu, também, o chefe de Escala da Guest em Santa Maria sr. Carlos Allanias.

Casa de Moçambique

A Casa de Moçambique promove, na noite do fim do ano, uma festa, abrilhantada por uma orquestra e uma ceia. Os bilhetes devem ser requisitados para a sede, na Rua dos Condes, n.º 9-2.

Cooperativa dos Trabalhadores Portugueses

Na noite do fim do ano, na sede da Cooperativa dos Trabalhadores Portugueses, na Calçada do Duque, 21, haverá baile, ceia e variedades, pelo «Teatro de Ensalos», para maiores de 17 anos. Dão-se informações pelo telefone 22214.

Clube Atlético de Campo de Ourique

A direcção do Clube Atlético de Campo de Ourique está a organizar o «Réveillon» de Lisboa no seu amplo ginásio, com baile abrilhantado pelo conjunto (tipo italiano) «Lúcios da Melodia» e o seu vocalista Ruy. Marcam-se mesas pelo telefone 682804.

No Café Nacional

Como nos anos anteriores, reali-

CARREGOU A ARMA à martelada...

COVILHA, 29.—Deu entrada no hospital desta cidade o sr. José do Rosário, de 41 anos, casado, apontador das Minas de S. Domingos, que esfacelou dois dedos da mão esquerda quando ao colocar um cartucho na sua «Flober», e em consequência daquele não entrar na câmara, usou um martelo para o meter à força, o que provocou o rebenatamento da carga.

Pistolas metralhadoras para a Força Aérea

Foi adjudicado, à Fábrica Militar de Braço de Prata o fornecimento de 5185 pistolas-metralhadoras F. B. P., 9 mm., sem sabre-baioneta, para a Força Aérea. O encargo para este fornecimento importa em \$296.000\$00, para liquidar até 1965.

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA

A brilhante artista do cinema mexicano

EVANGELINA ELIZONDO

nas suas sugestivas canções

as «pin-up girls» da ilusão

LES ROLLY'S

(Maiores de 17 anos)

A COZINHA ALENTEJANA

ESPERA-Ô PARA A GRANDE CEIA DA NOITE DE S. SILVESTRE

CANTARES DA NOSSA TERRA

RESERVE A SUA MESA PELO TELEFONE 727071

za-se no salão do Café Nacional a ceia de passagem de ano.

Como já é tradição desta casa, a gerência mais uma vez pensa proporcionar aos seus clientes uma noite agradável, com boa ceia e boa música, para o que está contratada a esplendida orquestra «José Barreiros».

Grémio Lisbonense

A direcção do Grémio Lisbonense leva a efeito, na passagem do ano, o tradicional «Réveillon» dedicado aos associados e suas famílias, com baile, variedades (com a colaboração de artistas da Rádio) e ceia. Actuará o conjunto «Black Roses».

Casa do Alentejo

No próximo dia 1 de Janeiro, realiza-se na Casa do Alentejo, às 16 e 30, uma festa de beneficência a favor dos Alentejanos necessitados. Haverá também um grande baile com a orquestra «Talismã».

Reservam-se mesas na secretaria ou pelo telefone 369231.

Laboratórios Novil

A gerência dos Laboratórios Novil (Rua do Centro Cultural, 13, 13-A — Alvalade), promove, na sexta-feira o habitual almoço de fim de ano ao seu pessoal.

Junta da Freguesia do Campo Grande

Na sede da Junta de Freguesia

do Campo Grande, efectuou-se uma larga distribuição de agasalhos e brinquedos a cerca de trezentas crianças, bem como de calçado a dezenas de crianças e adultos. A cada indigente da freguesia foram dados 20 escudos.

Na Embaixada de França

No próximo domingo, o embaixador da França e a sr.ª condessa Bernard de Menthon receberão a colónia francesa, às 18 horas, nos salões da Embaixada.

Centro Espanhol

A direcção e a comissão de festas do Centro Espanhol organizam a Noite da Passagem do Ano, com início às 22 e 30. A festa será abrilhantada pela Orquestra «Costa Douro» e haverá serviço de «bar» e restaurante.

Na Escola Técnica de Viseu

VISEU, 28. — Na cantina da M. P. da Escola Industrial e Comercial desta cidade, efectuou-se a tradicional «consoada» entre professores, mestres e alunos. Houve serão recreativo-cultural e distribuição de prémios, designadamente, os instituídos pelo benemérito Lopes Ferreira e pelo Grémio do Comércio, e os do XIV Salão de Estética da M. P. No final, usaram da palavra, o director da escola, dr. Carlos Damião Franco; Gilberto de Carvalho (pelos antigos alunos) e rev. dr. Aurélio Vaz, assistente da M. P.

A CIDADE

Pelos hospitais

MORREU POR CAIR NA LA-REIRA — Na sala de observações do Hospital de S. José, onde entrara anteontem, faleceu Matilde Anselmo, de 56 anos, de Marinhais, Salvaterra de Magos, que ali caiu na lareira por ter sofrido um ataque.

ENGOLIU UM OSSO — Na mesma sala de observações deu hoje entrada a menor de 4 anos Julia Maria Ponce da Silva, moradora na Vila Couto 1, à Rua Guilherme Anjos, que engoliu um osso.

ATROPELADO PELO «FOGUE-TE» — Muito ferido na face, sobretudo no maxilar inferior, e com contusões no corpo, recolheu ao Hospital de São José o moço carregador da C. P. Jerónimo de Lemos, de 40 anos, morador na Rua Vale de Santo António, 63, r/c., que foi atropelado pelo «Foguete» em Santa Apolónia quando se encontrava na linha a trabalhar.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma peruca, duas sombrinhas, um relógio de pulso, uns óculos graduados, duas carteiras com bilhetes de identidade, uma gelatina com documentos, um livrete de auto ligeiro, um alfinete de prata, uma caneta de tinta permanente, uma lapiseira, um fato para homem, um chapéu, um cachecol, uma bolsa com ferramenta, uma chapa de matrícula de veículo, um manipulo de porta, dois tampões para roda de automóveis, um saco de borraça, um fio de fantasia, um par de luvas, luvas desir-

manadas e diversas argolas com chaves.

Também se encontram no Sindicato Nacional dos Motoristas: umas botas altas, chapéus de chuva, sombrinhas, luvas, um lenço, uma capa de plástico, uma mala para senhora, uma caixa de ampolas, uma harmonica bucal, uma aliança de ouro, uns óculos graduados, uma pasta, uma carteira com dinheiro, uma máquina fotográfica, uma mala de viagem e um livro.

UM VEREADOR do Município de Évora presidiu a um julgamento

EVORA, 29 — Em audiência de processo sumário, foi julgado no tribunal desta cidade, por delito de embriaguez e escândalo publico, o padeiro Manuel Joaquim Murteira, de 22 anos, solteiro, residente na Travessa Maria de Alter, que foi condenado em 3 dias de multa a 10\$00 diários e em 50\$00 de imposto de justiça.

Por uma série de circunstâncias — ausência do juiz de direito (em férias) e do juiz substituto; do impedimento do conservador do Registo Civil (lugar que é desempenhado por uma senhora), e ainda por ausência do presidente e do vice-presidente da Câmara — presidiu ao julgamento, servindo de juiz, o vereador municipal sr. Mário Canas, de Melo, comerciante de flores e frutos em Évora.

CICLISTA COLHIDO por uma furgoneta na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 29. — No cruzamento das estradas Coimbra-Figueira e Porto-Figueira, à entrada desta cidade, uma furgoneta conduzida por José de Oliveira Jorge Pregaça, solteiro, da Volta da Tocha, colheu Vitorino Dias da Silva, de 44 anos, casado, pedreiro, das Alhadas, que, findo o dia de trabalho, recolhia a sua casa, de bicicleta.

Do acidente resultou o ciclista sofrer ferimentos na cabeça e na boca, com perda dos dentes da frente. Foi conduzido à Casa de Saúde desta cidade, onde lhe foram prestados socorros.

PERFUMARIA CEZAL

FUNDADA EM 1910

Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial; sabonetes Franceses e Ingleses. Camy, Pinaud, Palmolive, etc. A célebre pasta dentífrica Golgate a 19\$80 cada. Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs, Gillette, de fabrico de origem, etc. RUA DO COMERCIO, 12 e 14 TELEFONE 26498 LISBOA

Diário OUTRA BANDA

A Câmara do Seixal interessa-se pelo progresso da freguesia de Amora

Para dar execução à lei n.º 2099, está a proceder-se ao levantamento topográfico da zona do Seixal, encontrando-se já em curso a revisão do respectivo plano de urbanização. E' porém, necessário dar inteiro cumprimento à mesma lei e disciplinar a construção, sem a paralisar, antes conduzindo-a para os locais em que possa servir os interesses gerais da população seixalense, sem onerar excessivamente a autarquia com incomportáveis despesas de urbanização.

Além da vila-sede, prevêem-se os levantamentos topográficos de várias localidades do concelho, designadamente da freguesia de Amora, a fim de se estudar e de prover o equipamento social de alguns aglomerados surgidos de repente, evitando-se, por outro lado, que as construções continuem a ser levadas a cabo de modo disperso, semeadas ao sabor de iniciativas particulares descontroladas.

Dada, porém, a importância demográfica de Amora e o desejo da edilidade em lhe dedicar a sua melhor atenção, vão ali efectuar-se, dentro em breve, diversas obras de fomento, das quais se destaca o lavadouro do Correr de Agua, orçado em cerca de 150 contos. O que presentemente existe no lugar do Correr de Agua, de lavadouro só tem o nome, pois não passa de um pequeno tanque, que não oferece qualquer comodidade a quem tenha de o utilizar. Esta obra vem sendo incluída sistematicamente em todos os planos de actividade, desde há anos. Parece que chegou agora o momento de ser efectivamente levada a cabo: o projecto está concluído, quanto às peças desenhadas,

O PRAGMATISMO

O Pragmatismo é uma doutrina filosófica proposta pelo pensador norte-americano William James. Consiste no culto da eficácia e da responsabilidade moral. O Pragmatismo, que fez época na segunda metade do séc. XIX, preferindo a pesquisa da verdade abstracta a preparação para a acção, tem os seus directos antecedentes no pensamento empirista de David Hume e no Positivismo de Auguste Comte. E' um característico produto da mentalidade norte-americana. Além de William James, as suas principais figuras foram Charles S. Peirce, John Dewey e o inglês Schiller. Chamou-se também Hominismo.

EM BORBA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na agência do SR. MANUEL GONÇALVES MACHADO.

DOMINE A AZIA



DEPRESSA



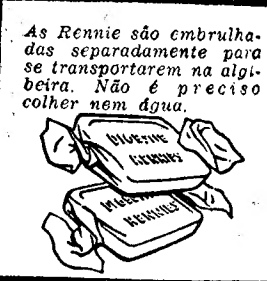
Esteja onde estiver... no escritório... no cinema... se tiver no bolso ou na malinha algumas Rennie, pode dominar rapidamente a Azia. Basta chupar duas pastilhas, para aliviar o mal estar. As Rennie proporcionam alívio rápido e duradouro, pois os seus ingredientes anti-ácidos, dissolvidos pela saliva chegam ao estômago com toda a sua eficácia. Não interrompem o trabalho da digestão, limitando-se a regular a secreção ácida do estômago.

Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico sem demora.

PASTILHAS

RENNIE

Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6\$50 e 17\$50.



As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.

De ontem para hoje

100.000 ACÇÕES DO BANCO DE ANGOLA

A assembleia-geral extraordinária do Banco de Angola, que ontem se reuniu, pronunciou-se sobre a fixação das condições da nova emissão de 100 000 acções para preenchimento do capital de 200 000 contos. Uma parte destas acções (25 000) destina-se a subscrição pública, de modo a permitir a participação de economias médias. O governador do Banco de Angola anunciou também a construção de um bairro para os lados da Ajuda, cujas casas se destinam a empregados daquele estabelecimento bancário. Esta iniciativa terá, segundo se espera, o apoio da Câmara Municipal. A sessão terminou com um protesto contra as acusações a Portugal feitas na O. N. U.

VÍTIMAS DO FOGO

Crianças que perderam a vida, vítimas de queimaduras, sem que ninguém pudesse valer-lhes: Maria e Idalina Gomes Ferreira, de Serpins (Pocariça). Também a anciã sr. Maria de Jesus, de Sobral de Baixo morreu por se lhe terem inflamado as roupas junto da lareira. As crueldades do fogo, rubro e louco senhor do Inverno!

ERAM DOIS PESCADORES...

Os dois homens que de terra iam puzando o barco á sirga tiveram de largá-lo, quando ele se voltou com a força da corrente. Dos outros dois homens, os pescadores que seguiam na frágil embarcação, esses (José Vila Real e Manuel Carvalho), ninguém mais os viu. As águas do Douro os tragaram e não lhes devolveram ainda os corpos. O batel, todo lacerado, foi dar a S. Martinho, deserto de vida. Ambos os pescadores deixam orfãos, que doravante olharão com um misto de saudade e de rancor...

A TECNICIZAÇÃO DA LAVOURA

São do maior interesse para a lavoura os resultados, as vantagens da motorização, que outros países tem provado excelentemente. Tal justifica o interesse que despertaram nos meios de alta lavoura as demonstrações promovidas pela Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, que ontem se efectuaram nas Quintas da Palhota e da Requeijada e a que assistiu o sr. secretário da Agricultura. Centenas de lavradores presenciaram os trabalhos e apreciaram inúmeros modelos de máquinas. A tecnicização não pode ignorar-se, nem dela se pode prescindir quando se pretende melhorar o rendimento económico do País.

E' de 529 286 contos o orçamento ordinário para 1961 da Câmara Municipal de Lisboa aprovado na sessão pública de hoje

Prosseguiu hoje a reunião pública da Câmara Municipal de Lisboa, interrompida no passado dia 21.

Presidiu o sr. brigadeiro França Borges, ladeado pelo vice-presidente, sr. Anibal David; e assistiram todos os doze vereadores.

O presidente apresentou a proposta de orçamento ordinário para o ano de 1961.

O orçamento é de 529 286 contos, sendo previstos: 337 872 contos de receita própria e 71 845 de receitas consignadas, no capítulo da receita ordinária; 119 569 de receita extraordinária; 301 069 de despesas próprias e 71 845 para pagamento por consignação de receitas, no capítulo da despesa ordinária; e 156 372 de despesa extraordinária.

Foi também distribuído aos vereadores o plano de actividades para o ano de 1961, tendo o presidente destacado as que considera mais importantes para a população cittadina e afirmou que a actividade dos serviços «há-de nortear-se pela imperiosidade de soluções acertadas, pela execução cuidada e, quanto possível rápida, e pela finalidade útil aos interesses da Câmara e do publico».

O dr. António Gonçalves Lourenço felicitou-se por figurar, no orçamento a verba de dez mil contos, para a construção de casas para famílias pobres, instaladas em barracas, e para desalojadas, fazendo votos para que seja dada preferência ás que vivem, em condições indesejáveis, em partes de casas que não reúnem um mínimo de conforto e de ambiente moral.

O sr. Julio Rocha Borges congratulou-se com «o bem elaborado plano de actividades», felicitando os serviços pela sua colaboração e manifestando a sua satisfação por ter sido consagrada a verba de 1500 contos, para a construção de piscinas de bairros.

A proposta orçamental foi aprovada por unanimidade.

Foi também aprovada uma proposta que mantém em vigor as actuais taxas unitárias dos impostos indirectos sobre carnes verdes,

DISTRIBUIÇÃO

de um bodo

a pobres da freguesia da Sé

A Sociedade de Beneficência da Freguesia da Sé, por intermédio do seu Refeitório de Santa Maria, procedeu hoje, a exemplo dos anos anteriores, a uma distribuição de calçado e vestuário a 30 crianças pobres suas protegidas e xaias, cobertores e lençóis a 20 velhinhos, também seus protegidos.

Feita a distribuição, foi servido um bem confeccionado e confortante almoço a todos os contemplados.

Estiveram presentes o representante do chefe do distrito, sr. Manuel Casimiro; cónego Manuel Luís e beneficiado Eugénio dos Santos, prior e coadjutor da freguesia da Sé e outras autoridades da freguesia. Estavam também presentes os srs. Mário Nunes Veras, presidente daquela humanitária Associação, António Ferreira, presidente da Junta de Freguesia e secretário da Sociedade de Beneficência da Freguesia da Sé. Aquela prestimosa colectividade distribui, diariamente, aos referidos contemplados alimentação de manhã e de tarde.

Prémios de revelação

da Sociedade Portuguesa

de Escritores

Encerra-se no próximo dia 15 de Janeiro o prazo de entrega de originaes destinados ao Concurso dos Prémios de Revelação para os géneros Ficção (romance, novela ou contos), Teatro (este sem limite de páginas), Poesia e Ensaio.

Para a instituição destes prémios contribuíram o editor António de Sousa Pinto, e dr. Acácio de Gouveia e os escritores José Rodriguesrigues e Virgílio Ferreira, galardoados com o Prémio Camilo Castelo Branco.

O regulamento dos prémios encontra-se á disposição dos concorrentes na secretaria da Sociedade Portuguesa de Escritores, Rua da Escola Politécnica, 20-1.º, das 15.30 em diante, e será enviado pelo correio a quem o solicitar.

O PORTO pelo telefone

Levantou o dinheiro do morto

PORTO, 29.—O sr. António Alves, residente na Rua da Torrinha, 168, queixou-se á Polícia contra um indivíduo que desconhece e que, em Maio findo, após a morte de um seu cunhado, sr. José Ferreira, verificada em 19 daquele mês, levantou por meio dum cheque, de uma casa bancária desta cidade, a importância de 21 500 escudos, ali depositada pelo extinto.

Acontece que aquela quantia é pertença do sogro do queixoso, sr. António Pereira, unico herdeiro do falecido.

Era só para assustar...

Na P. S. P. queixou-se o sr. João Joaquim Ferreira Cardoso, residente na Rua dos Mercadores, 122, 2.º, contra Orlando da Assunção Tavares, morador na Rua do Aleixo, 42, acusando-o de ter entrado na sua residência e, depois de se intitular agente da Polícia Judiciária, assustar sua esposa.

Incêndio numa torrefacção

Esta manhã manifestou-se incêndio na Torrefacção Portuense, na Rua de S. Sebastião, 83, pertencente á firma Pereira & Ferreira, Lda. O fogo, cujas causas se ignoram, teve início numa banca de madeira, que ardeu totalmente, propagando-se depois á sacaria e danificando a instalação eléctrica. Os Sapadores Bombeiros e os Voluntários do Porto extinguíram o fogo com duas agu-lhetas.

Distribuição de prémios

da F. N. A. T.

Na delegação da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho efectuou-se hoje uma sessão para distribuir os prémios a atletas e grupos desportivos que tomaram parte nos campeonatos da F. N. A. T. na época de 1958-59.

Foram distribuídas 71 taças, 225 medalhas e 2 placas aos componentes de 16 grupos, e ainda a 3 atletas individuais. Procedeu á entrega o delegado do I. N. T., dr. Valentim de Almeida e Sousa.

Espectáculos de amanhã

COLISEU — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Meus amores no Rio», musical. (12 anos).
S. JOÃO — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «As pupilas do sr. reitor», romântico (12 anos).
RIVOLI — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Começou em Nápoles», aventuras (17 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «A estrada da montanha», guerra (12 anos).
SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — A revista «Gosto que me enrosco» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Ben-Hur», bíblico (12 anos).
BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Sem talento para matar», comédia (12 anos).
VALE FORMOSO — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «O garoto do circo», aventuras (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Um militar e... meio», comédia (12 anos).
JULIO DINIS — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Uma sombra na sua vida», drama (17 anos).
NUN'ALVARES — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Revolta dos Cossacos», histórico (12 anos).

Regressou a fragata

«Pero Escobar»

Ao Alfeite regressou hoje a fragata «Pero Escobar», que sob o comando do capitão-de-fragata sr. António de Oliveira Baptista efectuou uma viagem de instrução com doze cadetes-aspirantes do Curso Diogo Cão, da Escola Naval, visitando, durante cerca de quatro meses, vários portos do Ultramar e do estrangeiro. Aguardavam os aspirantes numerosas pessoas de suas famílias.

CAMIONETA

contra um prédio

QUELUZ, 29 — (Pelo telefone) — Esta manhã em Queluz, uma camioneta de carga pertencente ao industrial Henrique Silvestre, ao subir a rampa D. Maria I, originou um espectacular acidente, por lhe haverem faltado os travões, de tal modo que embateu num prédio, o n.º 20 daquela rua, cujo rés-do-chão — loja de um sapateiro — ficou danificado seriamente, com a janela metida dentro e a cantaria toda destruída. Os prejuizos são consideráveis.



ARTUR AGOSTINHO apresentará o Conjunto vocal mexicano LOS CANGREJOS

COZINHA VELHA

RESTAURANTE — SALÃO DE CHA — BAR
PALACIO NACIONAL DE QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que no dia de Ano Novo servimos Almoços e Jantares com ementa especial, agradecendo desde já a reserva das suas mesas.

A DIRECÇÃO

CAMPEONATO NACIONAL BENFICA - BELENENSES

(Dia do Parque de Jogos)

COMUNICADO DA DIRECÇÃO

A Direcção do Sport Lisboa e Benfica, usando da faculdade conferida pela disposição aprovada em Assembleia Geral de 22 de Maio de 1959, resolveu levar a efeito o «DIA DO PARQUE DE JOGOS» no jogo Benfica-Belenenses a disputar em 1 de Janeiro p. f., pelo que os sócios do clube deverão adquirir bilhete especial de entrada, de Esc. 10\$00, cuja venda será feita na Secretaria da Comissão Central até ao dia 30, das 10 ás 24 horas, e no dia 31, das 10 ás 20 horas.

O ingresso dos sócios no citado jogo far-se-á com a apresentação deste bilhete e do cartão de associado com a quota referente ao mês de Dezembro corrente.

Lisboa, 28 de Dezembro de 1960.

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos — R. Elias Garcia, 185-187. Tel. 930072; Flama — R. Elias Garcia, 78-B.
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 4. Tel. 950117.
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 25. Tel. 980155.
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim.

T á g i d e

A melhor festa do FIM DO ANO em Portugal com um programa de categoria internacional

ANNY GOULD

Roger Normand

Ballet Hermanas Bernel

ISAURA CONÇALVES, acompanhada por José Ramos e Pedro Leal

ORQUESTRAS:

NICO LISENA (italiana)

com a vocalista MARY MOREN

(a partir do dia 31)

— actuando exclusivamente

no PALM BEACH —

FERNANDO ALBUQUERQUE

Com os vocalistas Eduardo Fortuna e Trudy

— actuando exclusivamente na «boite»

da «TAGIDE» —

e FERNANDO POTIER

— actuando no restaurante da «Tagide» —

(Maiores 17 anos)

ATENÇÃO! As reservas de mesas de que ainda não foram levantados os respectivos bilhetes só serão respeitadas até ás 23 horas do dia 30.

Palm Beach



NO CASINO ESTORIL

ANIMADO «RÉVEILLON»
COM UM «SHOW» DE GRANDE CATEGORIA
INTERNACIONAL

EVANGELINA ELIZONDO

FAMOSA CANTORA MEXICANA

LES ROLLY'S

ALEGRES FANTASISTAS

E

THE KALSKY FOLLIES

DINÂMICO E COLORIDO FRISO DE ESCULTURAS
BAILARINAS

PREÇOS — 250\$00, com ceia, no Restaurante, e 150\$00, com direito a 50\$00 de consumo (trajo de noite); 250\$00, com ceia, no «Wonder Bar», e 150\$00, com direito a 50\$00 de consumo (trajo de passeio); 100\$00, no Bar Americano (trajo de passeio), com direito a 30\$00 de consumo e sem mesa.

Avisam-se os excelentíssimos clientes que marcaram bilhetes para o «Réveillon», que devem proceder ao seu levantamento até às 19 horas do dia 31.

(MAIORES 17 ANOS)

O GRANDE REVEILLON DE LISBOA
VAI SER O DO

“CLUB DOS ARTISTAS”

À ENTRADA DO PARQUE MAYER — Telef. 33908

Vá onde a gente de Teatro se diverte! Marque a sua mesa!

AD. M/ DE
21 ANOS

MESMO QUE NÃO VEJA OUTRO FILME NA SUA VIDA NÃO PODERÁ DEIXAR DE VER ESTE!

GREGORY PECK AVA GARDNER
FRED ASTAIRE ANTHONY PERKINS



AHORA FINAL
(ON THE BEACH)

ADULTOS
(M/17 anos)

A MAIOR HISTÓRIA DO NOSSO TEMPO!



APRESENTANDO **DONNA ANDERSON**

ARGUM. DE JOHN PAXTON • EXTRAÍDO DA OBRA DE NEVIL SHUTE • PRODUÇÃO E REALIZ. DE STANLEY KRAMER • UM FILME DA UNITED ARTISTS

AVISO: o filme “A HORA FINAL” começará a ser exibido às 21,50 H. prefixas

SÃO JORGE
Telef. 54153
54154

FINALMENTE!

HOJE

ÀS 21.30

ESTREIA

AVISO
EM VIRTUDE DE ESTAR PRATICAMENTE
ESGOTADA
A
LOTAÇÃO
PARA HOJE
RECOMENDA-SE O
LEVANTAMENTO DE
TODAS AS MARCA-
ÇÕES O MAIS CEDO
POSSÍVEL

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — **A HORA FINAL** — SÃO JORGE



A's 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30 horas
(M. 17 anos)
Nem mais nem me-
nos que...

COM JEITO VAI... MESTRE

com todos os artistas da famosa série



A's 15.15, 18.15
e 21.30
(M. 12 anos)
O filme excepcional

A FURIA DO PODER

com Richard Burton e Carolyn Jones
Ela, era estranha, como a terra em
que vivia, e ele era um feroz egoísta...



A's 15.15 (p. r.)
e 21.45 horas
(M. 17 anos)
SENSACIONAL

COM JEITO VAI... MESTRE

e com o mestre e as mestras, todas as
caras conhecidas desta série



A's 15.15, 18.15
(M. 6 anos)
A's 21.30
(M. 12 anos)
Sempre encharcadas

JOSELITO na sua melhor criação em

3.ª SEMANA TRIUNFAL

A estupenda comédia em Eastmancolor

O PEQUENO CORONEL

As aventuras — canções e gargalhadas
O filme de que toda a gente fala.



A's 3 e 6.15 da tar-
de (p. r.) e 9.30 da
noite (M. 17 anos)
3.ª SEMANA
A célebre comédia
c/ Marilyn Monroe
e Yves Montand

VAMO-NOS AMAR!

Em Cinemascope Cor de Luxe
Uma realização de George Cukor



15.15 e 18.15 (p. r.)
e 21.30 horas
2.ª SEMANA
A sensacional comé-
dia com
John Wayne

**A TERRA DAS MIL
AVENTURAS**

com Capucine e Stewart Granger
Um dos melhores filmes da época!
CINEMASCOPE (M. 17 ANOS)



A's 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30 horas
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O maior filme de
capa e espada jamais
realizado pelo cinema

O GRANDE CAPITÃO
com Jean Marais — Elsa Martinelli
Em Eastmancolor



Hoje, às 21 h.
(M. 17 anos)
**A FLORESTA
INTERDITA**
IDADE PERIGOSA



A's 21.30
(Adultos)
Sophia Loren, Clark
Gable e Vittorio
de Sica, na comédia

COMEÇOU EM NAPOLES

Uma encantadora aventura no cená-
rio deslumbrante de Capri. — EM 2.ª
SEMANA.



A's 21.30
ESTREIA
(M. 17 anos)
Gregory Peck, Ava
Gardner, Fred As-
taire, Anthony Per-
kins em

«A HORA FINAL»

A's 18.15 — Últimas (M. 17 anos) —
«CAVALHEIROS DE INDÚSTRIA».



15.30 e 21.45 horas
(M. 12 anos)
5.ª SEMANA
Uma película de hu-
mor e amor

ULTIMO TANGO
com a incomparável Sara Montiel



A's 21.15
(M. 12 anos)
**O LAZARILLO
DE TORMES**
com Marco Paoletti



A's 21 (M. 17 anos)
**CONVERSA DE
TRAVESEIRO**
A L I B I



Telefone 55131

A's 15 e 21 horas
(M. 12 anos)
10.ª SEMANA
Uma história dos
tempos de Cristo

BEN HUR

com Charlton Heston — Jack Hawkins
ATENÇÃO — Pede-se a todos os srs
espectadores para comparecerem pon-
tualmente à hora do espetáculo.



Telefone 47163

**QUANDO O CÉU
É MAIS AZUL**

com Willy Birgel — Ellen Schwiers



Telefone 86507

**MULHER
DE NINGUÉM**
O HOMEM DA TERRA DE DEUS



(M. 17 anos)

O CORSÁRIO LAFITTE
com Yul Brynner



Telefone 70917

**TOTÓ CONTRIBUINTE
FÉRIAS EM PARIS**

VARIEDADES

HOJE, às 21.45 (17 anos)

CUCURUCUCU

com RIBEIRINHO • H.
SANTANA • IRENE ISI-
DRO • ASSIS PACHECO

Uma farsa de «suspense»!
SÓ ATÉ DIA 2



LUSO

— Adultos —
recção de
MODESTO MAIA
Fados e Canções
com MARIA
DA SAUDA-
DE — MARIA
A. PROENÇA —

Isaura A. de Carvalho — Eduardo
Franco — Vitor Moreira e o excên-
trico JOÃO VIANA — Adelino San-
tos e Amadeu Rami.
SABADO — FIM DE ANO — FADOS
e BAILE ao ritmo duma excelente
ORQUESTRA
Esmerado serviço de CEIAS
Marque a sua mesa pelo Tel. 362889

UMA PEGA 6\$50 DOÇARIA CASEIRA

só no BAR RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D
Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telf. 724111

O cinema ROMA apresenta, sábado, às 21.30



Marisol

*O caso mais espantoso
de talento precoce
da história do Cinema!*

**Um raio
de luz**

Grande Prémio de Interpretação no Festival Internacional
do Cinema Infantil de Veneza

ANSELMO DUARTE · MARIA MAHOR · JULIO SAN JUAN
EastmanCOLOR Realização de LUIS LUCIA

TALMA * 12 anos

SUEVIA FILMS

ATENÇÃO

Este filme foi escolhido para assinalar o «reveillon» de 1960. Todavia, a este espectáculo só poderão assistir maiores de 17 anos, em virtude da realização de bailes e da apresentação, de madrugada, do filme «Europa de Noite». A todos os outros espectáculos nocturnos poderão assistir maiores de 12 anos.

EXITO CONFIRMADO EM LISBOA, COMO O FOI EM TODO O MUNDO!



**A FÚRIA
DO PODER**

com as mais fortes criações de:

**RICHARD BURTON
ROBERT RYAN
CAROLYN JONES
MARTHA HYER**

VAI ENTRAR EM

2.^a SEMANA

NO EDEN

Espectacular e apaixonante como nenhum
outro, pela sua força e beleza inigualável das
suas personagens!

**UM FILME DE GRANDEZA INCOMPARÁVEL QUE ENCERRARÁ O ANO
DE 1960 DE MANEIRA INESQUECÍVEL!**

Realização de Vincent Sherman — o director de «Os milionários de Filadelfia»
Música de Max Steiner

TECHNICOLOR

EXCLUSIVO ASTÓRIA FILMES

(M. 12 ANOS)

EM ÉXITO CADA VEZ MAIOR

O ESCULTURAL
BALLET PEPITA GIMENEZ

E OUTRAS ATRACÇÕES COM
ZÉ ROSA E SEU CONJUNTO

AMANHÃ: ESTREIA DE CLASSE
A SUPER-ATRAÇÃO

LOS IRUÑÁKO

OS REIS DO DISCO DE 1960

Pasapoga

Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 21 anos)

NO SALÃO ANEXO:
ADMIRÁVEIS CEIAS COM
FADOS E GUITARRADAS

Sábado — Noite do fim do ano: Sensacional

REVEILLON

NOTÁVEL ELENCO DE ATRACÇÕES — MUITAS SURPRESAS —
ELEIÇÃO DA «RAINHA DO PASAPOGA» — BRINDES AS SENHORAS

VER AMANHÃ E SÁBADO ESTE ANÚNCIO



Maria Domingas



Barroso Lopes



Anita Guerreiro

As 20,30 e 22,45 horas, no

MARIA VITORIA

SALVADOR Telef. 31740

APRESENTA

A SUA MELHOR
E MAIS ALEGRE
REVISTA POPULAR

CHA' - CHA' - CHA'

com

**XIOMARA ALFARO
ANTÓNIO SILVA
COSTINHA**

MARIA DOMINGAS — BARROSO
LOPES — ANITA GUERREIRO —
LUIZA DURÃO

A COLABORAÇÃO DE
LEÓNIA MENDES
RITA TRUZI
E O
«CONJUNTO SEM NOME»

AD. M/ DE 17 ANOS

Em Coruche Reveillon
Restaurante típico "O Campino"

RUA DE SANTARÉM, 11

TELEF. 156 — CORUCHE

Quereis passar um «Reveillon» em ambiente agradável, com
esplêndido serviço de restaurante e um grandioso baile abri-
lhantado pelo famoso conjunto **Melodia de Lisboa**? Então visi-
tai este restaurante, na certeza que passareis um inesqueci-
vel Fim do Ano.

O seu proprietário José Luis Patrício da Cunha Matos, agra-
dece, desde já, a vossa comparencia, desejando um Natal
Feliz e um Ano Novo muito próspero a todos os seus estimados
clientes e amigos.

Informa que também se realizam bailes de «matinée» e «soirée»
no dia de Ano Novo. Aceitam-se marcações de mesas para os três
bailes.

Hotel de Vale de Lobos
Hotel de Turismo da Ericeira

**Sensacionais
Reveillons**

ALEGRIA — ELEGÂNCIA — AMBIENTE

2 ORQUESTRAS 2

FAÇA AS SUAS MARCAÇÕES PELOS

Telefones — 726111 — em Lisboa

094846 — em Vale de Lobos

25 e 130 — na Ericeira

TRIN-
DA
DE



HOJE,
às 21.45 h.

(Adultos,
M/17 a.)

A DISCUTIDA PEÇA DE
UGO BETTI

**LUTAR ATÉ
DE MADRUGADA**

O DESESPERO DO HOMEM
MODERNO NO FAVOR DA
JUSTIÇA INEVITÁVEL

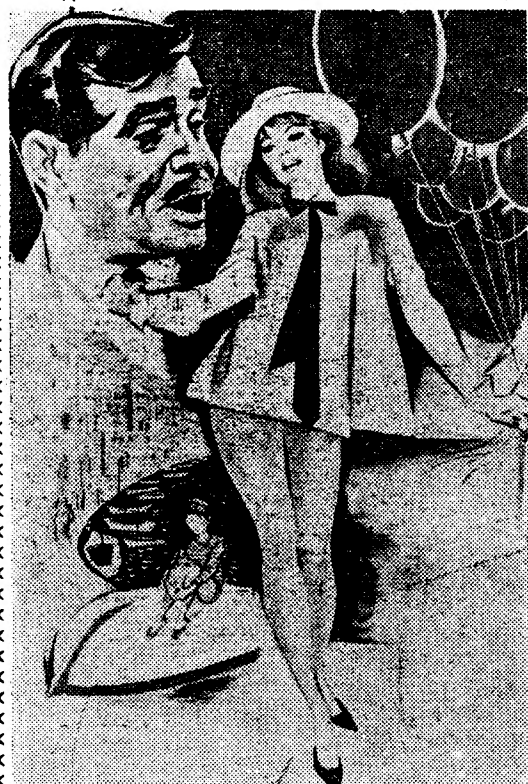
Sábado — TARDE CULTURAL,
2.º colóquio em cena aberta, com
participação do público na discussão
da peça

Preços especiais para Estudantes

- A peça de Ibsen, «Hedda Gabler», em versão portuguesa de Correia Alves que o elenco do Teatro Experimental do Porto está a ensaiar, sob a direcção do actor João Guedes, tem a seguinte distribuição de figuras: «Julle Tesman», Madalena Braga; «Berte», Nita Mercedes; «Jorgen Tesman», Mário Jacques; «Hedda Gabler», Dalila Rocha; «Sr.ª Elvsted», Alda Rodrigues; «Dr. Brack», Vasco de Lima Couto; e «Ejlert Lovborg», Pedro Santos.
- A Companhia Brasileira de Revistas, que estará no Porto do dia 2 ao dia 7, representará a revista «Gosto que me enrosco», em Braga, Aveiro, Viseu, Guarda, Castelo Branco e Portalegre.
- O escritor Romeu Correia, publicou a sua ultima peça intitulada «Vagabundo das mãos de ouro», que ainda não foi representada.
- Fará parte do elenco do Teatro Experimental de Lisboa, dirigido

(Continua na 11.ª página)

2ª SEMANA



O GRANDE ESPECTÁCULO DO FIM DO ANO!

Começou em Nápoles
(IT STARTED IN NAPLES)

NOVAMENTE NO SEU VERDADEIRO AMBIENTE,

SOPHIA LOREN

DEMONSTRA OS SEUS EXCEPCIONAIS DOTES DE MULHER E DE ACTRIZ, E ENCANTA O PÚBLICO NAS JÁ FAMOSAS CANÇÕES

CARINA e TUI VUÓ FA L'AMERICANO

com

CLARK GABLE - VITTORIO DE SICA

É um filme



MARIETTO e PAOLO CARLINI

UMA BRILHANTE REALIZAÇÃO DE
MELVILLE SHAVELSON

TECHNICOLOR
VISTAVISION

ADULTOS - M/17 ANOS



TEATRO MONUMENTAL

(ADULTOS M/17 ANOS)
20.30 e 23.30 h.

LAURA ALVES



um ESPECTÁCULO de
VASCO MORGADO

2ª SEMANA

Se gosta de teatro?
vá ao RÉVEILLON do MONU-
MENTAL ver BOA NOITE, BE-
TINA! com LAURA ALVES
Se gosta de cinema?
vá ao RÉVEILLON do MONU-
MENTAL ver o popular Cantinflas
no filme «Sobe e Desce», às 2.30
da manhã para o publico das duas
sessões

Se gosta de dançar?
vá ao RÉVEILLON do MONU-
MENTAL onde ao som de duas
formidáveis orquestras MONU-
MENTAL, dirigida por ISSI FA-
BRA e a Orquestra Espanhola de
LUIS MENCHERO que proposita-
mente se desloca de Madrid a
Lisboa para actuar sómente nesta
noite

Pois o grande sensacional RÉVEIL-
LON de 1969 organizado por
VASCO MORGADO é constituído
por um programa de Teatro, Cine-
ma, Baile e AS CÂMARAS
DA RADIO TELEVISÃO PORTU-
GUESA estarão presentes no TEA-
TRO MONUMENTAL à meia-noi-
te, para transmitirem a saudação ao
NOVO ANO e mostrarem a alegria
de todo o Publico ao soarem as
doze badaladas

e ainda o Conjunto «ANGOLA RITMO»

Os poucos bilhetes que restam encontram-se a venda para as duas sessões
20.30 e 23.30 horas
ESTE PROGRAMA É PARA O PÚBLICO DAS DUAS SESSÕES no en-
tanto se for à 1.ª sessão TERA MAIS TEMPO PARA DANÇAR
Teatro, Cinema e Baile — 17 anos
só Cinema e Baile — 15 anos

CAMPOS ELISEOS

Salão de Chá — com pista de dança
GRANDE RÉVEILLON

Informações e reservas de mesas, pelos Telef. 012017
ou 610051 — Maiores de 21 anos

CAPITOLIO

EMP.ª «FIGUEIRA DE GOUVEIA»

As 20.30 e 23 horas Ad. M/17 anos

SÓ ATÉ DOMINGO

O MAGNIFICO ESPECTÁCULO DE
HUMBERTO MADEIRA

RAUL SOLNADO
e **CARLOS COELHO**

A FORMIDÁVEL REVISTA POPULAR

A VIDA E' BELA!

UM ÊXITO MEMORÁVEL EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A SEGUIR A OPERETA «CAMPINOS, MULHERES E FADO»
(AD. M/17 ANOS)



«RÉVEILLON» NO CATAVENTO
ALGÉS

BAILE E CEIA NOS SEUS SALÕES COM ORQUESTRA
DE JOÃO QUEIMADO

COM OS ARTISTAS: DANIEL GARCIA, HUMBERTO MADEIRA,
MARIA HELA SILVA, MIMI GASPARETTO E TOMÉ DE BARROS QUEIRÓS
MARCAÇÃO DE MESAS PELOS TELEFONES 013014 - 014713

Restaurante Típico Espreia do Ribatejo

VILA FRANCA DE XIRA

RÉVEILLON

MARQUE A SUA MESA, PARA A CEIA DO FIM DO ANO
PELO TELEFONE 113

Se deseja almoçar ou jantar bem visite este restaurante onde
encontrará a caldeirada à fragateiro e o já afamado ensopado de
enguias.

Hotel da Nazaré

31 de Dezembro 1960

NOITE DE S. SILVESTRE

A mais animada. A de melhor am-
biente. Ceia com ementa escolhida.
Baile até de madrugada com a cola-
boração do

«RANCHO TA-MAR»

O melhor agrupamento do nosso
folclore e do «CONJUNTO
OS NAZARENOS»

DIÁRIA FIM D'ANO

(Modalidade original)

Informações e Reservas

Telef. 46311 e 46312 — NAZARÉ
NO PORTO — Agência Confiança
Telef. 26544/32987

**RÉVEILLON
NA PARREIRINHA
DO RATO**

A gerência deste Restaurante
comunica aos seus digníssimos
clientes que reserva mesas pa-
ra a Ceia especial de Fim de
Ano, com lotação limitada a
preços populares. Largo do
Rato, 11. c/ parque.

**EMPRESA TERMOELÉC-
TRICA PORTUGUESA**

S. A. R. L.
Sede: Rua do Bolhão, 72-3.º
Porto

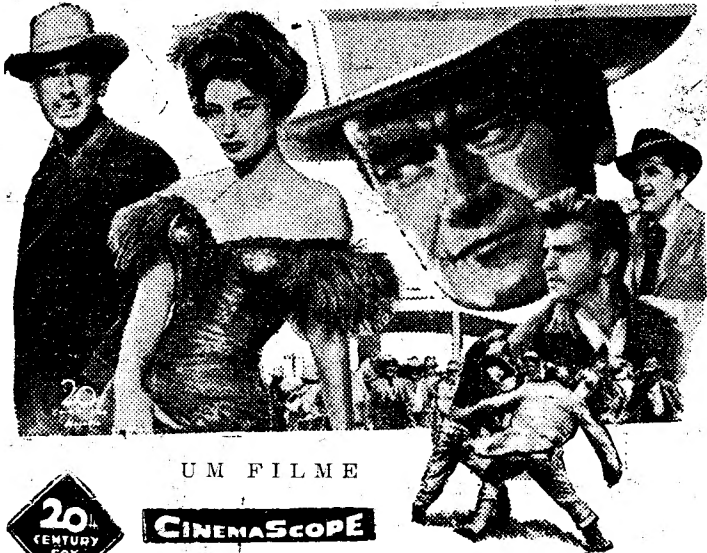
Capital: 185.000.000\$00

Rectificação a um anúncio
publicado em 22/12/60

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

2.ª Emissão de 5 % — 1957/58

Títulos de 1 obrigação — saiu
ilegível o n.º 9441



UM FILME



CINEMASCOPE
COR DE LUXE

PROD. E REAL.
HENRY HATHAWAY

ARG.
John Lee Mahin-Martin Rackin-Claude Binyon

2ª SEMANA no

Adultos, M/17 anos

PULITEAMA

Um êxito que ultrapassa todos os êxitos dos filmes do género! Uma super-
produção única, destemida, hilariante! Uma luta de gigantes!

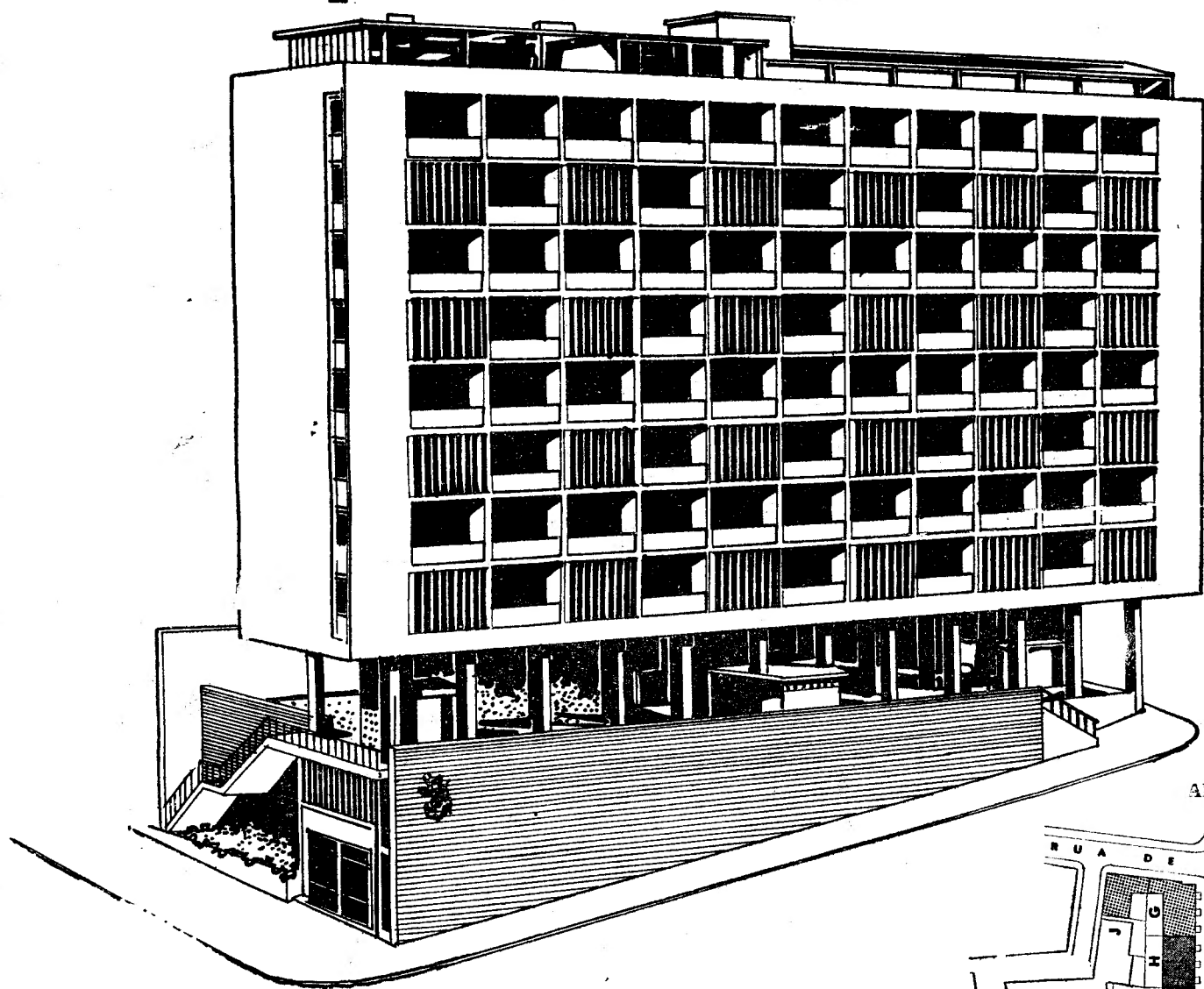
A HISTÓRIA BRILHANTE E TURBULENTA DE ALGUNS HOMENS CORAJOSOS E ALE-
GRES QUE VIVEM UMA AVENTURA CONSTANTE EM BUSCA DO OIRO E DO AMOR

A TERRA DAS MIL AVENTURAS

UM ELENCO MONUMENTAL COM

JOHN WAYNE - STEWART GRANGER - ERNIE KOVACS
FABIAN - E a grande revelação CAPUCINE

PROPRIEDADE HORIZONTAL

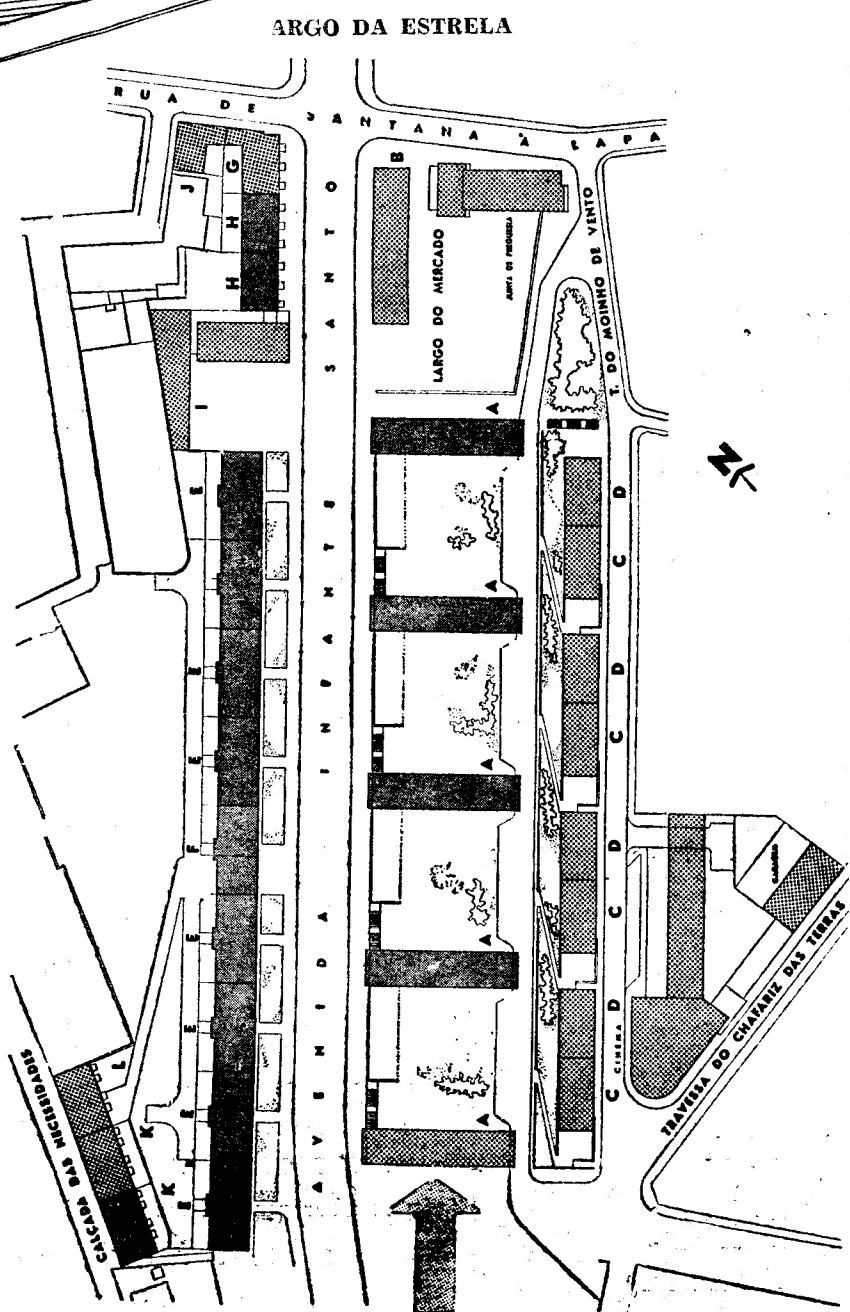


PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO NA
AVENIDA INFANTE SANTO, LOTE 5
COM EXCELENTE PANORAMA
SOBRE O RIO TEJO.

24 HABITAÇÕES COM 8, 10 E 11 DIVI-
SÕES PRINCIPAIS.

1 ESTABELECIMENTO COMERCIAL.

—
INSTALAÇÃO DE AQUECIMENTO
EM TODAS AS HABITAÇÕES.



AV. 24 DE JULHO

TECNICAL

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES S. A. R. L.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 146-3.º — LISBOA

TELEFS. 735111 - 735112 - 733163

Versões erradas e falsas interpretações (13)

Há quem suponha que a ditadura franquista — que foi a ditadura do rei — constituiu uma tentativa de saneamento dos costumes políticos, de morigeração dos hábitos detestáveis da administração monárquica, de reabilitação eficaz dos processos correntes na governação e direcção do Estado. Segundo essa tese, João Franco foi um homem de Estado de relevante mérito e um administrador de inconcussa probidade que, com o seu exemplo de homem rico e desinteressado, impôs ao regime uma orientação nova e salutar, e que os políticos e a política, o parlamento e o partido republicano, agindo de concerto, o impediram de concluir com êxito essa experiência pondo prematuramente termo à carreira do rei e à sua.

A tese tem o inconveniente de ser falsa da primeira à última linha. A exaltação da obra diplomática de D. Carlos, que não existiu, os louvores tecidos à sua acção como garante e zelador do interesse nacional, que os factos desmentem, a acusação de cumplicidade no regicídio, formulada contra os republicanos, a qual não passa de uma calúnia, formam o edifício de invenções cuja cupula é essa descarada mentira. João Franco, no exercício do poder quando este lhe foi confiado pelo favor real graças a uma intriga de palácio, ateou um incêndio no País e precipitou a queda da monarquia nada fazendo do que anunciara. Na oposição foi um demagogo que prometeu caçar no terreno dos republicanos. No Governo foi um político atrabiliário com os defeitos dos rotativos que excedeu com os seus erros e culpas.

A sua subida ao poder foi o produto de uma apostasia. Prometera combater os partidos rotativos que tinham descredito a monarquia e a administração e pediu e aceitou o auxílio de um deles para conseguir os seus fins. Na oposição prometeu ao País reformas liberais e foi protagonista de uma ditadura truculenta. Depois

de ter declarado que baniria a máquina do Estado os imorais e os corruptos praticou, como eles, a imoralidade e a corrupção em larga escala, negando, em cada dia, o que afirmara na véspera. Nunca o País atravessou uma fase tão agitada depois do termo das guerras civis cujo clima Franco ressuscitou. Do princípio ao fim se registaram no seu consulado desconcertantes episódios reveladores da sua mediocridade de político, da sua insensatez de governante, da sua incompetência de administrador. Esse consulado dividido em duas partes — antes e depois dos adiantamentos — desenrolou-se num ambiente de epilepsia que reflectiu o temperamento e métodos do ditador.

Rico e ambicioso, no parlamento promoveu arruaças que foram o ponto de partida para o seu descrédito. Associou-se a todas as intrigas que apressaram a dissolução do seu partido — o regenerador. Ministro da Fazenda, foi o primeiro cumplice do rei na questão dos adiantamentos. Ministro do Reino fez a lei de 13 de Fevereiro, manifestação ostensiva do seu pendor para a violência. Essa aventura coincidiu com a segunda tentativa ditatorial do reinado de R.

CARLOS FERRÃO

(Continua na 13.ª página)

Oficial de aviação condecorado pelo Governo americano

Na residência do embaixador dos Estados Unidos da América do Norte, efectuou-se esta manhã a cerimónia da imposição da Legião de Mérito (grau legiãoário) ao sr. tenente-coronel da Força Aérea portuguesa, João Ramalho Mira, agraciado pelo Governo norte-americano, devido aos serviços que prestou como oficial de ligação entre o comando da Zona Aérea dos Açores e as Forças Armadas norte-americanas.

Foi o embaixador dos Estados Unidos quem impôs a condecoração ao tenente-coronel Ramalho Mira. Estavam presentes os srs. general Albuquerque de Freitas, chefe do Estado-Maior da Força Aérea; almirante Paulo Viana, comandante de Terra, Mar e Ar, do arquipélago dos Açores; brigadeiro Francisco Chagas, 2.º subchefe do Estado-Maior da Força Aérea; brigadeiro Corte Real, brigadeiro-general Dany, comandante das Forças americanas nos Açores e, ainda, o sr. almirante Wallis Peterson, chefe do M. A. A. G. em Portugal, assim como muitos outros oficiais portugueses e americanos, entre os quais os adidos do Ar, Naval e do Exército, acreditados em Lisboa, acompanhados dos seus adjuntos.

O embaixador Burke Albrick enalteceu em breves palavras as qualidades e o elevado grau de competência profissional do agraciado, após o que o brigadeiro-general Dany, que se deslocou expressamente dos Açores a Lisboa, leu o expressivo louvor do Governo norte-americano.

No final, o sr. tenente-coronel Ramalho de Mira, agradeceu a honra da distinção que lhe foi conferida.

OS ALUNOS das escolas inglesas vão receber um folheto sobre o Infante

LONDRES, 29. — A revista «The Schoolmaster», no seu número de Natal, insere um artigo sobre o Infante D. Henrique.

A revista é o órgão do professorado inglês e o artigo faz parte de uma série que a Comissão Henriquina Anglo-Portuguesa tem a intenção de publicar, com o objectivo de fornecer aos alunos das escolas britânicas conhecimentos sobre o Príncipe Navegador e as Descobertas marítimas dos Portugueses.

Encontra-se, actualmente, na tipografia um folheto sobre o Infante e a época dos Descobrimentos, que se destina a ser distribuído nas escolas da Inglaterra, e que deve estar concluído pelo Ano Novo. — (A. N. I.).

335 813 TURISTAS de Janeiro a Novembro visitaram Portugal

A direcção dos Serviços de Turismo do S. N. I. publicou agora as estatísticas do turismo português até Novembro deste ano.

Assim, desde Janeiro ao último mês visitaram o nosso País 335 813 turistas, ou seja, mais 19,3 por cento que no mesmo período de 1959 (281 309).

Depois dos Espanhóis (89 659), os que mais nos visitaram foram os Franceses (58 349), Norte-Americanos (53 270), Ingleses (29 084), Alemães (18 696), Brasileiros (11 561), Italianos (9 319), Belgas (7 671) e Suíços (7 423).

Em Novembro vieram a Portugal 17 115 turistas, mais 35,7 por cento que em 1959 (12 608).

1961 será um bom ano turístico para Portugal

LONDRES, 29. — Nos círculos ligados aos assuntos do turismo, prevê-se que 1961 seja um bom ano turístico para Portugal.

Desde há já alguns anos, a Espanha tem sido destino predilecto dos turistas ingleses. Considera-se provável que mantenha a sua popularidade, mas numerosos artigos agora aparecidos na imprensa britânica mostram crescente interesse por Portugal, salientando-se que é um país muito diferente da Espanha.

Um correspondente do «Guardian», em artigo agora publicado, elogia Lisboa como estância de Verão. E a edição do «Times» do dia de Natal refere-se a Portugal e à Espanha, considerando-os «os vizinhos mais diferentes». O jornal londrino escreve:

«Portugal e a Espanha são dois mundos profundamente diferentes e, tão depressa se cruza a fronteira entre ambos, o facto torna-se logo evidente.

«O mundo português tem um aspecto tranquilo; o próprio aspecto exterior da Espanha é estranhamente áspero.

«Há, evidentemente, as diferenças etnológicas a tomar em conta; mas não é tudo.

«Portugal, sente-se, é um barco ancorado em águas calmas; a Espanha é uma embarcação que luta bravamente para reparar os estragos causados pelas tormentas».

Vão ser adquiridos seis aviões e sobresselentes por 120 000 contos

Vão ser adquiridos seis aviões «Noratlas», motores e outros sobresselentes, equipamentos e ferramentas, a fábrica Nordoniaction Société National de Constructions Aéronautiques, com sede em Paris, pela quantia de 120 000 000\$00, cujo pagamento será feito através do Fundo de Defesa do Ultramar, nos anos de 1961, 1962, 1963 e 1964.

Sobresselentes para motores de avião

Foi autorizado o conselho administrativo da Direcção dos Serviços de Material da Força Aérea a celebrar contrato no presente ano económico com as empresas indicadas no decreto 43 439, para o fornecimento de sobresselentes para motores de aviões «Pratt & Whitney» equipamento de microondas e sobresselente para motores de avião «F. 86-F». O encargo total destes contratos importa em 0 087 687\$10, que serão liquidados no ano económico de 1961.

Todos os dias:

Pratos da Cozinha Portuguesa

SNACK BAR

do

Restaurante Comodoro

Praça D. João da Câmara, 23 - cave (Telef. 35814)

A verdadeira (e pouco conhecida) COZINHA REGIONAL

A sede provisória em Algés da Fundação Santa Isabel instituída por um cidadão espanhol foi esta manhã inaugurada

Inauguraram-se esta manhã as instalações provisórias da Fundação Santa Isabel, instituída em Algés pelo grande benemérito espanhol Joaquim Peña, que ofereceu 30 mil contos para a sua manutenção, dos quais seis mil já estão em movimento.

Presidiu à inauguração da sede provisória — um pavilhão de um só andar, construído no tempo record de um mês — o sr. eng. Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publi-

cas, que foi aguardado pelos srs. drs. Alambre dos Santos, Armando Rocha, Appleton Figueira, Mendes Magalhães e Gonçalves Pereira e D. Maria da Graça Godinho, do conselho directivo da Fundação; presidente da Câmara Municipal de Oeiras, arquitecto Costa Cabral Macedo e respectiva vereação.

Após rápida troca de cumprimentos, o sr. eng. Arantes e Oliveira, acompanhado das entidades referidas, visitou os bairros de lata de Santas Martas e do Pereiro, onde vivem em precárias circunstâncias centenas de famílias, que pagam de renda mensal pelas insalubres casas entre cem e quatrocentos escudos.

Durante a visita, em que participou também o sr. dr. Agostinho Pires, director-geral da Assistência, que representava o sr. ministro da Saúde, o sr. eng. Arantes e Oliveira observou in loco as condições de vida de algumas famílias residentes naqueles bairros, e, depois, os locais onde vão ser construídos três blocos de habitações, cada um em seu sítio, destinados a alojar condignamente os moradores daqueles bairros. Os blocos serão custeados com capitais da Fundação Santa Isabel.

Seguiu-se a cerimónia da inauguração do pavilhão, sede provisória da Fundação. No largo fronteiro à porta principal do vasto edifício, aguardavam os visitantes, além do sr. Joaquim Peña, o pároco da freguesia e o major Fernando Ermida, 2.º comandante do Batalhão n.º 2 da Guarda Nacional Republicana. Realizou-se então uma visita inaugural às instalações, que incluem os serviços administrativos, dispensário, lactário, serviços sociais, posto médico e posto da G. N. R. da localidade.

Actualmente, 2500 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, beneficiam de assistência provida pela Fundação. O posto clínico funciona diariamente com consultas internas e externas. Estas últimas têm por objectivo vigiar a saúde dos moradores dos referidos bairros. Antes de se retirar, o sr. ministro das Obras Públicas observou as plantas dos três blocos de habitações que a Fundação vai construir.

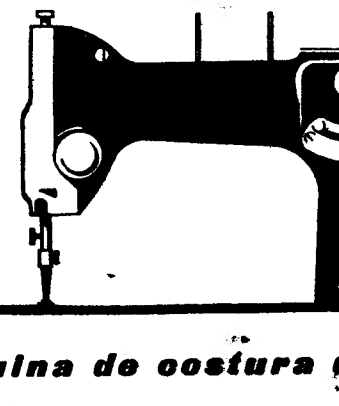
O sr. Joaquim Peña, que reside há cerca de oito anos no Estoril, e tem distribuído importantes quantias pelos necessitados, foi muito felicitado por todos os presentes.

Aeroporto do Funchal

Alguns jornais referem que para a construção do aeroporto do Funchal o Governo concedeu um subsídio de 2400 contos. O leitor desprevenido pode supor que é essa a única contribuição do Estado para a construção daquele aeroporto, quando é certo que ela foi dotada no Plano de Fomento para 1961 com 20 000 contos, prevendo-se que sejam precisos mais 50 000 contos para a conclusão das obras. A verba de 2400 contos refere-se à parte com que o Governo contribui para as expropriações a fazer, a cargo da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.



a ventura de Natal e de Novo Ano e a alegria de uma OLIVA



OLIVA máquina de costura

VEJA

GREGORY PECK, A V A GARDNER, FRED ASTAIRE, ANTHONY PERKINS e a revelação DONNA ANDERSON numa produção de STANLEY KRAMER

VEJA

um filme que nos conta o que nenhum de nós deseja que aconteça, mas que todos nós admitimos que possa acontecer

VEJA

o que seria o Mundo em 1961 se eclodisse uma guerra nuclear e a Humanidade estivesse ameaçada de desaparecer da Terra

VEJA

uma corrida de automóveis em que os pilotos buscam a morte ao volante para se furtarem às consequências fatais das emanções radioactivas

VEJA

como pode reagir a população do hemisfério Sul da Terra, quando a vida deixou já de existir no outro hemisfério.

VEJA

“A HORA FINAL”

A PARTIR DE HOJE NO



NÃO É UM FILME DE ANTECIPAÇÃO, MAS UM AVISO DIRIGIDO À CONSCIÊNCIA DA HUMANIDADE!

(Adultos—Maiores de 17 anos)

pelos srs.
Armando
ra, Mendes
Pereira e
ho, do con-
lação; pre-
nicipal de
Cabral Ma-
ção.

e cumpri-
es e Olivei-
tidades re-
os de lata
ereiro, on-
circunstân-
as, que pa-
pelas insa-
quatrocen-

que partici-
ostinho Pi-
assistência,
ministro da
s e Olivei-
condições
filhas resi-
e, depois,
onstruídos

da inaugu-
provisória
fronteiro á
o edifício,
s, além do
párcos da
ando Ermi-
alhão n.º 2
publicana,
visita inau-
ncluem os
dispensá-
ais, posto
R. da loca-

oas, entre
ças, bene-
dicalizada
único fun-
consultas
as últimas
a saúde
idos baír-
o sr. mi-
cas obser-
bloco de
lação vai

que reside
Estoril, e
ntes quan-
foi muito
presentes.

unchal

que para
o do Fun-
um subsí-
or despre-
essa a uni-
o para a
orto, quan-
otada no
1961 com
e que se-
contos pa-
A verba
á parte
ribui para
a cargo
rito Autó-

ntura de Nata[
Novo Ano Feliz...
legria
ma OLIVA no lar!



Costura de Portugal

UMA DAS DEZ mulheres mais elegantes do Brasil:

a sr.ª de Manuel Rocheta

RIO DE JANEIRO, 29. — Anuncia-se que a esposa do embaixador de Portugal no Brasil, a senhora de Manuel Rocheta, foi considerada uma das «dez mulheres mais elegantes do Brasil em 1960».

A escolha anual é feita pelo cronista social Jacinto de Thormes, que apresenta a fotografia de todas as escolhidas na primeira página do vespertino carioca «Última Hora». — (A.N.I.).

Manifestação em Copenhague contra as explosões atómicas francesas

COPENHAGUE, 29. — Várias centenas de pessoas manifestaram-se ontem, à noite, em frente da Embaixada de França nesta cidade, protestando contra a explosão da terceira bomba atômica francesa.

A Polícia anuncia que a manifestação foi calma e ordeira. Mais tarde, os manifestantes dirigiram-se ao Parlamento para convidar o Governo a censurar a atitude francesa. — (R.).

PESAR DO GOVERNO JAPONÊS

TÓQUIO, 29. — O Ministério dos Negócios Estrangeiros japonês anunciou hoje que o embaixador do Japão em Paris tinha apresentado ao Governo francês o «profundo pesar» do Governo japonês pela explosão da terceira bomba atômica francesa. — (R.).

A actividade do Ministério das Obras Públicas no ano de 1959

Do engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas, recebemos dois grossos volumes em que se relata a actividade daquele departamento do Estado, no ano de 1959.

No preambulo, explica aquele membro do Governo os propósitos da publicação do relatório — o sexto desde que é ministro: habilitar «a Nação a julgar do funcionamento de um sector essencial da administração do Estado e a formular, como aliás o tem feito por várias formas, as suas críticas e as suas recomendações», ao mesmo tempo que dá aos próprios serviços responsáveis «preciosa matéria de reflexão sobre os aspectos em que deve ainda incidir o esforço constante de aperfeiçoamento a que estão necessariamente obrigados».

Louva os serviços «pelo esforço desenvolvido nos múltiplos sectores de actividade e pela qualidade do trabalho produzido em mais um ano de árdua labuta», individualizando o subsecretário de Estado, engenheiro Saraiva e Sousa a cujas «exemplar lealdade e infatigável actuação presta mais uma vez a sua sincera homenagem».

Salienta que o ano de 1960 coincidiu com o primeiro da vigência do novo Plano de Fomento, e que este facto, a prática, conclusão, em 1958, das vultosas obras de rega do 1.º Plano de Fomento e a pausa imposta, neste sector, pela demora no início de execução do Plano de Valorização do Alentejo, não permitiram «manter no ano findo o montante global da despesa do Ministério» «no nível excepcional atingido no ano anterior».

Grandes explosões nos depósitos de petróleo e gás no porto de Nova York

BAYONNE (Nova Jersey), 29. — Estão em chamas depósitos de petróleo instalados ao longo do porto, sendo as explosões ouvidas a quilómetros de distancia, mesmo na cidade de Nova York.

Numerosas brigadas de bombeiros dão combate ao incêndio, que lavra, assustadoramente, a quatro quilómetros da Estátua da Liberdade, no porto de Nova York.

Uma série de explosões abalou as refinarias da Phillips Petroleum Company, onde se fabrica gás propano. Pelo menos, três grandes depósitos estão a arder e as chamas atingem cerca de 50 metros de altura.

A Polícia informa que morreu uma pessoa, outra desapareceu e há dois feridos de gravidade, devido às explosões seguidas de violento incêndio nas refinarias da Phillips Petroleum Company, que fica situada apenas a uns 300 metros da Standard Oil Company. Três grandes depósitos de petróleo estão em chamas.

Mais de 500 pessoas tiveram de fugir do local onde lavra o fogo.

Cerca de 1000 bombeiros e muitos trabalhadores foram mobilizados para se tentar evitar o alastramento das chamas provenientes do grande incêndio verificado no porto de Nova York.

Tudo o material de incêndio da zona portuária se encontra no local do sinistro.

A série de explosões nos depósitos de petróleo produziram ferimentos em quatro pessoas e obrigaram 300 outras a abandonar a zona.

O fogo destruiu cerca de 200 pequenos reservatórios de propano, antes de ser dominado, às 6 horas e 20.

As chamas chegaram a atingir 300 metros de altura e só foram debeladas depois de esforços porfiados dos bombeiros. — (A. N. I.).

Armstrong-Jones revela-se bom caçador

SANDRINGHAM (Inglaterra), 29. — Antony Armstrong-Jones, o marido da princesa Margarida, cuja pericia como fotógrafo lhe criou renome, salienta-se, agora, em outro domínio muito diferente: a caça aos faisões.

O antigo fotógrafo da corte foi um dos seis caçadores que inauguraram a época na propriedade real de Sandringham. Apesar do vento, que dificultou as proezas cinegéticas, o grupo abateu quinhentos faisões, tendo a rainha Isabel, que com a princesa Margarida e a duquesa de Gloucester se reuniu á excursão, pela tarde, felicitado o cunhado pela sua pontaria.

Além de Armstrong-Jones, participaram na caçada: o príncipe Filipe; o duque de Gloucester, príncipe William; «sir» Michael Adeane, secretário particular da rainha; «lord» Plunkett, um dos escudeiros da rainha; e um velho amigo de Margarida, Billy Wallace. — (A. N. I.).

O anticolonialismo deu aos soviets novas oportunidades de causarem perturbações

NOVA YORK, 29. — O «New York Times» num editorial qualifica de «autêntica troca» a declaração de Kruchchev saudando como uma vitória da União Soviética a declaração anticolonialista da O. N. U. e a promessa de auxílio armado aos «povos subjugados» que se revoltaram.

O editorialista comenta: «As palavras de Kruchchev são uma autêntica troca dos milhões de criaturas subjugados pelo imperialismo comunista e soviético».

«A sua principal intenção é, sem duvida, dar um novo passo na campanha anticolonialista que a Rússia tem vindo a lançar contra as potências ocidentais. Mas a declaração soviética dirige-se, também, contra aqueles que votaram a moção anticolonialista».

«Assim, a União Indiana, que apoiou a moção, debate-se com uma revolta das tribos Nagas — apoiada».

RISCOS NA AREIA

Se Jesus voltasse...

de ROCHA JUNIOR

As minhas reflexões sobre o caso da perdiz abatida a tiro nos claustros da Sé Patriarcal induziram alguns leitores a reputar iníquo o direito de asilo conferido outrora pela Igreja aos que se refugassem nos seus templos. Mais do que iníquo, imoral, o considerava Helvetius, reconhecendo que, se algumas vezes ele servia de égide à inocência, na maioria dos casos beneficiava apenas a impunidade dos piores criminosos. E onde o autor do «Traité de l'Esprit» via imoralidade era no suposto facto de a Igreja «fazer do templo refúgio do crime para conservar por esse meio um maior crédito sobre inúmeros homens que respeitavam nos monjes os únicos protectores capazes de os subtrahirem ao rigor das leis».

Claro que o desuso dessa prerrogativa pouco ou nada adiantou, visto ela haver passado para o campo da Diplomacia, que não é feita de melhor massa do que a Igreja. As legações e embaixadas recorrem hoje em dia, tanto homens dignos que por delictos de opinião incorreram no desagrado do poder, como simples politicastros ambiciosos que só depois de sugarem largos anos uma teta opipara, abandonam e injuriam a vaca, convencidos de que noutro lado poderão encontrar outra melhor. E o mais curioso é que ainda há, mesmo entre as pessoas inteligentes, quem tome a sério esses aventureiros, creditando a sua mudança na conta do arrependimento.

Realmente, nunca é tarde para a gente se arrepender. Jesus não perguntou a Madalena quantos anos tinha andado perdida...

Certo é que, justo ou injusto, o recurso ao direito de asilo está tendo cada vez mais actualidade. Para o uso que dele se faz inventou um literato estrangeiro a expressão: escolher a liberdade. Escolhe-se a liberdade quando se foge de um país tirano, mesmo que seja para outro onde, paradoxalmente, também não haja liberdade nenhuma. O homem arrasta consigo o instinto da fuga porque nasceu com o estigma da perseguição. E o maior exemplo desta verdade vem-nos precisamente de Jesus, que foi perseguido ainda antes de nascer, talvez por os seus algozes terem pressentido nele o primeiro patriota da História, o primeiro revoltado contra o domínio particular de César, a imperar o domínio universal de Deus. Jesus quis ensinar-nos a morrer por ideias generosas, mesmo quando os outros ainda não estão suficientemente habilitados a reconhecer-las como tais. E a História trasborda de mártires, que só

(Continua na 13.ª página)

O tempo que iaz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal continental o vento era moderado de Noroeste e o céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a sueste dos Açores.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS (T. M. G.): Portalegre 5°; Porto, 6°; Coimbra, 8°; Lisboa e Faro, 9°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 11°4; na água do mar, 13°1.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE, EM LISBOA, ÀS 15 HORAS: Máxima, 17°; mínima, 9°2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 11°5; mínima, 9°1.

PREVISÃO ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: Céu pouco nublado, ocasionalmente muito nublado. Vento moderado de Oeste. Possibilidade de chuviscos durante a noite nas regiões do litoral a norte do Cabo Mondego. Pequena subida de temperatura.



Consul de Israel

Teve a amabilidade, que agradecemos, de nos apresentar cumprimentos o cônsul de Israel em Lisboa, sr. Shimeon Amir, que há pouco tempo ocupou o seu posto.

MÓVEIS
de todos os estilos
QUINTÃO
apresenta em exposição permanente uma magnífica colecção
30, R. IVENS, 34

Jóias Antigas e Modernas
compramos pelo mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

PERUS PRONTOS A COZINHAR OU ASSADOS
ENTREGAS NO DOMICÍLIO
CHARCUTARIA AZULINA
AV. JOÃO XXI, 23-A — TEL. 761112

Mário Gonzaga Ribeiro

R. Carlos Mardel, 12

Apresenta
no programa
«23.ª HORA»
RADIO RENASCENÇA

Hoje Quinta-feira, às 0.45
«AS VEDETAS FALAM DO SEU DAUPHINE»
com Lourdes Norberto

Quinta-feira, 29 de Dezembro de 1960

Publicações

Revista «Electricidade»

Com o numero 16 agora distribuído, completa a revista «Electricidade» o quarto ano da sua existência. O sumário deste numero é ainda superior ao anterior. A brilhante lição sobre a revisão das tarifas de venda de energia eléctrica em alta tensão, do professor Marcello Caetano, só por si bastaria para justificar esta afirmação. O estudo apresentado pelos cientistas espanhóis engs. M. F. Bollo e A. del Pa-

lacio San Miguel é de relevante interesse, e mostra mais uma vez o valor da técnica espanhola. Têm também muito interesse os artigos do eng. Fernando Manzanares Abecasis, do eng. Ribeiro Gomes, do eng. Franklin Guerra, do eng. Carvalho Xerez, do eng. Silva Salta, do prof. Paulo de Sá (brasileiro) e do eng. Quadros e Costa.

«Catálogo dos Livros de Direito — II»

A Biblioteca da Ordem dos Advogados, superiormente dirigida por esse apaixonado do livro que é o dr. F. Abranches Ferrão, publicou agora o II volume do seu Catálogo de Livros de Direito. Abrange o Direito corporativo, Direito do trabalho, Direito internacional público e privado, administração e Direito colonial, Direito administrativo, Direito político e constitucional e Direito processual civil. O volume tem uma bela apresentação onde se sente o dedo mestre do dr. Ferrão que o prefacia.

«Lisbon Courier»

Com excelente aspecto gráfico,

que já constitui uma tradição, saiu mais um numero da magnífica revista «Lisbon Courier», referente a Novembro e cuja capa reproduz uma vistosa tricomia de um barco rabelo no rio Douro.

Insere vasta colaboração de muito interesse e é especialmente consagrado á participação portuguesa nas feiras internacionais.

Registamos, ainda, uma sugestiva reportagem das Comemorações Henriquinas em Tomar e as habituais rubricas da actividade teatral, artística, desportiva e social.

«Lisbon Courier» mantém, assim, a sua missão de órgão de propaganda do nosso País, no estrangeiro — para o que muito contribui o facto de ser redigida em quatro linguas.

«DIÁRIO DE LISBOA»

A direcção cessante da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, agradeceu ao «Diário de Lisboa» a colaboração que o nosso jornal lhe prestou.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21 horas: «Feitiço andaluz» e «Duelo no deserto» (12 anos).

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — A's 21.15: «A luz do Sol» e «O salário do pecado» (17 anos).

CARCAVELOS — Vitória - Cine — (Não há espectáculo).

PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Com jeito vai, senhor guarda» e «Tenda Negra» (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 17 (12 anos) e ás 21.30 (17 anos): «O corsário Lafitte»; Cine-Esplanada — (Não há espectáculo).

CASCAIS — S. José — A's 21.30: (17 anos): «Sonho de amor».

Farmácias de serviço

ALGÉS — Nifo — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 81. Tel. 012070.

CAXIAS — Farmácia Nova — Praceta. Tel. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 Tel. 042034.

OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis, 98. Tel. 043090.

PAREDE — Grincho — Av. Ca Republica, 87-A. Tel. 047204.

ESTORIL — Lopes — Rua Hangar, 3. Tel. 060008; Farmácia S. João — Estrada Nacional, 18. Tel. 061186.

CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento, 19. Tel. 080141.

Vida artística

Exposição de Túllio Victorino

Continua patente ao publico, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a exposição do pintor Tullio Victorino, que se encerra amanhã.



JOSÉ MARQUES ANTUNES
FALECEU

Isabel Marques Antunes, Aurora Aguas Pinto Antunes, Maria da Graça Antunes de Mesquita, marido e filhos; Ivone Antunes Moreira, Jorge Marques Antunes e filhos e mais família, participam o falecimento de seu querido irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, 30, pelas 11 horas, da Igreja de S. Nicolau, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA SALGADO



JOSÉ MARQUES ANTUNES
FALECEU

J. MARQUES, LDA., participa aos seus clientes e amigos o falecimento do seu sócio gerente e que o funeral se realiza amanhã, 30, pelas 11 horas da Igreja de S. Nicolau, para o cemitério dos Prazeres.

JOSÉ MARQUES ANTUNES
FALECEU

Os empregados da firma J. Marques, Lda., participam o falecimento do seu estimado amigo e patrão e comunicam que o seu funeral se realiza amanhã, dia 30, pelas 11 horas, da igreja de S. Nicolau, para o cemitério dos Prazeres.

ALGÉS



Palmira da Conceição Freitas Rodrigues Pedroso

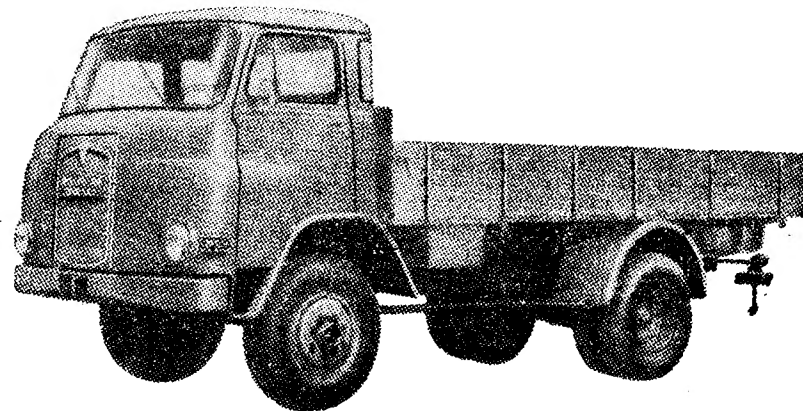
Missa do 30.º dia

Filha, genro netos e mais família participam que amanhã, 30, será rezada missa pelo seu eterno descanso, na igreja dos Jerónimos, ás 10 horas, agradecendo a todos que assistirem ao piedoso acto.

M.A.N.

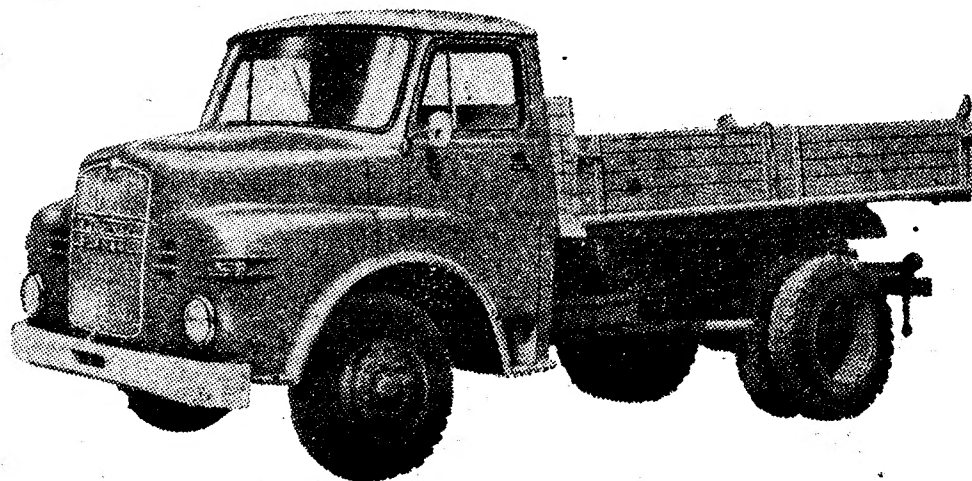
A MAIS MODERNA
FÁBRICA DE CAMIÕES
DA EUROPA,
APRESENTA
O NOVO MODELO:

...sempre
o
primeiro



770 L1

O CAMIÃO QUE ELIMINA AS SUBIDAS



CABINE NORMAL

DE NOVO DESENHO AERODINAMICO E GRANDE CONFORTO

CABINE
AVANÇADA DE LINHAS
INTEIRAMENTE NOVAS

COM O CÉLEBRE
MOTOR

M.A.N.
DIESEL

SISTEMA «M»
MULTI-COMBUSTÍVEL
DE 184 H.P.

— X —

6 VELOCIDADES
SINCRONIZADAS

— X —

NO CAMIÃO: —
9,5/10 TONELADAS
DE CARGA ÚTIL

— X —

C/ REBOQUE: —
22/23 TONELADAS
DE CARGA ÚTIL

OS MAIS ANTIGOS CONSTRUTORES DE MOTORES DIESEL DO MUNDO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

SOCIEDADE COMERC. E INDUST. DE AUTOMÓVEIS

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S. A. R. L.

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19 — LISBOA // RUA DE SANTO ILDEFONSO, 535 — PORTO

Os lodos do Tejo

os esgotos e os lixos devidamente aproveitados enriquecerão muitos milhares de hectares de terrenos pobres

Manuel de Ortigão Burnay, figura bem conhecida em todos os meios, antigo colaborador do «Diário de Lisboa», e a cujas actividades de interesse nacional fizemos referência na secção «Há 30 anos», de 28 de Novembro último, voltou a estar em foco com a sua iniciativa do aproveitamento dos lodos amontoados no nosso estuário, a que, de resto, a Imprensa e a Televisão aludiram largamente. Dado o alcance da inovação, resolvemos procurá-lo, a fim de lhe formularmos algumas perguntas:

— Como e quando lhe surgiu a ideia de aproveitar os lodos do Tejo?

Depois de se referir às primeiras descargas de lodos para terra firme, efectuadas há dias, em Xabregas, com o único fim de fixar nas objectivas um acontecimento inédito no nosso rio, já que a apreciação técnica e económica do caso foi confiada, por sugestão sua, «a categorizados técnicos do Plano de Fomento», Manuel Burnay respondeu-nos:

— Foi durante a primeira guerra mundial, ao visitar oficialmente os «Champs d'Épandage» de Asnières, onde se espalhavam os esgotos de Paris, que tal ideia assaltou o meu espírito. As primeiras tentativas feitas por mim em Lisboa, no que a esgotos e lodos se refere, esbararam, porém, com múltiplos obstáculos. Os êxitos espectaculares resultantes de adubações químicas desequilibradas, então incipientes e objecto de publicidades demasiado exclusivistas, foram uma das causas. Estava-se ainda sob a influência de teorias que previam a possibilidade de agricultar os solos sem se atender às tradições milenárias (bilionárias) em que o humus e a matéria orgânica imperavam, com a sua dinâmica, factores de crescimento, e capacidades de troca.

— Como se encaram lá fora estes problemas agrícolas?

— A bibliografia sobre estes assuntos é já vasta. Não cabe numa síntese jornalística. A título de informação curiosa, posso, contudo, reproduzir aqui algumas atitudes e pontos de vista de dois grandes magnatas da política internacional: Eisenhower e Kruchchev; certamente bem informados pelos seus cientistas e serviços técnicos.

E citou-nos a opinião do primeiro, extraída do último livro de André Mahé («Aliment normal, Source de Santé» — Ed. Pierre Horay, Paris.) «Um espectro tão sinistro como o da bomba de hidrogénio paira sobre as nossas cabeças, pois ele poderia, por si só, ser capaz de despojar os nossos continentes, e destruir as nossas cidades. Refiro-me ao terror simulado que representa o desbarato dos recursos naturais do nosso planeta e, especialmente, a exploração criminosa dos solos. Que plantações tiraríamos pelo facto de sobrevivermos à tragédia ou ao triunfo da bomba H, se a geração que deverá suceder-nos está destinada a morrer de fome, num mundo que, devido à má aplicação dos seus recursos, acabará tão deserto como as montanhas da Lua?».

— Por sua vez Kruchchev, segundo a mesma fonte, revelou o seu pensamento ao mandar pôr em liberdade o agrónomo T. D. Rysenko, encarcerado, até então, num campo de concentração, à ordem de Stalin, por se ter atrevido a declarar que os produtos químicos, as máquinas e a falta de arejamento dos solos eram a causa de todas as doenças e degenerescências.

Uma nota curiosa:

— Correspondi-me com estes dois chefes políticos (e outros) por ocasião do XI Congresso Internacional de Talassoterapia; e eles enviaram-me uma documentação substancial acerca do Mar, nomeadamente (da parte de Eisenhower) o programa decenal de estudos marinhos (1960-1970) que me apressei, aliás, a comunicar ao sr. ministro da Presidência. Por essa ocasião, o nosso Chefe de Estado, sr. almirante Américo Tomás, apadrinhou, a meu pedido, a criação, entre nós, de um primeiro Centro modelo de Talassoterapia, que, embora de carácter

terapêutico, poderia ter, quando generalizado, consideráveis reflexos turísticos.

— Admitindo a homologação oficial do aproveitamento dos lodos, existirão quantidades suficientes para a Agricultura?

— Sem dúvida. Como sabe, o Tejo nasce nos confins da cordilheira de Albarracin, a mais de mil quilómetros de Lisboa. É alimentado por múltiplos afluentes que arrastam elementos vários, provenientes da constante e progressiva erosão dos solos aráveis. Toda essa torrente representa uma riqueza fabulosa, que se fixa no nosso estuário, graças à barragem salina, que precipita os finos coloidais, e ao vaivém das marés, que dificulta o seu escoamento para o mar. A distribuição deste complexo (físico, químico e biológico) nas nossas terras pobres, representadas por centenas de milhares de hectares, deve dar origem a solos equilibrados e, por consequência, mais aptos a reterem as adubações minerais. Os lodos do Tejo, verdadeiros «mateiros milenários» poderão servir ainda mais enriquecidos quando forem aproveitados os esgotos de Lisboa, problema em estudo avançado na Câmara Municipal.

— Neste capítulo, quais as diferenças que encontra entre a nossa agricultura e a de outros países mais evoluídos?

— Quanto aos países ocidentais, a diferença consiste em que nos do Norte europeu as adubações minerais, químicas são sempre acompanhadas de estrumificações, pois, contrariamente ao que sucede entre nós, a pecuária está neles muito mais desenvolvida. Mas é no Oriente que o culto da estrumificação atinge o seu grau mais elevado. Basta relembrar, a título de imagem, que a maior prova de amizade e consideração de um Chinês para com um conterrâneo é ir fazer as suas necessidades à casa dele... O apelo de Eisenhower, atrás reproduzido, inspira-se, provavelmente, na acentuada disparidade entre o seu país (com milhões de hectares de solos desnaturados) e os de que com ele possan vir a ter um dia de medir forças... Em Portugal, por sua vez, não se tem aproveitado devidamente, (além dos esgotos e dos lodos das vias navegáveis) muitos dos resíduos de origem animal e vegetal; nem os lixos das cidades, depois de escolhidos e «digeridos». Consta, mesmo, que estão por aproveitar alguns aglomerados orgânicos existentes no subsolo da região de Leiria, sob a forma de jazigos mal aproveitados. Como se pode verificar, nada disto é «boémia», mas coisas muito sérias.

— A par da experiência oficial em curso procedeu a algumas análises e a ensaios particulares?

— Há tempos que promovo análises e ensaios práticos, com simples areia da praia, ou seja, o mais «po-



O sr. Ortigão Burnay mostrando ao eng. D. Sigismundo de Saldanha vasos com lodos do Tejo-misturados com areia da praia e um (o da direita) apenas com areia

brezinho» que encontrei. De resto, o meu bom amigo pode tirar e levar para o «Diário de Lisboa», jornal de que guardo as mais gratas recordações, uma foto dos resultados obtidos, com 25 gramas apenas. Desta feita, os ensaios foram efectuados com alfases; e, como vê a alfase do vaso «testemunha», colocado à direita e contendo só areia, não vingou como estava previsto. Nos vasos colocados por detrás das alfases, foram semeadas sementes de fava.

— Tem mais iniciativas em vista?

— Parafraseando um pouco, e recorrendo mais uma vez à «imagem», dir-lhe-ei que nas minhas

«últimas vontades» está incluída a constituição da «Sociedade Protectora dos Animais-Racionais e Irracionais», pois julgo terem os racionais direito a saber o que se passa em matéria de corantes, conservantes, pesticidas, etc. Entretanto, peço-lhe o favor de dizer no «Diário de Lisboa», que não tenho lodos à venda e que, embora apologistas dos lodos como correctivo agrícola de alta classe, nunca hostilizarei adubações minerais, quando conscienciosamente aplicadas. E, já agora, também que o aproveitamento dos lodos implica a resolução doutro grave problema, que é o do gradual assoreamento do estuário do Tejo.

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 6.ª página)

do por Pedro Boin, o actor Alexandre Vieira.

- A nova comédia, que a companhia do Variedades está a ensaiar deve ter a sua estreia no Porto.
- A montagem cénica da revista «Garotas do rebolado», que vai estrear-se em Janeiro no Teatro Avenida, está a ser dirigida pelos cenógrafos Rui e Ernani Martins.

No Estrangeiro

- Tito Schipa, o famoso tenor que Lisboa aplaudiu repetidas vezes, é agora professor de canto na Academia de Musica de Budapeste.

Primeiras exhibições

«Com jeito vai... mestre!», no São Luiz e Alvalade

De uma série famosa, «Com jeito vai... mestre!» é uma comédia inglesa explosiva, cuja acção decorre num colégio. Um elenco magnífico: Ted Ray, Joan Sims, Leslie Phillips, Hattie Jacques, Charles Hawtrey e Kenneth Connor. A caricatura do meio, professores, alunos, usos e costumes, atinge uma força insuperável, criando uma atmosfera delirante que envolve e empolga o público.

As peripécias de um grupo de professores entre terríveis alunos convertem este filme numa das comédias mais movimentadas e caudalosas dos últimos anos. Filme ideal para a época luminosa que atravessamos e, sem dúvida, um cartaz de «réveillon» aliciente. — M.

As estreias de hoje

No S. Jorge

Título — «A hora final».
Produção — Americana.
Realização — Stanley Kramer.
Interpretes — Gregory Peck, Ava Gardner, Fred Astaire e Anthony Perkins.
Argumento — Os últimos momentos do Mundo.
Processo — Normal.
Distribuição — Jarofilme.
Classificação — 17 anos.

As crianças em delírio!

Hoje, as maiores atracções da Grande Companhia de Circo, no Coliseu, num espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos. Sábado, Noite de S. Silvestre e passagem do ano. A mais animada de Lisboa. Domingo, dois espectáculos à tarde às 14,30 e 17,15

O Coliseu enche-se todas as noites com a petizada em delírio, aplaudindo e rindo com a Companhia de Circo. Hoje, num espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos, saltadores árabes malabaristas, acrobatas cómicos, equilibristas, perchistas, bambu aéreo, cães e pombos amestrados e duas engraçadíssimas parelhas de palhaços, qual delas a mais original.

CRIMES DE ESPIONAGEM e revelações de segredos do Estado

Um decreto publicado hoje no «Diário do Governo», pela Presidência do Conselho e Ministério da Justiça, torna aplicáveis as disposições do Código Penal e do Código de Justiça Militar referentes aos crimes de espionagem e de revelação de segredos do Estado aos factos nelas previstos que forem cometidos em prejuízo da defesa nacional, da de país aliado de Portugal ou da de grupo ou aliança de países de que Portugal faça parte.

O 38.º ANIVERSÁRIO do Instituto de Oncologia

O Instituto Português de Oncologia, fundado em 29 de Dezembro de 1922, celebrou hoje os seus 38 anos de existência. Não houve fastos comemorativos a assinalar esta data, mas os médicos e todo o pessoal de enfermagem e funcionários apresentaram cumprimentos ao respectivo director, sr. prof. Francisco Gentil.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Julieta Cabral Rocha Graça
Após prolongado sofrimento, faleceu hoje a sr.ª D. Julieta Cabral Rocha Graça, de 67 anos, natural de Santa Maria (Lagos), viúva do sr. António Rodrigues Graça, que foi sócio gerente de «A Poligráfica», de Alcantara e mãe do sr. António Cabral Rocha.

O funeral, a cargo de «A Voz do Operário», realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da Rua de Alcantara, 52-1.º, para o cemitério da Ajuda.

Eugénio Ribeiro

ALBERGARIA-A-VELHA, 29. — Faleceu nesta vila, com 81 anos, o sr. Eugénio Ribeiro, tesoureiro da Fazenda Pública, aposentado, e poeta de rara sensibilidade, com alguns volumes publicados. Foi um grande animador de muitas actividades locais, ensaiador teatral e organizador de muitos festivais carnavalescos, sendo por toda a gente muito estimado.

O extinto, era pai da sr.ª D. Ana Luísa Pinto Ribeiro Lemos, casada com o sr. Eduardo Lemos, oficial de Finanças em Viana do Castelo, irmão das sr.ªs D. Alice Ribeiro Lopes e D. Rosa Emília Ribeiro e tio do sr. José Correia Martins, vereador municipal.

José Marques Antunes

Faleceu o sr. José Marques Antunes, de 76 anos, natural de Sesimbra, comerciante da nossa praça. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja de S. Nicolau para jazigo no cemitério dos Prazeres.

João Martins Fernandes

Faleceu o sr. João Martins Fernandes, de 45 anos, natural de Lisboa, empregado de escritório. O funeral, a cargo da Agência Mário Milheiro, realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da Rua Ilha do Príncipe, 13, 2.º, para jazigo de família no cemitério do Alto S. João.

Alfredo de Sá Pavillon

COVILHA, 29. — Faleceu nesta cidade o sr. Alfredo de Sá Pavillon, de 59 anos, 2.º oficial da Caixa Geral de Depósitos, que chefiava a agência desta cidade desde 1912. O sr. Alfredo de Sá Pavillon, pessoa muito estimada pelas suas excelentes qualidades de carácter, era natural de Sernancelhe, deixa viúva a sr.ª D. Georgina Serra Pavillon e era pai do sr. Rui Serra de Sá Pavillon.

José Luís Soeiro

SEIXAS DO MINHO, 29. — Faleceu o sr. José Luís Soeiro, de 65 anos, viúvo, antigo construtor civil em Lisboa. Era pai do sr. Rubens Malheiro Soeiro, também construtor civil na capital.

Adelino Nunes de Matos

COVILHA, 29. — Com 78 anos, faleceu nesta cidade o sr. Adelino Nunes de Matos, delegado da Companhia de Seguros Fidelidade. Era casado com a sr.ª D. Miquelina Nunes de Matos, pai das sr.ªs D. Maria Evangelina Nunes de Matos Boléo e D. Maria Helena Nunes de Matos e sogro do sr. António Boléo.

FUNERAIS

D. Feliciano Rosa Batalha Flaminio

EVORA, 29. — Para o cemitério dos Remedios, desta cidade, efectuou-se, com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Feliciano Rosa Batalha Flaminio, de 63 anos, casada com o sr. Francisco José Flaminio. Era mãe das sr.ªs D. Maria Filomena Vale e D. Domingas do Carmo Rodrigues; e sogra dos srs. Licínio Gromicho Macedo e Vale, comerciante, e Jacinto Rodrigues, camareteiro do Salão Central.

SUFRÁGIOS

Comandante João Candido da Silva

Na igreja de Santos-o-Velho celebra-se depois de amanhã, dia 31, pelas 9 horas, missa do 30.º dia do seu falecimento; mandada rezar por sua família.

EM TRÊS LINHAS

Foi adjudicada a empreitada do fornecimento e da montagem de um telémetro de nuvens, destinado ao serviço do Aeroporto de Lisboa, que importará em 332 contos.

///

Pelos serviços prestados na Guarda Fiscal, foram louvados o coronel tirocinado José de Almeida Amaral e o tenente-coronel Francisco Eduardo Medeiros de Sousa Nazaré.



JOÃO MARTINS FERNANDES FALECEU

Ivone Alice Gonçalves Ribeiro Bellino Martins Fernandes, Maria Helena Bellino Martins Fernandes, irmãos, cunhados, sobrinhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 14 horas, da Rua Ilha do Príncipe, n. 13-2.º, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

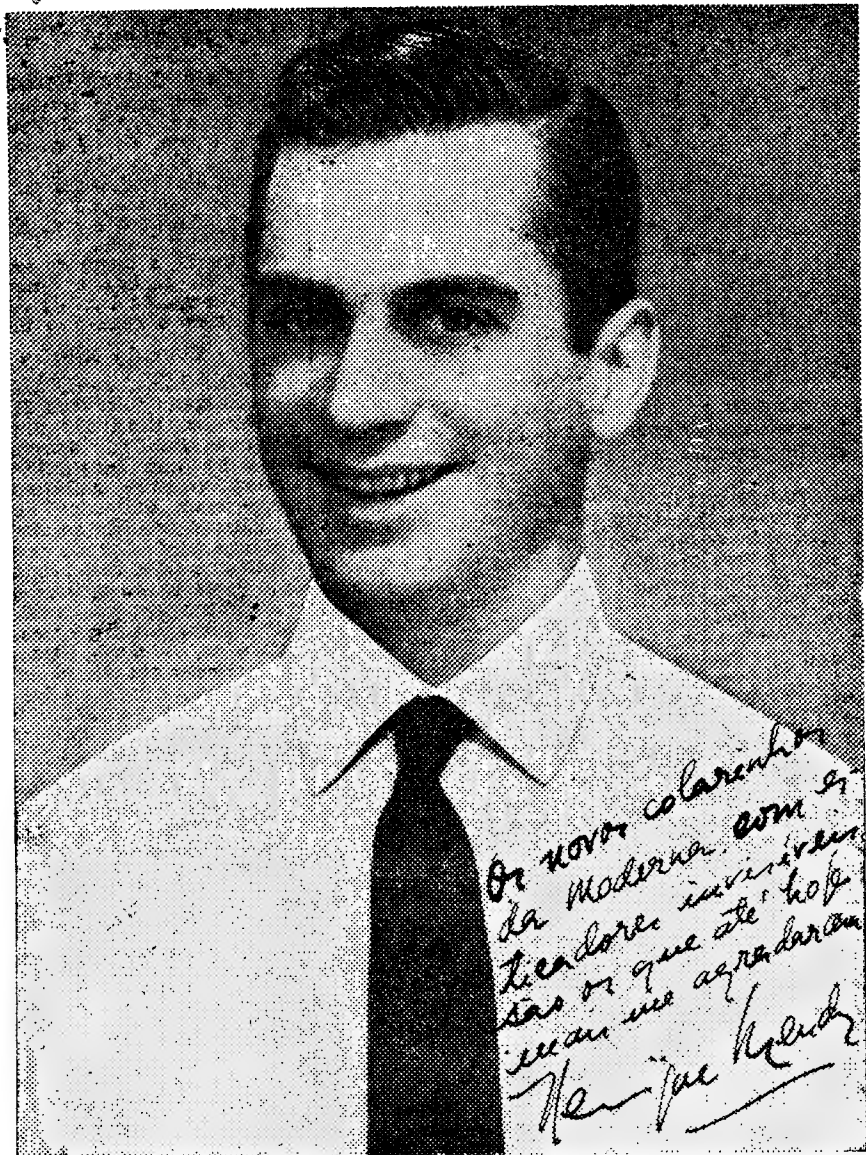
AG. MARIO MILHEIRO
Telef. 42492



Engenheiro JOÃO PEREIRA MARTINS DE LEMOS

MISSA

Sua viúva manda celebrar missa pelo seu eterno descanso, comemorando o 70.º aniversário de seu esposo, na Igreja do S. S. Coração de Jesus, às 10 horas e 30 minutos, do dia 30 do corrente. Reconhecida, agradece a quem comparecer a este piedoso acto.



OS NOVOS COLARINHOS DA MODERNA, COM ESTICADORES INVISÍVEIS SÃO OS QUE ATÉ HOJE MAIS ME AGRAÐARAM

HENRIQUE MENDES

Surgiu um novo Colarinho!

Veja o aspecto de engomado permanente e de elegância do novo colarinho das nossas camisas,

com esticador invisível

resistente ao lavar e passar a ferro, não estraga as pontas dos colarinhos nem o peito das camisas, dando-lhe maior duração

NAS MELHORES POPELINES

NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

PREÇOS: 110.00 130.00 150.00 180.00 220.00

CAMISARIA MODERNA

ROSSIO, 110

Enviam-se amostras pelo correio

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2

Dr. Amaro d'Almeida - Medicina coração e pulmões - As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro - Cirurgia ossos e articulações - As 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo - Rins e vias urinárias - As 16 horas.
Dr. António Ferrão - Doenças nos olhos - As 14 horas.
Dr. Romão Loti - Doenças nervosas, electroterapia - As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias - Estômago, fígado intestinos e doenças ano-rectais - As 18 horas.
Dr. Mário Jacques - Fisioterapia - As 16 horas.
Dr. Casimiro Afonso - Doenças das senhoras e operações - As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho - Doenças das crianças - As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos - Boca e dentes, prótese - As 10 horas.
Dr. Luis Malheiro - Pele e sífilis - As 3.ª 5.ª e sábados, das 14 às 16 e 30 h.
Dr. A. de Barros Simão - Garganta, nariz e ouvidos - As 16 horas.
Prot. Dr. Alen Saldanha - Raios X - As 16 horas.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis Em todo o País Rapidez e sigilo

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 4 - Telef. 24446
LISBOA

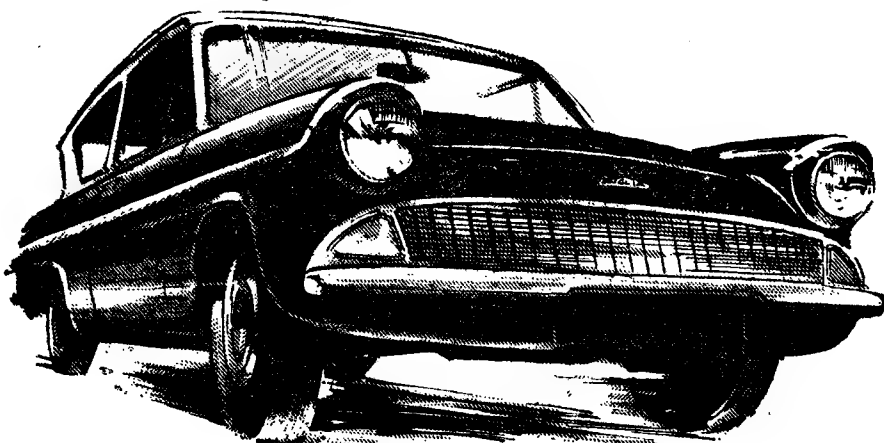
Em Almada, o «Diário de Lisboa» é vendido por João Zeferino Matoso.

FORD

Anglia

O CARRO UTILITÁRIO POR EXCELENÇA

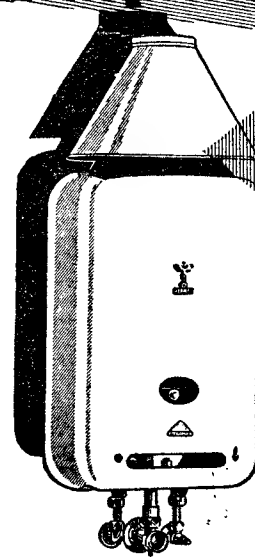
COMPLETAMENTE NOVO



J. MENDES COELHO, LDA.

Rua Alexandre Herculano, 6-A - LISBOA - Tel. 46147

ESQUENTADOR



HERMES

AUTOMÁTICO
DUPLA SEGURANÇA
CONSTRUÇÃO ROBUSTA
Funcionamento eficiente,
Fácil limpeza
Mínimo Consumo
Baixo preço

Instantaneamente a toda
a hora água quente em
quantidade ilimitada

REPRESENTANTES

Refrigeração
POLAR
S. A. R. L.

Rua da Emenda, 66 r/c. Frente - LISBOA

Telef. 369016

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM

GARANTIA REAL NA

A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Sede: Av. da Liberdade, 3-2 - LISBOA * Sucursais no Porto e Coimbra

Versões erradas e falsas interpretações

(Continuação da página central)

Carlos e terminou por uma farsa — o Solar das Barrigas. Não conseguindo o que pretendia — a chefia do partido regenerador — saiu dele e formou grupo à parte. As suas promessas demagógicas fizeram dar a esse grupo um nome revelador. Eram os «Endireitas».

Apelou então para o País. Que prometeu ele dirigindo-se ao povo, que anunciou ele dirigindo-se aos monárquicos que julgavam inviolável o caminho que o regime seguia? Ao primeiro disse que, he competia governar. Aos segundos disse que, quando estivesse no poder, poria termo às depredações dos rotativos e ao arbítrio da coroa. Acusado de ter sido ditador, respondia: — Sim, a ditadura é um crime e eu, que pratiquei esse crime, estou arrependido. — Como não bastasse essa invocação para o acreditar, declarou: — Juro pela minha honra e juro por Deus que serei fiel ao meu programa de liberdade e moralidade. — E acrescentou que, se faltasse a promessa, ficaria para sempre desonrado. Faltou a tudo que prometera.

A sua carreira foi assim resumida por João Chagas: «Um dos partidos que ele mais combateu e acusou de imoralidade política e administrativa — o progressista — deu-lhe a mão para governar. O seu programa de sancionamento era tão ilusório e a sua integridade moral tão pouco firme que aceitou a colaboração infamante desse partido e governou com ela. Perguntando-lhe quem eram os progressistas dizia que eram uma cambada. Foi com ela que governou. Nunca pretendeu salvar o País mas apenas governar. Para subir ao poder lisonjeou a opinião, para se manter nele lisonjeou os partidos que prometera combater. Perdidos todos os apoios, lisonjeou o rei que lhe deu a sua solidariedade». No começo, os seus agentes logo promoveram uma desordem de rua em Alcantara. Acabou, depois de tornar inevitável o epílogo trágico do reinado de D. Carlos, apelando para a intervenção estrangeira. Dissera que havia de entrar no Paço de chapéu na cabeça e entrou submisso e contrito, aceitando que o rei conseguisse, para ele, o apoio dos progressistas que denunciara como fatores de imoralidade e corrupção. Assim começou a sua carreira governativa que acabou com ele a mendigar do novo rei a entrada de um dos seus partidários no Governo que se formou em seguida ao regicídio.

Afastado pelo novo rei e pela família real, detestado pelos monárquicos, condenado pela Nação, apelou para a intervenção estrangeira, coroando com um acto censurável, a sua carreira política. «Ao ver caído D. Carlos, escreveu o escritor monárquico Armando Ribeiro Franco, julgou salvar Portugal e a família real dos perigos de uma república ou de uma luta fratricida (que tudo fez para atear), tratando para ela um mal pior — a invasão estrangeira. Para isso solicitou de Maura (chefe do Governo espanhol), em telegrama, o auxílio do exército espanhol e fez o mesmo à Inglaterra. Esta acelerou a marcha das suas esquadras da Mancha e do Mediterrâneo até à baía de Lagos, onde chegaram, em 1 de Fevereiro de 1908, os cruzadores «Drake», «Carnarvon» e «Devonshire» e mais cinco unidades, entre as quais o «Albion» e o «Argo». Os espanhóis enviaram para a fronteira vinte mil homens. Ambos os governos viram, porém, o escabroso da situação. João Franco tinha os olhos vendados e o seu poder findara. Rasgado o céu, entreviram as complicações. A Grã-Bretanha mandou retirar os navios. Não se realizou o desejo de muitos patriotas (franquistas), os quais insinuaram ao estrangeiro que seria agradabilíssima a sua intervenção. O alarme-desfez-se. (Armando Ribeiro, «O Começo de um Reinado»).

Nos dois anos em que ocupou o poder, primeiro com o parlamento aberto e depois em ditadura, que fez ele? Vamos citar insuspeitos testemunhos de monárquicos sem excluir alguns dos seus fiéis partidários para documentar a inani-dade da sua obra política e da sua acção administrativa. «Quando o franquismo surgiu, escreveu o dr. António Cabral, que com ele colaborou na concentração — liberal, alargou a sua propaganda que consistiu em desacreditar os outros partidos (monárquicos). Afinal não passou de promessas. Com ele voltou-se a ditadura, às violências, às prepotências, aos abusos do poder. Repetiram-se os erros cometidos pelos rotativos, a regedoria prevaleceu sobre a administração, atentou-se contra os municípios, deram-se gratificações à larga, fizeram-se nomeações de franquistas contra a lei, aumentou-se o soldo dos oficiais do Exército e da Marinha para lhes captar as boas graças, reduziram-se os descontos ao funcionalismo, despenderam-se verbas sem autorização legal, promoveram-se funcionários logo passados à disponibilidade para darem vagas, as despesas gerais da Nação aumentaram espantosamente e o mesmo sucedeu ao «déficit». O atraso na publicação das contas públicas era superior a um ano, correu sangue nas ruas de Lisboa. Foram liquidados em ditadura os adiantamentos à casa real, com aumento da lista civil: João Franco fez o que antes fizeram os outros e muito pior, havendo provas de tudo com nomes, datas e algarismos».

«Franco, escreveu o colaborador de «A Voz», sr. Gomes da Silva, inebriava-se com a sua concepção da Vida Nova, em especial pelo que se referia a assuntos administrativos. Falando no palácio de Pena com empregados menores, disse-lhes um dia: — Hei-de cortar tudo. — Com efeito reduziu de noventa para sessenta mil réis o ordenado de uma mulher da limpeza que em vez de trabalhar seis trabalhava quatro dias por semana, demitiu duas filhas do general Pimentel Pinto do cargo de apal-padeiras da Alfandega, funções que na qualidade de senhoras só desempenhavam nominalmente para os seus alfinetes e deu a mesma sorte, por igual motivo, a um filho do conde de Figueiró. Com o parlamento aberto a sua obra legislativa foi uma miséria. As duas leis que fez aprovar — a da Contabilidade Pública e a da responsabilidade ministerial — nunca se cumpriram. Os seus cuidados concentraram-se na promulgação de uma nova lei de Imprensa, cujos termos foram violentamente combatidos por monárquicos e republicanos e com a qual preparou a liquidação dos adiantamentos. A culpa era, porém, do parlamento. Encerrado este, essa esterilidade acentuou-se.

«A ditadura, escreveu o director do órgão franquista, Alvaro Pimentel Chagas, nos meses que precederam a publicação do decreto dos adiantamentos falava pela sua esterilidade. Quando o decreto foi publicado, o sr. João Franco não tinha sequer a protegê-lo contra o meu efeito da medida tomada (a liquidação dos adiantamentos) alguns meses de proveitosa produtividade para o País. Apenas dois decretos tinham sido publicados: o dos juizes de paz e o da cobrança das pequenas dívidas, o primeiro de pequeno alcance, o segundo de poucas condições práticas». Acção política caótica e tumultuária, acção legislativa estéril e ineficaz, acção administrativa na rota viciada dos rotativos, tais foram os pilares da obra do franquismo e do seu chefe. Não foi a ordem que se estabeleceu no País, foi a mais perigosa desordem prestes a degenerar em guerra civil quando a morte do rei pôs termo à carreira do ditador. Não foi a moralização dos costumes políticos que se conseguiu com a sua experiência, mas o agravamento da imoralidade existente. Não foi a morigeração dos hábitos correntes na administração que dela resultou mas a sua deliquescência culposa com o decreto dos adiantamentos e outras medidas ofensivas do bom-senso e da dignidade da Nação. Multiplicaram-se as provas de concussão e depredação dos dinheiros públicos, ao mesmo tempo que o ditador fazia a todos os compromissos que assumira perante a opinião, selando-os com a invocação da sua honra, e o soberano ostensivamente faltava ao juramento constitucional que estava na origem da confiança que nele depositavam os seus concidadãos.

Quando o franquismo se instalou, com a cumplicidade do rei, no poder havia uma plethora no funcionalismo, havia acumulações de lugares rendosos, havia a prodigalidade e a improbidade na máquina do Estado. Que fez o ditador para remediar estes males? Aumentou o pessoal, provendo nos lugares criados, amigos e correligionários. Sancionou as acumulações e as medidas platinicas que tomou confirmaram as existentes e autorizaram outras. Aumentou os vencimentos dos altos funcionários, dos oficiais de terra e mar, e o próprio foi beneficiário desse aumento, pois, como juiz do Contencioso Fiscal, aumentou o seu vencimento de dois contos de réis para três, como aumentara a lista civil do rei e dos seus familiares.

A administração pública com a ficou a ser o que era e agravaram-se os seus vícios e defeitos. Como se traduziu, na prática, a austeridade que apregoara e devia ser a directriz da sua trajectória de reformador? Dando todos os lugares aos amigos e, quando não existiam, criando lugares novos. Se alguns eram cobicçados, afastava os seus titulares recorrendo a sindicâncias puramente políticas e nomeava para os substituir correligionários e amigos seus. Assim procedeu com o director-geral de Instrução Pública, Abel de Andrade, seu adversário político, a quem afastou, substituindo-o por um correligionário, Agostinho de Campos, e criou a Direcção-Geral do Ensino Primário, que não existia, provendo nela um amigo.

A sua acção no Governo foi uma apostasia que para sempre o condenou ao conceito dos seus contemporâneos e da História. Anunciara, num discurso feito perante o príncipe real, que os reis só são dignos deste nome quando estão ao serviço dos povos e não quando se servem deles para satisfação dos seus objectivos e ambições. Cumpliu-se com D. Carlos na mais suspeita ditadura que o País conheceu. Declarou na Câmara dos Países que o Partido Republicano não era apenas uma organização política, que se tornava indispensável reconhecer, mas uma força social com a qual era preciso contar. Perseguiu-o com sanha implacável, prendendo e deportando os seus caudilhos, suprimindo os seus jornais, calando a voz dos seus deputados, proibindo o funcionamento dos seus centros e escolas, as quais supriam as deficiências do ensino oficial.

«A verdade, escreveu o dr. António Cabral, manda afirmar que João Franco, entre os culpados da queda da monarquia, foi o principal. Contra as afirmações que solenemente fizera com a garantia da sua honra, pessoalmente assumiu a ditadura que faliu pela sua esterilidade. Veio reformar os costumes políticos. Em que os reformou? Piorou-os. Cometeu erros e praticou actos como anteriormente não se tinham visto. O culpado? João Franco, o primeiro, o principal, o mais graduado de todos os culpados». Proclamou-o este monárquico indefectível que, depois da queda da monarquia, se não remeteu a uma abstenção cômoda, garantida por uma enorme fortuna pessoal, continuando a lutar pela monarquia que servira.

Se há ainda quem esteja sinceramente convencido de que o franquismo foi uma experiência bem intencionada a qual não alcançou os resultados que dela era lícito esperar devido à ambição dos monárquicos e ao ódio, os factos desmentem irremediavelmente essa versão. Os monárquicos do nosso tempo, sem qualquer sentimento de respeito pelo rei, exaltam no ditador o político truculento que prendeu liberais e deportou republicanos e foi, na sua tola opinião, um precursor do totalitarismo contemporâneo. Pelas intenções que a ditam essa opinião nada pode ter com a verdade. — C. F.

Riscos na areia

(Continuação da página central)

mais tarde se verificou não serem, como Galileu, os criminosos que os seus contemporâneos supunham. Hoje, por exemplo, já se afirma à boca cheia que a bomba atómica não foi ainda usada, nem o será, pelo simples facto de vários países a possuírem, podendo pagar aos seus agressores na mesma moeda. Quem nos garante, pois, que o casal Rosenberg, condenado à morte por haver divulgado o segredo dessa bomba, não virá a ser um dia considerado benemérito da Humanidade?

Bem certo que, com o andar dos tempos, o direito de asilo, isto é, o direito de escapar à punição imediata, porventura iniqua e fatal, se foi tornando cada vez mais ilusório. Ontem, Nero, como só dispunha de um archote, apenas pôde incendiar Roma; hoje, com as bombas e os foguetões, os desvairados da sua indole poderão deitar fogo ao Mundo inteiro, perseguir e exterminar os seus inimigos onde quer que eles se tenham refugiado. Por outro lado, terá sido um mal ou um bem que a posse dos engenhos destruidores se generalizasse? Em poder de um só, eles expunham-nos à tirania desse privilegiado, eram a sujeição aos

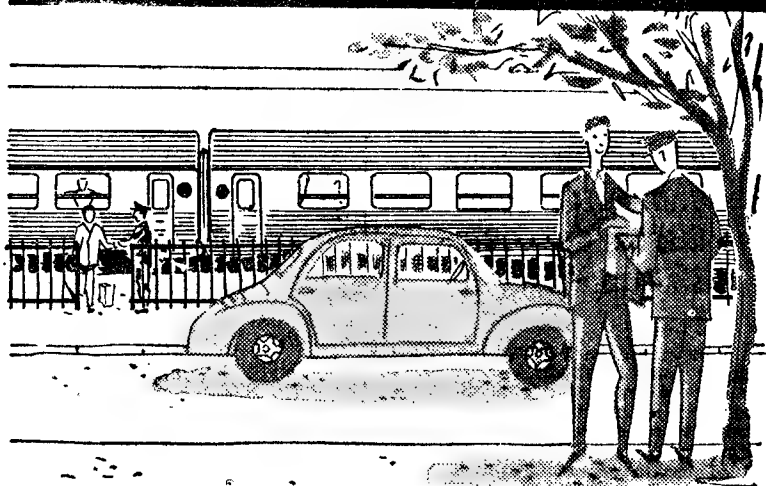
seus interesses, caprichos, ambições, ou simples impulsos de maldade. Generalizados, expõem-nos ao erro, à ferocidade ou à loucura de muitos.

Bem haja, em todo o caso, o direito de asilo, pois embora tenha os defeitos apontados por Helvetius e pelo leitor, sempre permitirá aos inocentes ou bem intencionados esperar que os seus actos venham a ser mais perfeitamente compreendidos.

Jesus veio ao Mundo para nos mostrar que é sina do homem padecer e morrer pelo bem do seu semelhante. No Monte das Oliveiras — por ironia consagrada como símbolo da Paz e afinal tão propensas a assistir a derramamentos de sangue! — sofreu Jesus na sua carne dores humanas e não de convenção, dores tão verdadeiramente cruéis, que ele próprio duvidou haver quem fosse capaz de lhes tornar menos incomportáveis. «Pai, se podes, afasta de mim este cálix!» — foram as suas últimas palavras. Ao cabo de vinte séculos, estará ainda o Filho de Deus persuadido de que o seu exemplo foi proveitoso? A Humanidade, no dia de hoje, ergue os olhos ao Céu, pedindo a Jesus que volte.

Voltará? Talvez. Mas é bom habituarmo-nos à ideia de que, se voltasse — não ficava! — R. J.

COMBOIO + AUTOMÓVEL



A fórmula moderna de viagens em França!

Com

O COMBOIO cobrirá sem fadiga, à média de 100 km. h. centenas de Kilómetros. No comboio pode comodamente repousar, trabalhar, dormir na «couchette» ou na carruagem-cama.

à sua chegada à estação tomará

O AUTOMÓVEL, com o qual poderá circular com tanta independência como se fosse o seu próprio carro.



Serviços S. N. C. F., de carros sem motorista em Paris e 130 cidades.

CITROËN 2cv., RENAULT 4 cv., DAUPHINE, ARONDE

Informações

CHEMINS DE FER FRANÇAIS

Av. de José António, 57 — Madrid — Telef. 47 20 20

O maior rebocador do Mundo

terá base nos Açores

ROTTERDÃO, 29. — Terá base um dos portos dos Açores um novo salvadego — um «super-rebocador» com motor de 7000 cavalos-vapor — pertencente à empresa que, praticamente, deter o monopólio de salvamentos a navios em todo o Mundo.

Trata-se de uma firma de Roterdão que estabeleceu agora uma sociedade com outra grande empresa do género, com sede em Victoria, no Canadá, e que já no ano passado absorvera uma firma inglesa, pela aquisição de 75 por cento das suas acções.

A nova empresa ficará com 82 unidades, das quais 20 rebocadores de alto mar. Actualmente, as suas maiores unidades têm uma potência de 3 a 5 mil cavalos. Para o salvamento e reboque de grandes barcos são necessários dois destes rebocadores. É esta a razão por que vai ser construído um «super-rebocador» de 7000 cavalos, que terá 75 metros de comprimento e poderá rebocar petroleiros até 100 mil toneladas. Terá esse grande salvadego o nome de «Zwarte Zee» (Mar Negro) — o quarto assim denominado. — (A. N. L.).

O Orçamento Geral do Estado para 1961

(Continuação da 1.ª página)

cidade construtiva, clarificação e competência. A Proposta de Lei de Meios para 1961, que há cerca de três meses se documentou e apresentou neste lugar, foi disposta testemunho eloquente. O texto oficial do Orçamento Geral do Estado para o ano que vai iniciar-se, bem como o ilustrativo relatório que o acompanha, consagram brilhantemente o alto governante que os subscrive. Neles se comprova uma vez mais, como acima se quis assinalar, a importância relevante da programação orçamental para todos os aspectos e todos os sectores da vida portuguesa e a crescente incidência da acção administrativa e fomentadora do Estado nos interesses gerais da grei.

Na abertura do relatório orçamental faz-se um balanço rápido da situação económica do Mundo, registando o afrouxamento da expansão produtiva nos países ocidentais da Europa, o restabelecimento da situação monetária nos Estados Unidos e a diminuição das actividades de mercado neste país. Quanto à economia nacional, confirmam-se as conclusões apresentadas no relatório da Proposta de Lei de Meios: desfavoráveis resultados agro-pecuários em 1960, novos declínios na produção mineira, ritmo razoável mas não muito expansivo do desenvolvimento das indústrias transformadoras, situação pouco favorável da balança de pagamentos da «zona do escudo», agravamento do saldo negativo da balança comercial, embora em menor escala do que se registava há meses. Pode concluir-se, segundo o relatório, que a expansão da actividade económica geral no País tem prosseguido sem sobressaltos.

E' neste enquadramento que vem situar-se o Orçamento Geral do Estado para 1961, acusando nas suas previsões uma expansão avultada das receitas e das despesas.

As receitas ordinárias e extraordinárias elevam-se de 10 489 milhares de contos em 1960 para 11 788 em 1961

Pela primeira vez na história da nossa administração publica as receitas ordinárias previstas para o ano próximo atingem a casa dos 8 milhões de contos e ultrapassam-na em proporção considerável. Em 1951 foram orçamentados nesse capítulo 4,7 milhões de contos; em

1956 atingiu-se o montante de 5,8 milhões; em 1961 devem ser cobrados pelas vias de receita ordinária 8 238 377 contos. Os acréscimos são gerais em todas as fontes de ingresso para os cofres publicos — o que testemunha, também, a continuidade do crescimento económico e social do País. As receitas extraordinárias, por seu turno, serão fortemente dilatadas no exercício financeiro de 1961: de 2 670 milhares de contos em 1960 serão elevadas na previsão orçamental para o ano próximo a 3 549 milhares de contos. A maior parcela desta receita será obtida pela colocação de empréstimos e produto da venda de títulos, totalizando 2 356 milhares de contos. O restante provirá de receitas de amodação, saldos de anos findos, reembolsos, etc.

Como assinala o sr. ministro das Finanças, são grandes as responsabilidades que se tomam no que respeita a recursos extraordinários, pois, apesar de imperiosas despesas de defesa nacional e segurança, não se travou o progresso das dotações para a educação e assistência, nem se afectou o ritmo normal da execução do Plano de Fomento e ainda se assumiu o encargo de 89 600 contos com o resgate do porto e caminho de ferro de Mormugão. E' o desenvolvimento económico e social do País — que proporcionará mais empregos e melhoria das condições

de vida — que o exige, e, por isso, este orçamento reflecte com singular nitidez o esforço que se fez no sentido de que os avultados gastos de defesa não comprometessem o labor, sereno mas persistente, na consecução daqueles objectivos.

Vão aumentar as despesas em quase todos os sectores da administração mas, mais avultadamente, na educação e assistência

O volume crescente de recursos arrecadados pelo Estado tem a natural contrapartida nas dotações de quase todos os departamentos oficiais. A despesa ordinária em 1961 deverá elevar-se a 8,1 milhões de contos, em confronto com 7,7 milhões no ano agora prestes a terminar. E, entre os aumentos mais consideráveis de encargos, salienta-se especialmente o Ministério da Educação Nacional, cujo orçamento ordinário, com o aumento agora concedido, ultrapassa pela primeira vez a cifra de 1 milhão de contos.

Segue-se-lhe logo o Ministério da Saúde e Assistência, como, aliás, já vem sucedendo nos ultimos anos, o que confirma o cuidado e o interesse que o Governo está dedicando à solução dos problemas destes sectores essenciais.

A despesa com os serviços do Ministério da Educação eleva-se de 958 para 1 015 milhares de contos; a do Ministério da Saúde e Assistência de 615 para 653; a do Ministério das Obras Publicas de 586 para 631; a do Ministério das Comunicações de 538 para 571. Os acréscimos em quase todos os restantes departamentos são reduzidos e até se verificam diminuições de encargos em alguns deles, como o próprio Ministério das Finanças. Acentua o relatório orçamental que se distribuiu por todos os Ministérios, e do modo que no presente momento melhor parece servir os interesses gerais do País, o máximo que se pôde avaliar. O plano financeiro delineado terá de ser seguido no próximo ano com redobrada atenção, em virtude do grande volume que atinge a despesa extraordinária.

Insiste-se, por consequência, em que os serviços, compenetrados da gravidade do momento que se atravessa, se adaptem na sua actividade às possibilidades que se lhes facultam e se enquadrem quanto às suas despesas nos quantitativos fixados, esforçando-se por colherem deles o máximo rendimento. A austeridade na vida do Estado não será apenas condição da política financeira em 1961, mas verdadeiro imperativo nacional; porém, é condição indispensável para que a austeridade se não converta em pesado sacrifício aceita-la compreensiva e resolutamente.

Os encargos extraordinários são agravados consideravelmente pelas exigências da defesa nacional

A despesa extraordinária orçamentada para 1961 atinge o elevado montante de 3 634 milhares de contos, em paralelo com 2 751 em 1960. A execução do Plano de Fomento serão consagrados 1 251 milhares de contos e a outros investimentos vão ser destinados 731. Os encargos extraordinários com a defesa nacional e a segurança publica, porém, elevam-se no Orçamento do ano próximo a 1 670 milhares de contos, em confronto com 811 no ano corrente.

Reconhece expressamente o relatório do sr. ministro das Finanças a pesada incidência que, por força das circunstâncias, as despesas com a defesa nacional vão ter no orçamento para 1961. Todavia, nem por isso será afectado o ritmo de execução dos empreendimentos, designadamente os que o Plano de Fomento abrange, posto que a redução da diferença para menos que se observa neste grupo não assume significado especial, uma vez que resulta do programa de investimentos, tal como foi aprovado pelo Conselho Económico para o próximo ano e que é consequência do escalonamento inicial pelos seis anos de vigência do Plano e dos ajustamentos que entretanto se mostraram convenientes. E' de salientar o aumento de 56 500 contos verificado no grupo «Outros investimentos», não obstante o esforço financeiro exigido pela atribuição de mais de 1 milhão e meio de contos à rubrica «Defesa nacional e segurança publica».

Num conjunto de despesas publicas de 11 781 milhares de contos destinam-se aos serviços de defesa militar e segurança 3 925, ou seja, 33,3 por cento da totalidade do Orçamento.

Um programa na TV

Esta noite, às 22 e 30, na Radiotelevisão Portuguesa, o prof. dr. Soares Martinez falará acerca do Orçamento Geral do Estado para 1961.

Ministério da Saúde e Assistência
Comissão Inter-Hospitalar de Lisboa

Admitem-se 2 empregadas para serviço de P. P. C. e eventual de escritório, de preferência com prática de assuntos hospitalares. Remuneração de 1.500\$00 mensais. Resposta com idade, estado civil, habilitações, e outras indicações julgadas convenientes, dirigida à Comissão Inter-Hospitalar de Lisboa, Hospital de Santa Maria (Piso 1), Lisboa.

camento Geral do Estado. No acréscimo geral de encargos do Estado que se constata para 1961 verifica-se, segundo os próprios termos do relatório orçamental, que a defesa militar e a segurança absorveram 73,42 por cento do aumento. Ao funcionamento dos serviços coube 11,59 por cento e aos investimentos 10,35 por cento. Parece ficar comprovado o esforço que se fez no sentido de acautelar a manutenção do ritmo dos investimentos e da eficiência dos serviços, apesar da substancial comparticipação para despesas de defesa e segurança — conclui o sr. ministro das Finanças no remate da sua esclarecedora análise do Orçamento para 1961.

Razões de confiança, mas também de precaução e vigilância administrativa — constituem as conclusões do relatório orçamental

A «nota final» do relatório que precede e acompanha o diploma do Orçamento Geral do Estado para 1961, bem como os mapas que o instruem, constitui uma afirmação de confiança nos destinos da Nação, ao mesmo tempo que uma recomendação de prudência e atento cuidado ante os problemas que as realidades actuais obrigam a encarar. Escreve o sr. dr. A. M. Pinto Barbosa nessas considerações de encerramento:

«As premissas do desenvolvimento da actividade económica durante o próximo exercício financeiro foram as condições básicas em que assentou a estruturação do presente orçamento. A este respeito já na proposta da Lei de Meios se teve ocasião de evidenciar os factores de ordem interna e externa que se afiguram decisivos para a evolução da economia nacional nos tempos que se avizinhavam.

Mau grado o desfavorável ano agrícola e as consequências que dele advirão para os rendimentos disponíveis de parte apreciável da população portuguesa e para os seus níveis de consumo, prevê-se que em 1961 prossiga a expansão do produto nacional a taxa sensivelmente idêntica à verificada no ano corrente, para o que decerto concorrerá o crescente desenvolvimento dos sectores secundários e terciários, impulsionados pelos investimentos a realizar no quadro do II Plano de Fomento e de que o orçamento é um suporte essencial.

Espera-se, além disso, que no decorrer do próximo ano alguns dos grandes empreendimentos industriais em montagem (siderurgia, petroquímica e adubos azotados) iniciem a sua marcha, e não serão de certo de desprezar os efeitos derivados de deles resultarão para o conjunto do circuito económico.

Também as perspectivas abertas no campo da utilização do crédito externo, quer no âmbito do Banco Mundial, quer em outros esquemas de financiamentos, criarão novas possibilidades de expansão da economia nacional, num plano de vasta articulação entre a metrópole e o ultramar.

Serão, pois, maiores as possibilidades de ocupação da mão-de-obra portuguesa, pela criação de um volume adicional de novos e mais regulares empregos, correspondentes a actividades que se desenvolverão no âmbito de recentes iniciativas.

Mas o Governo terá de permanecer atento à manutenção da estabilidade financeira interna, como condição fundamental do crescimento económico. A revisão de sistemas de preços e de níveis de remunerações não poderá assim perder de vista a sua adaptação às condições estruturais da produtividade e às reais e sãs possibilidades da economia, sob pena de se perderem os objectivos de mais justa distribuição da riqueza social.

Em 1961 teremos, pois, de contar com a incidência destas linhas de força na economia nacional, e de lá decorrerão tensões particularmente delicadas para as finanças publicas, ampliadas pela exigência imperiosa da manutenção da integridade da Nação e da colaboração na defesa do Mundo Livre».

Só nos resta prestar homenagem ao profundo e competente labor que a estrutura do Orçamento Geral do Estado pressupõe, testemunhando a alta capacidade de um mestre de administração financeira que honra a história da governação publica em Portugal.

Tomou posse o novo presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz

FIGUEIRÁ DA FOZ, 29 — Com grande solenidade, realizou-se ontem, no salão nobre dos Paços do Concelho, o acto de posse do sr. tenente-coronel Basílio Pina de Oliveira Seguro, do cargo de presidente da Câmara Municipal.

Assistiram à sessão solene as entidades oficiais da Figueira, representantes das associações locais, com seus estandartes, e muitas outras pessoas que, por completo, enchiam o amplo salão.

A posse foi conferida pelo sr. governador civil do distrito, eng.º Horácio de Moura, que elogiou as qualidades do novo presidente do Município da Figueira da Foz.

Discursaram depois o deputado dr. José dos Santos Bessa, que se referiu ao futuro da cidade com a realização das obras do porto e barra; eng.º José Jordão, Severo Biscaia, dr. Avelino Verissimo, Carlos da Cunha e Costa, Rui da

Fonseca Mendes e, por ultimo, o novo presidente, que prometeu dedicar o maior interesse à solução dos problemas locais.

No final, o sr. tenente-coronel Basílio Seguro, recebeu os cumprimentos de todos os presentes.

OFERTA ARTÍSTICA à Casa Pia de Évora

EVORA, 29. — A jovem pintora eborense Lourdes Varilhos, um valor positivo com largas possibilidades no meio artístico alentejano, oferece a Casa Pia de Évora um óleo da sua autoria, focando um aspecto do interessante claustro do antigo Convento de S. Bento de Cástris, onde funciona actualmente o estabelecimento assistencial eborense.

A tela mede 3,75 x 2,30 m. e tem merecido cativantes referências. A simpática atitude da jovem pintora, também foi muito elogiada.



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LUANDA»

30 de Dezembro

«GANDA»

6 de Janeiro

«PATRIA»

13 de Janeiro

«UIGE»

16 de Janeiro

Com escala por Leixões, para: S. Tomé (se necessário), Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (se necessário).

Com escala por Leixões, para: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçâmedes. Carrega em Lisboa até 4 de Janeiro.

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário). Carrega em Lisboa até 11 de Janeiro.

Com escala prévia por Leixões, para: Cabinda, Luanda, Lobito e Moçâmedes. Carrega em Lisboa, de 9 a 11 de Janeiro.

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ»

14 de Janeiro

(às 12 horas)

Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

9 de Janeiro

(às 18 horas)

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

A indústria de lanifícios Um Natal em cada bairro

o seu condicionamento e as suas possibilidades

A indústria de lanifícios deve ser, segundo a nossa opinião, incluída na categoria das indústrias nacionais que podem encarar com confiança a sua sobrevivência e progressivo desenvolvimento dentro da zona do mercado livre, em que Portugal se inclui, não decerto tal como hoje se encontra, mas profundamente remodelada na sua estrutura, desde os processos de fabrico aos regulamentos que a condicionam, desde o abastecimento das matérias-primas à investigação.

A nossa indústria de lã, pode dizer-se afortunadamente, nunca ultrapassou o mercado interno, vivendo dele e para ele, pois o pouco que exportou e exporta, carece de valor representativo.

Efectivamente, subordinada e manietada, além do mais, por um mercado pobre, desajudada dos organismos oficiais que não sabem estabelecer as condições de equilíbrio entre um condicionamento asfixiante e a liberdade indispensável ao progresso industrial, restringe afluente a produção à capacidade de consumo interno do momento, passando ao lado da especialização para cair numa multiplicidade de máquinas e de artigos, que a obrigam a acumular variados tipos de matérias-primas e de produtos auxiliares, o que tudo conduz, como é sabido, ao agravamento dos custos de produção!

A política do condicionamento não conduziu a indústria (e já lá vão passadas umas dezenas de anos) à modernização e à prosperidade, pelo contrário, tornou-a dependente de inúteis exigências burocráticas, imobilizando-a e envelhecendo-a, salvo poucas mas honrosas excepções. A modernização faz-se, portanto, vagarosamente, continuando-se a utilizar máquinas cansadas ou desactualizadas, processos rotineiros e uma mão-de-obra barata, mas também pouco produtiva, sem laboratórios próprios ou colectivos de investigação científica, sem uma organização técnica de exportação. Daqui advém a necessidade primária de modificar o condicionamento industrial, tal como vem sendo aplicado.

É verdade que, perante certa memória industrial, se não deve preconizar a concessão de uma ampla liberdade, pois que estas empresas de pouco vulto se devem sujeitar a normas técnicas, financeiras e mesmo administrativas, condicionadoras da sua actividade industrial. Mas também de modo algum se preconiza o cerceamento da liberdade de iniciativa realizada dentro dos planos bem estruturados, tanto na substituição ou ampliação do respectivo apetrechamento, como na fundação de novas fábricas.

Isto bastaria, segundo cremos, para acabar com o processo imoral do recurso à compra de máquinas ou de fábricas velhas sem valor funcional, vendidas por alto preço, muito para além do seu valor real e efectivo.

Quando nos referimos a exigências dimensionais, não pretendemos a criação de grandes unidades, mas antes defender fábricas equilibradas e sobretudo especializadas, numa ordem de grandeza correlacionada com o mercado imediato a abastecer. Fábricas onde os seus dirigentes sintam a harmonia do conjunto e o valor da sua auto-determinação, libertos da burocracia.

Nem o nosso sentir social, nem as proporções actuais do mercado,

HOMENAGEM

DO ALGARVE

à poetisa e escritora

Lthgarda de Caires

A Camara Municipal de Vila Real de Santo António votou a verba de 10 contos como subsídio municipal na subscrição aberta com o patrocínio da Casa do Algarve para custear a construção e implantação de um busto da poetisa e escritora Lthgarda Guimarães de Caires. A sr.^a D. Ana Lopes Baptista Barão contribuiu com 200 escudos para a iniciativa da homenagem lançada pela Imprensa algarvia.

EM BELMONTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na «FLOR DO ZÉZERE».

nem tão pouco o constante progresso dos maquinismos, aconselham também a concentração maciça e compulsiva das empresas pequenas e médias, pois verifica-se que no nosso País, e mesmo lá fora não são as grandes unidades têxteis as mais progressivas e as mais bem armadas em ocasiões de crise. Não tenhamos ilusões: a reorganização da indústria nacional da lã não deve apoiar-se, para atingir os fins em vista, na hipertrofia das fábricas. Em países grandes exportadores, como a Inglaterra e a Itália, que não podemos considerar certamente como subdesenvolvidos, a percentagem de fábricas com 101/500 operários é de 22,4 %. Em Portugal é de 24 %. Já na Suíça esta média atinge 37,6 % e, contudo, as suas exportações de lanifícios e produtos afins são limitadas. Se a solução dos problemas está nas medições, então comecemos por medir, em primeiro lugar, os homens...

Se, todavia, não convém ao condicionalismo social e económico, unidades fabris que atravanquem o nosso espaço vital, não deixa de ser de todo o ponto conveniente promover voluntariamente o agrupamento de indústrias rudimentares, ou mesmo da índole familiar, em empresas médias, de melhor rendimento técnico, a que, com justiça, seriam concedidas ajudas e favores do Estado, procurando-se com este auxílio evitar ou pelo menos atenuar a sua falência como consequência da livre modernização das mais capazes.

Não se cuido, porém, que para reformar uma indústria basta substituir-lhe as máquinas velhas ou desactualizadas ou mesmo criar unidades de grande vulto. Pelo contrário, é mais fácil produzir economicamente com máquinas antiquadas mas com direcção segura e hábil, mão-de-obra e técnica eficientes, do que com máquinas novíssimas e direcção deficiente, o que tanto monta dizer: a par da reorganização dos métodos de trabalho, ou da renovação do equipamento é necessário criar uma nova mentalidade industrial e profissional entre os homens que interferem no ciclo fabril, quer nos que fornecem a mão-de-obra, quer nos que têm a responsabilidade da direcção das empresas. Esta renovação de mentalidade teria de apoiar-se no progresso do ensino técnico e na educação e cultura dos Portugueses.

Potencialmente tão capazes como os outros países que por essa Europa fora vão na vanguarda do progresso da indústria da lã, ser-nos-á fácil, dentro das directrizes que preconizamos, alcançá-los. Ainda para isso teremos de acabar com a triste preferência do consumidor pelo artigo estrangeiro pois enquanto lá fora as lojas ostentam orgulhosamente o letrero «fabricação nacional», no nosso País o mesmo letrero apontando determinado produto inglês, francês, etc., é tido como uma boa ajuda para a venda, ainda mesmo que o artigo anunciado seja nacional... Não se culpe, porém, inteiramente o consumidor, pois se na generalidade a preferência não passa de snobismo de ricos, não podemos também esquecer que nem sempre os produtos nacionais são bem fabricados e de qualidade estável.

Nem tudo, porém, está contra nós, na nova época económica que se aproxima. A extensão do mercado da zona do comércio livre, a mão-de-obra, a diferenciação dos encargos sociais estão inicialmente a nosso favor e se, em boa verdade, o exportador mão-de-obra barata não poderá ser considerado índice de grande progresso social, a verdade é que, no momento do arranque, esta circunstância conta muitíssimo no êxito da concorrência.

Ainda sobre a exportação, devemos dar preferência aos artigos de baixa e média qualidade, ou sejam aqueles em que a mão-de-obra incide em percentagens mais elevadas sobre os custos. Assim como não se deve esquecer que as contingências da exportação deverão ser contrabalançadas com o aumento da produção destinada ao mercado nacional.

São estas as considerações a tomar em conta, segundo o nosso parecer, neste momento em que se pretende fazer a reorganização da indústria de lanifícios.

JOÃO B. XAVIER

[Continuação da 1.ª página]

mal contida, adivinhando-se o grande contentamento que lhes ia na alma de onde se evaporavam as tristuras da sua pobreza humilde. Para eles era o sonho maravilhoso de todas as fantasias imaginadas, das coisas antevistas em esperanças que se tornavam numa realidade exultante — e essas festivas alegrias infantis, ingénuas e puras que enternecem os corações, tocaram-nos com uma sentida e elevada emoção e deixaram-nos, também, a alma num grande júbilo de inexprimível comção.

Aguardavam os representantes do «Diário de Lisboa», acompanhados pela professora sr.^a D. Benigna Roquette Anselmo, os directores do Grupo Desportivo «Os Peixinhos», ao qual pertence a escola, senhores António Augusto Leitão,



Os pequenos alunos da Escola da Quinta dos Peixinhos, felizes e contentes com as ofertas da campanha do «Diário de Lisboa» para um Natal em cada bairro

Manuel Augusto Coelho, Joaquim Silva Fonseca e Armando Fonseca. Os pequenitos, aos quais foi servido um reconfortante e delicioso pequeno-almoço, receberam, depois, no meio de estufante e indescritível alegria, as ofertas da campanha para um Natal em cada bairro.

No final, a sr.^a D. Benigna Roquette Anselmo dirigindo-se aos seus alunos, que lhe dedicam enternecida gratidão, disse-lhes que os brinquedos e outras ofertas que acabava de lhes entregar eram uma lembrança, cujos agradecimentos deviam dirigir ao «Diário de Lisboa», palavras que os pequenitos aclamaram, irrompendo em aplausos ao nosso jornal.

Os agradecimentos ao «Diário de Lisboa»

Aquela senhora, competente professora, modelo de dedicação e ternura pelas crianças, manifestou, comovidamente, a grande satisfação por ver os seus alunos felizes, cheios de alegria, graças à bela campanha do «Diário de Lisboa», dirigindo-nos, em nome dos pequenos, calorosos agradecimentos.

O presidente da direcção do Grupo Desportivo, sr. António Augusto Leitão e o sr. Armando Fonseca, agradeceram, igualmente, aos representantes do nosso jornal, a protecção que o «Diário de Lisboa» sempre tem dispensado à escola da Quinta dos Peixinhos, assinalando outros auxílios prestados em várias emergências. Terminaram fazendo o elogio da dedicação, do interesse e da bondade, para com as crianças por parte da professora sr.^a D. Benigna Roquette Anselmo.

Em nome do «Diário de Lisboa», o chefe dos serviços administrativos, João Christóstomo de Sá, manifestou o carinho e o desejo constante de se tornar útil à simpática escola da Quinta dos Peixinhos, cujos alunos são todos filhos de gente humilde e pobre. Por isso, também, o «Diário de Lisboa», que sempre ampara a escola nunca fica indiferente aos apelos da sua dedicada professora.

Para recreio dos pequenos ficaram, ainda, na escola um triciclo, um cavalo de madeira, de uma loiça, outro grande, em pasta; uma

carroça de madeira; um lingue de borracha e um jogo de construções para armar, que reproduz a estação do Rossio.

A distribuição domiciliária das ofertas da campanha

Continua a entrega das volumosas ofertas que o amplo movimento de fraterna solidariedade à volta da campanha do «Diário de Lisboa» para um Natal em cada bairro possibilitou a milhares de famílias pobres da cidade. A entrega está a ser feita, como temos dito, aos domicílios, mas como é excepcionalmente avultado o número de beneficiários (23 500 pessoas inscritas pelas comissões locais), torna-se necessariamente morosa, prolongando-se ainda por alguns dias. Todos receberão, porém, os auxílios que lhes são destinados. E não

titui acontecimento extraordinário nos locais onde está a ser feita, suscitando tocantes manifestações de contentamento, de alegria que traz lágrimas a muitos olhos. Não ocultam essas criaturas humildes o seu reconhecimento e a surpresa pelo valor e o volume das dádivas recebidas, pois nunca tiveram tão largos auxílios em qualquer iniciativa semelhante.

Quanto mais numerosas são as famílias beneficiadas, tanto mais volumosas e variadas são as ofertas. Por vezes, vem a ranchada dos filhos, que, na sua chilreante alegria, depois do espanto ante tanta abundância, levam para casa os volumes com tantas coisas valiosas.

As pessoas que fazem a distribuição, num louvável e compreensivo esforço, com a sua experiência, a sua dedicação e o mesmo espírito fraterno, garantem uma perfeita execução do plano estabelecido para a entrega domiciliária, acompanhadas pelos representantes do «Diário de Lisboa» e das comissões locais, cuja dedicação merece, também, a maior simpatia.

Por tudo isto a campanha para um Natal em cada bairro, que possibilitou tão grandiosa obra de solidariedade, em tão elevado espírito de altruísmo, enche de júbilo e legítimo orgulho quantos tornaram possível esta consoladora realidade para as esperanças de milhares de famílias necessitadas e seus filhos — esperanças que, em cada ano, se transformarão nas mesmas realidades, com a celebração festiva e benemerente do Natal em cada bairro.

Gestos cativantes

para com o «Diário de Lisboa»

Teve a iniciativa do «Diário de Lisboa», a par de tantas dedicações e tão largos e importantes auxílios, um ambiente de carinho e compreensão dos seus objectivos altruísticos, que temos acentuado, com desvanecimento, bem como as cativantes manifestações de apreço e interesse por parte da Imprensa, da Rádio e da TV, dando a máxima expansão à ideia humanitária e às realizações, festivas e benemerentes da campanha para um Natal em cada bairro.

Registamos sensibilizados, a gentileza do nosso prezado colega «Os Ridículos», de tão brilhantes tradições e tão larga popularidade, que ao nosso empreendimento dedicou expressivas palavras de louvor e enternecida simpatia, acentuando as extraordinárias proporções e o valor dos benefícios proporcionados pela campanha do «Diário de Lisboa» à população humilde e necessitada da capital, com admirável compreensão do seu elevado e amplo espírito de altruísmo fraterno e dignificador. Agradecemos a significativa amabilidade do nosso prezado colega.

O EMBAIXADOR DE ITÁLIA no Funchal

FUNCHAL, 29. — O embaixador de Itália em Portugal, dr. Angelo Corrias, chega hoje ao Funchal, em visita de férias. Antes de desembarcar, o embaixador italiano receberá cumprimentos de boas-vindas do governador, Camacho de Freitas, e do cônsul da Itália no Funchal, Emanuel Valle. — (A. N. I.)



É VOCÊ O SR. SPUR COLA?

Com 2 (duas) cápsulas deste delicioso refrigerante no bolso, procure AMANHÃ — DIA 30, das 17,30 às 18,30 horas o SR. SPUR COLA, na Av. Fontes Pereira de Melo.

DESCUBRA-O e GANHE 3.000\$00 — TRÊS CONTOS

UM BRINDE DE FIM DE ANO DA CANADA DRY

Estendia-se por dois quilómetros o cortejo dos grevistas belgas

A livre circulação entre Berlim e a Alemanha Ocidental

t ria sido garantida pela U. R. S. S.

(Continuação da p. 1)

gue, tendo sido levado para o hospital numa ambulância.

Na Rua Royale, atacaram com uma chuva de pedras e pedaços de chumbo a redacção do jornal católico «Het Volk», cujas montras ficaram estilhaçadas.

A Polícia não interveio, mas os comerciantes correram apressadamente os estores metálicos das vitrinas.

APEDREJADOS OS BANCOS

A torrente dos manifestantes vai engrossando. A circulação está completamente paralisada no centro de Bruxelas. Em frente dos destacamentos da guarda a cavalo, há «jeeps», auto-bombas e barreiras. Chegados em frente dos edifícios do Banco de Bruxelas e da Sociedade Geral, os manifestantes apedrejam as fachadas. Ouve-se o estilhaçar de vidros. As ruas centrais pertencem inteiramente aos grevistas que gritam estribilhos contra o chefe do Governo. Perto da estação central dos caminhos de ferro, as ruas são um mar de gente.

Um funcionário do Banco Nacional da Bélgica foi atingido, num olho por um projectil lançado por um manifestante que destruiu uma janela. Ao aproximarem-se os manifestantes, automobilistas fugiam em todas as direcções, para evitar que os seus automóveis fossem danificados pelas pedras.

DOIS QUILOMETROS MEDIA O CORTEJO

Na rua do Congresso, em frente do tumulto do Soldado Desconhecido e da Coluna do Congresso, em que se ergue a estátua de Leopoldo I, fundador da dinastia, os gendarmes vedam o acesso ao sector governamental. São vaiados pelos manifestantes que gritam, em contrapartida: «A Polícia connosco». Um serviço de ordem de militantes sindicais enquadra a manifestação e impede incidentes graves. O cortejo media perto de dois quilómetros quando entrou nas grandes avenidas, a caminho da praça Fontaines, onde se realizou um grande comício.

A delegação da «Action Commune» foi autorizada, às 10 e 30, a sair do cortejo e a entrar na zona neutra, a fim de ser recebida pelo chefe do Governo.

Na avenida Anspach, os escritórios da Société Générale são novamente atacados. Os grevistas abatecem-se de munições, arrancando pedras entre os carris dos «eléctricos». Mas a boa disposição predomina. E quando se ouve ao longe a sirene de um veículo dos bombeiros, os manifestantes repetem o nome de «Syskenes», imitando o toque da sirene.

Os manifestantes dispersaram às

PEDIDO DE APOIO dos sindicatos britânicos

LONDRES, 29 — Frank Cousins, dirigente sindicalista, declarou a noite passada ter sido consultado pela Confederação Internacional do Trabalho sobre o eventual apoio a conceder aos grevistas belgas.

«Tudo quanto recebi foi uma mensagem da Confederação perguntando qual seria a nossa atitude perante uma greve de apoio dos estivadores ingleses — disse Cousins. E acrescentou:

«A verdade é que ainda não discutimos o assunto. Nem mesmo sei se chegaremos a discuti-lo».

Cousins é o secretário-geral da União dos Trabalhadores dos Transportes. — (A. N. I.).

AUXÍLIO DA C.G.T. FRANCESA
PARIS, 29 — A Confederação Geral do Trabalho da França iniciou ontem uma subscrição para obter fundos destinados a auxiliar o movimento grevista belga, contribuindo com 10 000 francos. — (A. N. I.).

13 e 15, em grupos numerosos, depois de violentos incidentes com as forças da ordem. — (F. P. — A. N. I. e Reuter).

A RESPOSTA DO GOVERNO AOS GREVISTAS

BRUXELAS, 29. — Círculos ligados ao Governo revelaram que Eyskens respondeu à delegação dos socialistas estar disposto a voltar a apresentar a Lei de Austeridade às comissões parlamentares, «a fim de se discutirem possíveis emendas».

O primeiro-ministro sublinhou, porém, que só tomará essa iniciativa depois de terminar o debate geral sobre o assunto, o qual foi interrompido pelo Natal e pelo Ano Novo e deve recomençar na terça-feira. A votação na lei deveria seguir-se ao debate.

Os emissários socialistas responderam que receiam que o simples envio da lei às comissões parlamentares não bastasse para acalmar os operários.

Observadores nesta capital consideram a oferta do primeiro-ministro acerca de emendas à lei como uma concessão. Todavia, receiam

O regresso de Balduino

SEVILHA, 29. — No quadrimotor militar belga que aqui chegou anteontem, e que deixou o aeroporto desta cidade, às 12 e 20 (T. M. G.), regressou a Bruxelas o rei Balduino e sua esposa, Fabiola.

O automóvel que transportou os soberanos desde «San Calixto», a propriedade rural em que se achavam hospedados, desde o passado dia 15, até o aeroporto sevillano era seguido por uma caravana de sete veículos. Os soberanos subiram para o avião logo após a chegada ao aeroporto. Momentos depois, o aparelho descolou, rumo a Bruxelas, em voo directo, sem escala.

Quando Fabiola e Balduino se apearam no aeroporto, os jornalistas, fotógrafos e outras pessoas que se encontravam ali romperam aos gritos de «Viva o rei. Viva a rainha!».

Não houve despedidas oficiais. A viagem entre Sevilha e Bruxelas deve durar três horas e meia, aproximadamente.

A noite passada, já se anunciara em Madrid que o soberano declarara a amigos, pelo telefone, esperar partir de Espanha a noite passada ou hoje.

A partida do embaixador da Bélgica nesta capital, visconde de Berryer, de avião, a noite passada para Sevilha, fortaleceu a crença de que o casal real se preparava para abandonar a Espanha.

Um avião militar belga estava desde anteontem em Sevilha, para o caso de se tornar necessário o rei regressar à pátria. O soberano estava em contacto com Bruxelas por meio de uma linha telefónica directa. — (A. N. I. e R.).

O REGRESSO DO REI, NADA MODIFICA — DIZEM OS SOCIALISTAS

BRUXELAS, 29. — Léo Collard, presidente do Partido Socialista Belga, afirmou hoje que o regresso do rei Balduino em nada modificaria o «movimento geral de paralisação do trabalho que alastra no país... Cabe ao chefe de Estado encontrar-se no seu posto. O seu regresso é normal. Em todo o caso, não fomos nós que lhe pedimos para interromper a estadia em Espanha».

Collard acrescentou — em nome do directorio da «Action Commune» «FGTB-PSB — cooperativas e socorros mútuos — que a «pressão exercida pelo movimento de greve com vista à retirada da Lei Única, durará até este objectivo ser alcançado». — (F. P.).

que essa concessão não baste para um acordo, por duas razões:

1 — Os opositores à lei encontram-se demasiado exaltados para aceitarem um procedimento parlamentar, em vez da simples retirada da lei, como exigem; 2 — o objectivo dos socialistas é conseguir a demissão do Governo católico-liberal e não lhe dar tempo para conseguir uma solução de compromisso. — R., F. P. e A. N. I.).

Esgotadas as reservas de ouro e divisas de Cuba

HAVANA, 29. — Segundo um balanço, datado de 30 de Novembro, do Banco Nacional Cubano, publicado hoje pelo «Boletim Oficial», as reservas de ouro e de divisas convertíveis estão praticamente esgotadas.

Estas reservas elevavam-se, em fins de Novembro, a 84 milhões de pesos cubanos, mas uma nota apenas assinala a existência de «obrigações contingentes» num total de 92 milhões. O documento não esclarece a origem dessas obrigações. Os meios financeiros dizem, porém, tratar-se de créditos já abertos para cobrir as importações. O «déficit» teórico seria, por conseguinte, de 8 milhões de pesos. Certos meios afectos ao Banco Nacional creem, no entanto, que, devido a entradas de divisas estrangeiras, as reservas elevavam-se a 8 ou 10 milhões. Ao mesmo tempo, a circulação fiduciária, nos onze primeiros meses deste ano, passou de 540 para 935 milhões de pesos.

Na opinião de certos meios, a actual situação financeira explicaria o rápido regresso de Ernesto «Che» Guevara, presidente do Banco Nacional.

Oficialmente, a cotação do peso cubano mantém-se ao par com o dólar americano, mas só devido ao «controle» dos cambios.

Parcece que o Governo cubano conta com os acordos bilaterais com os países socialistas para manter a economia do país, nos próximos meses, e promover a sua industrialização. Mas a penúria de divisas paralisará, certamente, a maior parte do comércio com os países do Ocidente. — (F. P.).

LIBERTADO SEM SER INTERROGADO

HAVANA, 29. — As autoridades cubanas libertaram ontem o jornalista

PARIS, 29. — Um compromisso para

rece ter sido estabelecido entre Berlim-Oeste e Moscovo, acerca da cláusula relativa a Berlim e que tem impedido a assinatura do acordo comercial germano-soviético. Quando, no passado dia 12, as duas delegações se preparavam para assinar o acordo no Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental, os representantes alemães insistiram

O chanceler Adenauer e o embaixador soviético em Bonn, Andrei Smirnov, tiveram ontem uma conferência, que parece ter sido decisiva. O que se passou entretanto? Ontem, à tarde, em Bonn, confirmava-se que o embaixador dos Estados Unidos na capital alemã, Walter Bowling, tivera uma conferência, em 16 de Dezembro, com o embaixador soviético na Alemanha Oriental, Perukhine, tendo a conversação versado sobre Berlim e a necessidade de evitar qualquer iniciativa susceptível de envolver a situação. — (F. P.).

AS DIVERGENCIAS ENTRE AS DUAS ALEMANHAS

BERLIM-OESTE, 29. — Renovam-se as esperanças, nos círculos diplomáticos ocidentais, de que o Governo da Alemanha Oriental siga o exemplo do Kremlin e se resolva a assinar novo acordo comercial com a República Federal da Alemanha, pondo termo à ameaça de nova crise em Berlim.

Todavia, o óbice não é o estatuto de Berlim-Oeste, mas o livre tráfego entre as zonas ocidental e oriental da cidade. O Governo de Bonn insiste na abolição dos passaportes, sob pena de definitivo cancelamento do acordo comercial; os comunistas afirmam que as questões de ordem política devem ser excluídas do tratado, sob risco de graves restrições ao tráfego berlinense, que poderá compreender a anulação das licenças para o transporte de mercadorias e a utilização das locomotivas do Leste, que asseguram o trânsito dos comboios militares da França, Grã-Bretanha e Estados Unidos. — (A. N. I.).

BEN GURION vai abandonar a chefia do Governo de Israel

JERUSALEM, 29. — A possibilidade da demissão do primeiro-ministro Ben Gurion é admitida por muitos órgãos da imprensa governamental israelita, que, até ontem, só falavam de «licença prolongada».

Esta crise latente nasceu de um conflito entre o chefe do Governo e Pinhas Lavon, secretário-geral da Histadruth — central sindical israelita — a propósito de um «caso de segurança», verificado em 1954, quando Lavon era ministro da Defesa. Revelações recentes provaram que alguns oficiais israelitas, servindo-se de documentos falsos, tentaram atribuir toda a responsabilidade do sucedido a Lavon, que exige a sua reabilitação. A comissão ministerial de inquérito, composta por sete membros do Governo, concluiu neste sentido. Mas Ben Gurion não deixa, por isso, de manifestar uma hostilidade aberta relativamente a Lavon. Isto coloca-o em oposição a certos dirigentes do seu próprio partido, o Mapai (trabalhista), muito dedicados a Histadruth, e aos ministros que fizeram parte da comissão de inquérito. — (F. P.).

A «OLD VIC» na União Soviética

LONDRES, 29. — A famosa companhia teatral britânica «Old Vic» parte de avião para Moscovo no dia 3 de Janeiro, para uma digressão artística de um mês pela Rússia e pela Polónia, países que visita pela primeira vez.

O repertório da «Old Vic», que será exibido em Moscovo, Leningrado e Varsóvia, inclui as peças: «Macbeth», de Shakespeare; «Santa Joana», de Bernard Shaw, e «A importância de chamar-se Ernesto», de Oscar Wilde. — (A. N. I.).

AMANHÃ 6.ª FEIRA ÀS 12 HORAS

é que se realiza a extração dos prémios da grande lotaria de São Silvestre — a última do ano. O 1.º prémio é de 6.000 Contos. Esta informação é dada pela

CASA DA SORTE

CHAPELARIA HIGH-LIFE

RUA ÁUREA, 118

Grande sortido de chapéus para homem e criança, guarda-chuvas e sombrinhas, nas melhores qualidades. Modelos modernos.

Chapéus franceses GÉLOT e MOSSANT

PERFUMARIA DE ALTA QUALIDADE



RESTAURANTE CASTANHEIRA

CAFÉ BAR • SALA DE CHÁ • TELEVISÃO • ESPLANADA • CINEMA
SALAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
ESTRADA DA TORRE, 77 TEL. 79 01 68 LUMIAR — LISBOA

Comunica que se encontram esgotadas as lotações das suas salas para a PASSAGEM DO ANO, assim como para os almoços e jantares do dia de ANO NOVO.

RESTAURANTE E CERVEJARIA LEÃO D'OURO

O estabelecimento da especialidade, com tudo que de melhor o Mar produz

Reservam-se mesas para passagem de ano

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — Telefone 14
NOITE S. SILVESTRE
GRANDE «RÉVEILLON»

Dia Ano-Novo Almoço Regional e Chá Dançante
2 — Orquestras — 2 4 — Ranchos Folclóricos — 4
e a artista da Rádio e da T. V. Fernanda Pacheco — (15 anos)
Convidados de honra «OS PARODIANTE DE LISBOA»
Informações e Reservas em Lisboa: Telefones 770320 e 22816

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NÚMERO 127

O drama da guerra na obra de Heinrich Boll

por M. ADÉLIA SILVA MELO

Creio chegada a altura de nos acercarmos com mais vagar dos dois ramos principais da actividade literária de Heinrich Boll: a literatura de guerra e as sátiras.

Embora possa parecer á primeira vista que nada existe de comum entre estes dois campos, a verdade, porém, é que eles estão íntima e indissolivelmente ligados, porquanto têm como objectivo unico o homem, e como intenção constante o amor. E' reagindo contra a guerra no que ela tem de humanamente cruel, que Heinrich Boll firma a sua posição de escritor. E' reagindo contra uma sociedade que imediatamente esqueceu um passado atroz,

e se deixou permear de um optimismo sem bases, que Heinrich Boll mantém incólume a sua individualidade. Pode dizer-se que o grande, o unico, o verdadeiro tema deste escritor é a desumanização do homem pelo próprio homem. Assim, encarado por lados diferentes, este fenómeno constitui o cerne quer dos contos, quer dos romances, quer das sátiras. O autor sente-se empenhado na reconstrução de um mundo melhor, de um mundo onde haja lugar para todos, e onde o homem possa desenvolver-se em autenticidade. Católico, Boll sente o chamamento de Deus para uma doação total e vê na missão de escritor a realização da sua vida e o contributo sério e consciente de um esforço de cooperação positiva. Em face da guerra, a atitude de

(Continua na ultima página)

FABIOLA

processada

pelo seu editor

A rainha dos Belgas vai ser processada por um editor madrilenho. Autora de contos infantis, Fabiola de Moray Aragon publicou um livro através da Casa Finople, da capital espanhola. A primeira edição era quase luxuosa, e teve algum êxito, mas o casamento da jovem escritora com Balduino lançou-a para a lista dos «best-sellers». Artigas, da Finople, obteve autorização para lançar no mercado uma edição popular. Tinha milhares de exemplares impressos quando lhe comunicaram que Fabiola lhe retirava a autorização. A razão invocada era a de que a edição não era suficientemente popular. Artigas ameaça a rainha dos Belgas com um processo.

Dez milhões de pesetas

custou o códice
do «Cantar de Mio Cid»

oferecido à Biblioteca
Nacional de Madrid

Foi comprado agora por 10 milhões de pesetas o mais célebre de todos os poemas espanhóis; ao seu anónimo autor chamaram já o Homero espanhol. O «Cantar de Mio Cid» que os séculos consagraram com o nome de «Poema del Cid», aparece no século XII e, desde então, é transmitido de pais a filhos e entoado nas horas altas da reconquista porque exprime o sentir de todo um povo na sua ansia de libertação da Terra.

O códice mais antigo que se conhece do poema é escrito em 74 folhas de pergaminho. É obra de um copista dos princípios do século XIV — 1307 — de que se não sabe mais do que o nome: Pero Abad. O poema está mutilado, faltando-lhe folhas iniciais e folhas interiores, mas assim mesmo é uma preciosidade. Viveu existência ignorada até que o erudito Eugénio Llaguno o encontrou no fim do século XVIII.

O códice esteve no século XVI no Arquivo do Conselho de Vivar e, mais tarde, num convento de monjes daquela localidade.

D. Ramon Menendez Pidal, o maior conhecedor do poema e do códice, diz que dali o tirou Eugénio Llaguno y Amisola, secretário de Estado, para ser publicado por Tomaz António Sanchez, em 1779. Em poder de Llaguno se encontrava ainda em 1792 e passou dos seus herdeiros para a posse de Pascual de Gayangos, que o tinha em 1858. Há quem diga que foi enviado para Boston a fim de ser visto por Ticknor.

Comprado pelo primeiro marquês de Pidal e os seus herdeiros o tiveram até hoje.

A oferta à Biblioteca Nacional de Madrid

Dos Estados Unidos vieram ofertas pelo códice. Algumas muito valiosas. Os meios intelectuais agitaram-se e propôs-se a compra pelo Estado. Não se queria deixar sair de Espanha o mais antigo códice do mais célebre poema hispanico. Tudo acalmou ao saber-se que a Fundação March, do milionário maiorquino D. Juan March, estava em negociações com os possuidores do códice. E por fim o negócio foi fechado entre a Fundação e os herdeiros de D. Roque Pidal, recebendo estes dez milhões de pesetas pelo códice. O contrato foi assinado em 1 de Dezembro.

Na terça feira passada a Fundação March fez entrega do códice ao Estado espanhol para este o entregar á Biblioteca Nacional de Madrid. Foi uma cerimónia histórica para a cultura espanhola, aquela em que o ministro da Educação, D. Jesus Rubio, recebeu do filho de D. Juan March o códice do «Cantar de Mio Cid». Usou da palavra a mais alta autoridade no assunto, o académico D. Ramon Menendez Pidal.

O PRETO NO BRANCO

Prémios literários

de RAMADA CURTO

A existência de prémios internacionais científicos é aceitável. Um grande investigador pode em física, química ou medicina ser chinês, russo ou português e fazer grandes descobertas que são iguais em todos os países. Quando o Roentgen descobriu uns raios que atravessavam todos os corpos opacos isso foi imediatamente reconhecido em toda a Terra como uma grande descoberta. Uma hipótese científica confirmada como verdadeira pela experiência utiliza a todos e, mesmo quando não seja útil, basta-lhe ser verdadeira para merecer prémio internacional e é de presumir que virá a ser aproveitada pela técnica e utilizada praticamente para serviço de todos. Nos prémios científicos é fácil justificá-los mas no que diz respeito á literatura é mais difícil. Nas línguas de grande expansão como o francês e o inglês ainda os admito. A literatura é a «literae», as letras o vocabulário com que se escrevem as elegancias e as belezas da frase, estilo ou a maneira do escritor que é o elemento essencial da literatura. Dir-me-ão que nos

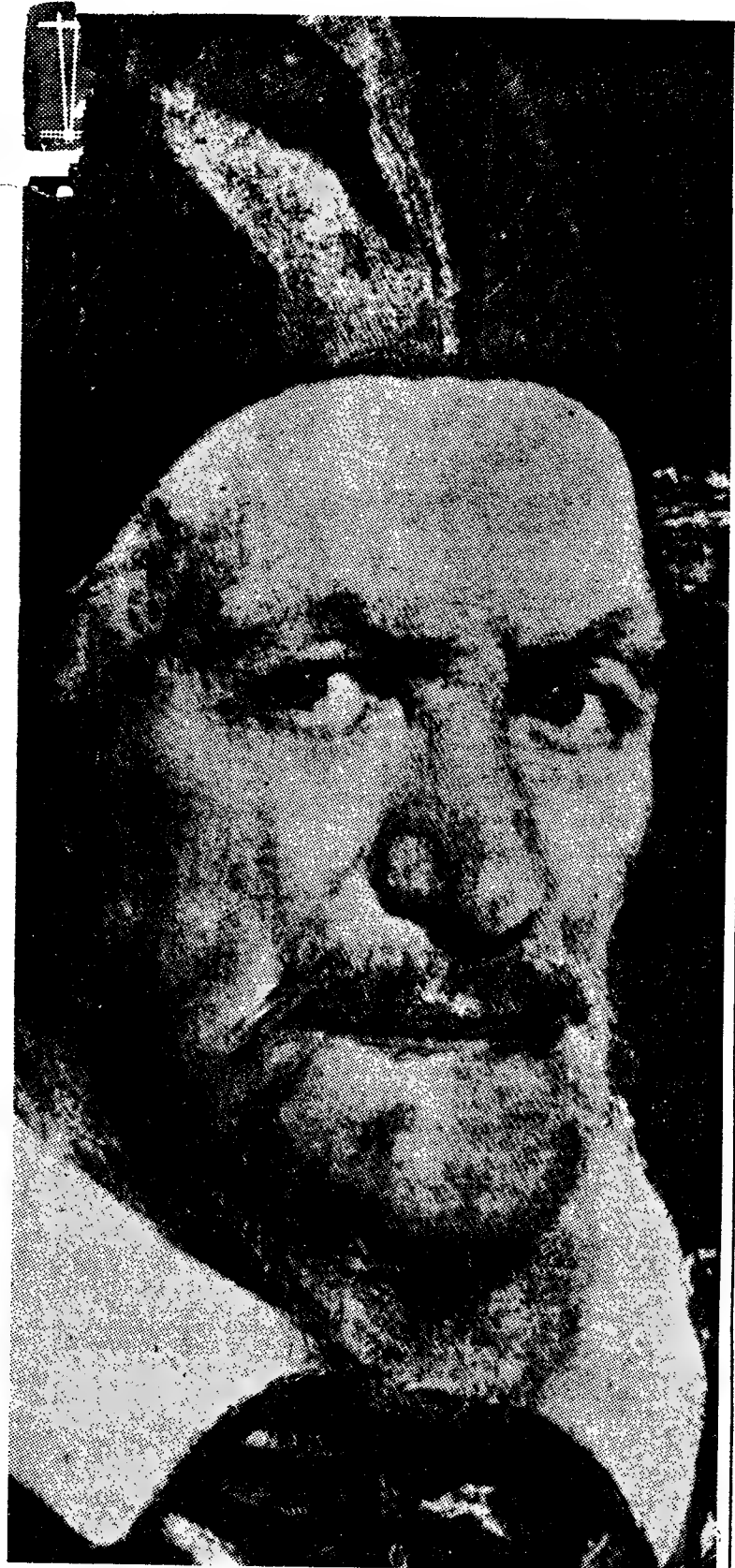
romances, nas novelas e até nos contos, em geral na prosa, há que considerar o assunto, as figuras, os entrecos da História. Literatura é a natureza vista através de um temperamento.

O Zola foi um grande escritor da França e compreendo que fosse considerado um grande escritor universal. Já a grandeza do Anatole, supremo escritor francês, traduzido, perdia metade da sua supremacia. Mas o que ficava era bastante para justificar todos os prémios internacionais.

De tudo isto e de muitas outras coisas que não desenvolvo, concluo eu que o escritor mais lido, mais traduzido, mais conhecido e compreendido pelos outros povos é que pode merecer um prémio internacional. Os actuais escritores americanos bastam-lhes os assuntos de que tratam, para da forma verbal com que os tratam, justificar os prémios que lhes deem. Mas a poesia está fora do combate. A poesia internacional não existe. O tradutor é sempre o «traditor». Não se pode traduzir um Verlaine, poeta que vive pela beleza verbal, pela musica dos seus versos. Ninguém pode traduzir a beleza da página do D'Annunzio sobre o canto do rouxinol, del usignolo, no seu romance «L'Inocente», traduzido em francês por «L'Intrus» e em português pelo «Crime».

Ora, a menos que os senhores académicos da Suécia que dão o Prémio Nobel literário, sejam políglotas e além de estetas, especialistas, em todas as línguas de fora — de fora da Suécia — eu julgo que neles deve influir a importância dos países que candidatam escritores. As letras têm fronteiras que não têm as ciências. Uma equação é a mesma equação em toda a parte, um poema só pode ser o mesmo pelo assunto e nunca pela forma na língua do poeta. Já com a literatura de teatro o caso é outro. Ali o estilo não vale; o que vale são as figuras que vivem e falam e actuam mesmo quando sejam de fantasia. Porque mesmo uma

(Continua na página seguinte)



Retrato de Inocência X por Velasquez

«Velasquez y lo Velasqueno»

— contrariedades e supresas

O «Cason», o «Buen Retiro», foi restaurado. A exposição «Velasquez y lo Velasqueno» ocupou-o. Franco e seis ministros inauguraram a

mostra» que António Gallego Burin, director das Belas Artes, organizou, e na qual colaboraram museus de quinze países. A Madrid chegaram quarenta caixas. Peso: 3500 quilos. A National Gallery de Londres enviou a «Venus do espelho». O Louvre contribuiu com dois retratos de infantas. O Museu de Berlim encaixotou o seu belo retrato de mulher. O Metropolitan Museum embalou o retrato equestre de Olivares.

O Prado não emprestou os seus cinquenta Velasquez. Apresentou-os sobre paredes talvez excessivamente claras. No «Buen Retiro» estão 70 telas. São consideradas «revelações» o «Cavalo Branco», vindo do Palácio Real, restaurado sob as indicações do Marquez de Lozoya, que teve a coragem de apagar um cavaleiro mediocre; um pequeno bronze italiano executado sob a vigilância de Velasquez que o utilizou como modelo da «Venus»; a reconstituição do «atelier» do pintor. A atmosfera da época setecentista é conseguida com musica da época.

Ortega y Gasset escreveu: «Velasquez é um ateu gigantesco, um impio colossal. Com o seu pincel, expulsa os deuses á vassourada... É a nossa pintura. Ele preparou o caminho a nossa época sem deuses, uma idade administrativa na qual, falamos do alcoolismo, em vez de falarmos de Baco».

Velasquez

antepassado
de Balduino
e dos Braganças

Velasquez não era apenas um pintor de génio. Tinha uma ambição afinal mediocre: os títulos de nobreza. Filipe IV, que o sabia, esperava uma ocasião para o enobrecer. A ocasião chegou quando Velasquez deu a ultima pincelada em «Las Meninas», onde o pintor se retratou. Filipe IV ficou maravilhado. Depois, franzindo o sobrolho, disse: — Falta uma coisa!

Pegou no pincel e traçou uma cruz vermelha (a cruz de S. Jaime) na tela, no peito de Velasquez. Mas foi necessária ao rei

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

'antasia que não mime e finja a realidade resulta um disparate. O espectro do «Hamlet» fala como um rei que foi em vida realmente um rei indignado porque a mulher e o irmão o assassinaram. Em cena se não é assim, não é teatro é fantochada para esrever os vários fantasmas de Shakespeare é precisa uma coisa que se chama o génio, o génio não se mede por prêmios.

Ninguém pense, lá porque eu tenha escrito peças de teatro, que penso em mim. Eu tenho génio mas só às vezes. Tenho tido mau génio excepcionalmente porque ora disso sou um tipo tratável. Mas já o Ibsen não fazia prosa. Criou gente que vivia como realidades e punha problemas. Eu nunca pus problemas. Nem isso, nem ovos. E explico isto, não vá alguém julgar que eu puxo a brasa à minha sardinha. Que eu sei o país em que vivo e o que tem escrito a meu respeito para me ser agradável. Já me disseram que eu quis igualar-me ao Goethe mas não cheguei lá. Pois quis mas não pude e depois não pude curvar os braços em resposta. Mas respondi «in mentes», sem palavras, porque em teatro o gesto não digo que seja tudo, mas ajuda.

Agora o Prémio Nobel foi dado a um poeta francês, um pouco no género do Mallarmé e do seu sucessor o senhor Paul Valéry. Já li. Não percebi e não gosto. O poeta também mal comparado, cuido eu que pertence ao mesmo tipo dos Proust, dos Gide, dos Wilde, que é inglês, tinha talento e era da mesma corda desses talentos franceses. Há muitos talentos desses mas eu repito que, tenho pena, mas não gosto. Nem mesmo que me dessem o Prémio Nobel que eu sou teimoso nos meus gostos e nem que me dessem todos os prêmios não variava.

RAMADA CURTO

Arte portuguesa



O ano que se aproxima rasga-se de luz

«POESIA»

de FRANCISCO BUGALHO

Na prodigiosa erupção poética da geração da «Presença», que renovou para todas as direcções o lirismo português, Francisco Bugalho apenas pôde ser uma promessa de grande e original poesia. Morreu muito jovem. Deixou sómente três colectâneas breves de poemas e escassos inéditos, que foram agora

cisco Bugalho afirma-se que tudo, na sua poesia, se exprime com economia e reserva; que talvez a morte, levando-o tão novo, lhe não tivesse permitido realizar-se artisticamente na plenitude do seu talento. Não faltará quem sinta isso mesmo ao ler estes versos em que um escritor de receptividade extrema



Francisco Bugalho num desenho de Arlindo Vicente

revelados. E a sua arte de escritor não é, com evidência singular, daquelas que podem considerar-se definitivas e que dizem o essencial numa breve trajetória, como a de Mário de Sá Carneiro. Os versos que deixou são os de uma poesia em germinação — de uma germinação prematuramente cortada — que poderia levar a muito diversas descobertas sob o apelo de muito diversos horizontes. A íntima essência que a alimenta é nitidamente «presencista»: a dos «sonhos contraditórios», das «vidas que viveria/ se me não fora impossível», de «quem assim nasce tem de viver só», das «vagas e vãs melancolias», de um outro que já fui ou me suponho. E a poesia da introspecção individualista, da auto-análise até ao desespero, da angustiada contemplação umbilical. Mas a simplicidade e a limpidez da forma parecem prenunciar um poeta capaz de dizer muitas outras coisas; a consciência muito viva e persistente das contradições no fluído terreno do individual poderiam abrir caminho, na maturidade, a outros rumos muito diversos de ajustamento do eu ao mundo de todos; a esperança mal balbuciada de «dias novos» sugere a indecisa expectativa de outras coerências ainda não encontradas, para além dos «ideais burgueses / que não te satisfazem».

O poeta que se confessa «sempre em luta vã» consigo mesmo — que «sofres de já ser aquilo que não és / que sofres de não ser aquilo que queres ser» — estava na sua juventude precocemente aniquilado em pleno voo para horizontes mais largos que os do inquieto eu. Francisco Bugalho seria, talvez, um poeta disponível para muito diversos rumos de afirmação pessoal — precisamente porque não chegou a ser, como assinala José Régio, senão o poeta da sensação, ainda sem ter alcançado o nível dos sentimentos e das largas ideias. No prefácio que o grande e impenitente inquieto das «Encruzilhadas de Deus» escreveu para a recolha póstuma dos poemas de Fran-

sai tão frequentemente das angústias íntimas para descrever, vibrando, o mundo que se lhe revela pelos sentidos. A descoberta, em Francisco Bugalho, estava prolongadamente no início. Por isso apresenta maior interesse e uma sedução de interrogações que, infelizmente, nunca terão resposta, a recolha da obra lírica do poeta que foi agora publicada. (Portugália Editora, Lisboa).

«AMORIM VIANA»

por VITOR DE SÁ

Pensador e escritor muito esquecido, na contraditória posteridade de uma geração que se dissipou em confusos sentidos, Amorim Viana teve agora em Vitor de Sá um dedicado estudioso que muito contribuirá para a ressurreição da sua memória. O operoso publicista braçarense — exemplo de clerc interventor e combativo — não teve a pretensão de construir um estudo exaustivo sobre a vida e a obra de Amorim Viana. Intitulou discretamente o seu trabalho «ensaio bibliográfico» — mas pela própria textura se pode ajuizar do esforço demorado e extenso que lhe foi necessário para o levar a cabo. Em poucas dezenas de páginas concentrou Vitor de Sá um somatório extraordinário de informações, na sua maior parte obtidas à custa de laboriosa investigação pessoal. Nelas se documentam o nascimento, a educação, os trabalhos e lutas, as polémicas, a actividade docente, as odisséias da neurose, a morte obscura desse pensador que Basílio Teles descreveu como um homem «habitado a olhar para dentro». O esforço do autor foi corajoso e nobre, como tantos outros aspectos e passos da sua vida.

Não se encontram neste estudo a exploração literária do tema nem a análise aprofundada da obra de Amorim Viana. Deve ter sido tão longo e difícil o trabalho bibliográfico que Vitor de Sá não cuidou

«ACTUALIDADE E PERMANÊNCIA DO LUSO-BRASILEIRISMO»

por NUNO SIMÕES

A campanha da reaproximação espiritual e cultural luso-brasileira desde o início do século presente, lançada e conduzida no Brasil por Paulo Barreto e Ricardo Severo, em Portugal por João de Barros e Nuno Simões, tem agora coortes numerosas e eloquentes de seguidores. Muitos outros, decerto, lhes deram o seu concurso em várias épocas e, por vezes, em difíceis circunstâncias. A essas quatro figuras, no entanto, devem os dois países que tantos laços unem e é possível continuarem a unir a tenacidade incomparável de uma devoção de todos os instantes. Nuno Simões é hoje o único depositário da voluntária missão dos admiráveis pioneiros — três escritores que não fizeram do luso-brasilismo um pretexto ou uma consequência de literatura e que o viveram vibrante e sob todas as formas, servindo-o por todos os seus meios. Escritor também, embora desviado habitualmente da vida literária pela vocação de político e de economista, Nuno Simões multiplica-se em todas as direcções, em tudo está presente, para que o Brasil viva mais de perto no coração e na inteligência dos Portugueses e Portugal não seja alienado na alma e na cultura dos Brasileiros de hoje.

O livro agora publicado é um testemunho. Sete conferências e discursos, de épocas e circunstâncias diversas mas com a unidade essencial da inspiração comum, preenchem este volume de palpante efusão sentimental e intelectual — mesmo no tratamento dos assuntos mais friamente objectivos, como os das relações económicas. Ao traçar o conceito e evolução do luso-brasilismo ou o esplendor económico de S. Paulo; ao evocar e homenagear as figuras de João de Barros e Ricardo Severo — dois democratas para quem a causa luso-brasileira teve sempre a lógica do amor da liberdade nos dois povos — ou a projecção do seu esforço no domínio cultural e cívico, a pena de Nuno Simões tem sempre a vibração contida de um apostolado. Uma coerência profunda, sem qualquer sujeição ou disfarce de conveniência política, imprime a estas páginas, além do calor pessoal, uma nobreza de impecável cruzada.

O estilo é, por vezes, descuidado. A oralidade discursiva sujeita-o às nuances, nem sempre literariamente gratas, dos heterogêneos auditórios a que as conferências e discursos foram dirigidos. E a preocupação do facto, que é característica do economista prático e actuante, impõe a muitas páginas um des-



NUNO SIMÕES

carnamento formal que não as valoriza na leitura. Mas o homem de letras que as contingências da vida não deixaram cultivar e apurar está presente em muitas outras, servindo brilhantemente o impulso do sentimento reflectido que as determinou.

Para Nuno Simões o luso-brasilismo tem sido — ou, na sua lucida e experimentada opinião deverá ser — «um instrumento de democratização social, de civilização e de paz, que importa aplicar plenamente ao serviço da humanidade». Sob esta inspiração fundamental, e na obra devotada de todos os dias, foi gerado o livro que veio agora a público. Há nele muitíssimo que aprender e que admirar. (Edição do autor, Lisboa, 1960).

REGISTO

● Um facto vulgaríssimo na vida literária do País acaba de registar-se com o romance de Joaquim Paço d'Arcos «Ana Paula»: a casa Guimarães Editores deu a público a décima edição deste livro, com que o romance já iniciou, há pouco mais de vinte anos, a série de seis volumes já publicados da «Crónica da Vida Lisboeta». Circunscrito a um meio social de burguesia restrita, em que se confundem virtudes e vícios, o romance de Paço d'Arcos atinge a sua exacta medida de universalidade na veemência das paixões e dos dramas que traduz ou interpreta. Rodrigues Lapa, numa crítica exemplar já antiga, assinalou que o romance adquire no desenvolvimento da tese da predestinação uma violência inumana que poderíamos apelar de jansenista. E pode acrescentar-se que Paço d'Arcos encontrou para ele o estilo justo, na limpidez linear, na maleabilidade de queiroziana e na economia exacta. A 10.ª edição de «Ana Paula» é um acontecimento literário significativo.

● A Editora Ulissia revelou ao público português uma das obras mais significativas da novelística contemporânea — o romance de Ilya Ehrenburg «O Degelo». A primeira parte da obra foi publicada em 1958, com a aparência de romance completo, mas deixando entrever a sua continuidade virtual. A segunda parte foi agora editada, permitindo apreciar em toda a sua significação humana, está inquieta e difusa história de amor, que se filia na melhor tradição culta da novelística russa.

● A intensa actividade divulgada da Portugália Editora representou-se ultimamente, entre outras obras publicadas de que já se fez menção neste jornal, na

(To live in the hearts we
leave behind, is not to die)
Campbell

Falava-se de amor. A conversa tinha insensivelmente tomado esse rumo, e discutia-se em particular a inconstância. Caso curioso, todos parecíamos concordes em admitir que, salvo raras exceções, apenas para confirmar a regra, dona Inconstância reinava não só no coração dos homens, mas também, e em partes iguais, o que, embora a contragosto, a nossa superioridade masculina tinha de reconhecer, no das mulheres da nossa época.

Foi então que o Emílio — vocês conhecem — o Emílio loiro e rosado, tímido, primeiro prêmio em piano contou esta história. Vou procurar, na medida do possível, reproduzi-la tal como a ouvi. Tem a palavra o Emílio, o tímido o encantador Emílio que vocês conhecem.

«Foi numa tarde como a de hoje, apenas há dois anos, que isto começou. Eu frequentava então um calmo, sossegado e (porque não?) até certo ponto «snob» salão de chá, e, como tivesse encontrado três ou quatro antigos camaradas de liceu, para lá os arrastei, depois de um almoço suficientemente regado para despertar em todos nós a veia das recordações.

Falávamos — inevitavelmente — dos tempos passados, e daqueles mais ou menos anedóticos da nossa estúrdia estudiantina que permanecem na nossa memória por toda a vida. Palavra puxa palavra,

sem me deixar a mais pequena sombra de dúvidas.

Ergui-me então e, creio que corando, aproximei-me dela balbuciando qualquer frase que procurei tornar cortês, embora o meu natural nervosismo a estropiasse irremediavelmente.

Ela sorriu-me, e deve ter sido o seu sorriso a causa principal da minha «trapalhão». Era um sorriso calmo, suave, profundo. Um sorriso bom. E, simultaneamente, um sorriso compreensivo.

«Deve ter estranhado o meu convite, não?» Tentei assegurar-lhe que se enganava, mas era de tal modo ridículo pretender achar natural a situação, que o meu nervosismo crescia a olhos vistos. «Imagine que me sentia só, e me apeteceu, subitamente, falar a alguém. Você era a pessoa que se encontrava mais perto...».

A intenção dela era boa, com-

Depois, ele tivera aquele desastre, e ela ficara sózinha, vivendo apenas da saudade e das doces recordações dele. «Estavam casados há muito tempo?» arrisquei.

Mas enganara-me. Eles não tinham chegado a casar. A morte não lhes dera tempo para isso. Ela, porém, considerava-se sua viúva, usava o seu nome, vivia rodeada das coisas dele, das coisas que ele possuía e que ele amara.

Os nossos encontros acabaram, confesso-o por me aborrecer. Vocês compreendem, ali estava eu, todos os dias, falando de outro homem a uma bela mulher. Ela parecia insaciável, e não dava mostras de notar que eu acabava já por repetir o assunto, contando episódios por várias vezes, usando as mesmas frases, os mesmos gestos, e cada vez menor entusiasmo.

Certo dia falava-lhe eu maquinalmente, enquanto buscava, em pensamento, uma tábua de salvação para me livrar daquilo, quando passa por nós o Damião, aquele que esteve cá no regimento, fazia versos e recitava o «Noivado do Sepulcro». Lembrei-me de que ele também conhecera o Joel, e pedi a viúva deste, se é lícito usar tal termo, licença para lho apresentar. Ela agradeceu, comovida, a minha intenção (a aparente, é claro) e den-

SEMPRE por BOTELHO DA SILVA

como sói dizer-se, e nós estávamos animados. O riso, direi melhor, a gargalhada tomara de assalto a nossa mesa. Mal um tinha acabado de evocar certo e determinado episódio, logo outro metia a sua colherada. «E daquela vez em que...». «E lembram-se quando...».

Eu havia já reparado naquela beldade de aparência distante e fria que tomara lugar a uma mesa próxima. Havia percebido a sua presença — e nada mais. Encontrava-me, devo confessá-lo, demasiadamente interessado na conversa para prestar atenção a qualquer beldade, só por a mesma se encontrar a três metros da minha pessoa. Por isso continuei a ignorá-la, mesmo quando notei, a certa altura, manifestar ela um empenho fora do comum de ouvir a nossa conversa.

Não tardou que um dos meus companheiros deitasse uma olhadela ao relógio, para exclamar logo, precipitadamente: «Lá se me vai o ponto!» Foi a debandada.

Em poucos minutos ficava só de olhar perdido nas volutas de fumo do meu cigarro, e o pensamento entregue a compreensíveis conjecturas acerca do prazer proporcionado por encontros daquele estilo, em que se evocam bons tempos, se ri com vontade, e, consequentemente, se rejuvenesce e tonifica o espírito.

O meu olhar encontrou então, por mero acaso, o da beldade da mesa vizinha, e algo de surpreendente se passou então. Ela fez-me um sinal, que só poderia ter um significado: o de um convite para lhe fazer companhia. Hesitei. Embora suficientemente estragado, para acreditar em conquistas fáceis, a verdade é que tal sinal, vindo de tal mulher, não lograva convencer-me. Ela, na realidade, não era do tipo de quem se espera um sinal daqueles. Procurei convencê-la de que teria sido algum movimento reflexo, ou irrefletido, enquanto o meu olhar se mantinha fora do seu raio de acção. Quando, porém, voltei a olhá-la, ela repetiu o gesto, e desta vez

preendo-o hoje, mas tão-pouco me ajudou. Em boa verdade, eu seria um malagosto completo a desempenhar o papel de conquistador perante uma mulher como ela. Deve tê-lo percebido, pois resolveu imediatamente pôr cartas na mesa.

«Olga. Há pouco, sem dar por isso, fiquei a ouvir a vossa conversa. Você mencionou o nome de Joel Guimarães. Conheceu-o bem?».

Mais á vontade, respondi-lhe. Na realidade, eu havia privado bastante com ele nos últimos anos do liceu. O Joel era um rapaz desembaraçado como poucos, fora da aviação, e morrera ingloriamente num desastre cinco ou seis anos atrás.

«Quer fazer-me um favor? Fale-me dele». Achei um estranho desejo aquele, e creio que, noutro qualquer dia, teria procurado conhecer as razões do interesse da minha interlocutora. Mas lembrei-me de que eu tinha almogado bem, e ainda não havia deixado de me sentir em maré de recordações. Falei-lhe, por isso, do Joel. Era fácil, de resto, tantas e inolvidáveis recordações daqueles bons tempos a que podia associar o seu nome.

Perdi, até certo ponto, a noção das horas, e foi ela quem, amavelmente, me perguntou se não teria qualquer compromisso, pois já eram tantas. Eu tinha, de facto, um compromisso a que não podia faltar. Ela pediu-me então que aparecesse no dia seguinte, a fim de continuarmos a nossa interessante conversa.

Para encurtar este relato digolhes já que, nos dias seguintes, durante trinta, andei a falar-lhe de Joel. Ela bebia as minhas palavras, e só a simples menção do nome dele era suficiente para a fazer estremecer de emoção. Não uma, mas várias vezes, lhe vi cair pelo rosto as lágrimas que habitualmente lhe brilhavam nos olhos.

Contou-me a sua história, isto é a história do seu amor pelo Joel. Tinha sido qualquer coisa de muito belo, de muito rápido, mas nem por isso de menos duradouro. Uma espécie de «coup de foudre» a que se seguira um idílio maravilhoso.

tro de alguns minutos escutava, com fervor, um daqueles episódios característicos que eu já bastas vezes lhe narrara.

Despedi-me aliviado nesse dia. E, cónscio de a ter deixado em boas mãos, nunca mais voltei a entrar naquele calmo, sossegado e um tanto ou quanto «snob» salão de chá.

*

A história contada pelo Emílio estava a abalar já as nossas convicções havia pouco manifestas acerca da inconstância feminina, quando um de nós lhe perguntou: — Ela?

— «Nunca mais a vi» respondeu o Emílio. «Mas em contrapartida, tenho encontrado, uma vez por outra, o Damião. É um bom tipo, que teima sempre em pagar-me qualquer coisa. Parece convencido de que eu sou uma espécie de Cupido, só porque nesse dia, lhe apresentei a mulher que ele, meses depois, conduziria ao altar.

“AS EMBAIXADAS”

o primeiro livro
de Peyrefitte

traduzido em Portugal

Figura central do romance contemporâneo francês, Roger Peyrefitte, Prémio Théophraste Renaudot 1945, pelo livro «Les Amitiés Particulières», autor de «L'Oracle», «Les Amours Singuliers», «La Fin des Ambassades» e «Les Chevaliers de Malte», é apresentado ao público português na tradução de «Les Ambassades», de João Salgueiro, para a colecção «Autores do nosso tempo», da Minerva. Acontecimento literário e editorial «As Embaixadas» têm uma capa admirável de Sebastião Rodrigues.



Pinceladas rápidas, castanhas e douradas, revelam a técnica de Velasquez neste pormenor do retrato do bobo «Don António, o Inglês»

VELASQUEZ antepassado de Balduino e dos Braganças

(Continuação da página anterior)

toda a sua autoridade para conseguir que o Conselho das Ordens Militares desse o título ao pintor, que a nobreza não considerava à altura de tão grande honra.

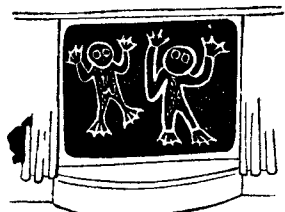
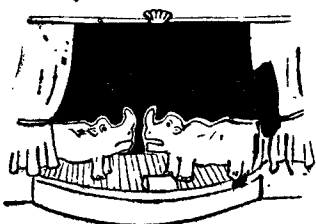
A edição de 1956 da enciclopédia heráldica alemã «Genealogisches Handbuch des Adels» revela que uma das filhas de Velasquez, Tereza Mazo-Velasquez, casada com Rodrigo Casado Acevedo, teve uma descendência que, através de ligações sucessivas, com as mais ilustres famílias europeias, invadiu numerosas casas reinantes. Em 1707, Filipe V dá o título de Marquês de Monteleão ao bisneto de Velasquez, Isidoro Casado y Mazo. O segundo marquês casou-se com a filha do conde Gyldesteen e a sua filha Margarida entra na casa de Reuss.

O parentesco estende-se ao Hohenlohe-Langenburg e, por casamento de Amália Soms com Carlos III de Hohenlohe, estabelece-se a aliança com a maior parte das casas reinantes da Europa do século XIX: Áustria, Bourbon, Hohenzohe, Wittelsbach, Bragança, Bernardotte, Cobourg, Romanov...

Eis algumas das personalidades contemporâneas que têm sangue de Don Diego Rodriguez de Silva y Velasquez: Balduino, Carlos Gustavo, príncipe herdeiro da Suécia, o príncipe Bernardo da Holanda, o arquiduque Otto e sua mulher, a rainha Frederica da Grécia, o príncipe Xavier de Bourbon-Parma, o príncipe Alberto, chefe da Casa da Baviera, a princesa Ana, mulher de Miguel I da Roménia, D. Duarte Nuno de Bragança, etc. Velasquez, que a nobreza combateu, vingou-se largamente.

«Velha fritando ovos» — segundo dizem Velasquez declarou que «preferia ser o primeiro naquela grosseria que o segundo na delicadeza». Tinha vinte anos quando pintou esta tela





Dois mil e quinhentos contos por um pastel de Manet

Os leilões de obras de arte nem sempre informam o público sobre a qualidade das peças.

A bolsa da pintura não coincide com a «cotação» estabelecida pelos críticos de arte. Eis alguns dos preços atingidos por diversas obras em leilões recentes, realizados no Palais Galleries:

- «Retrato de Luis XV» (80 x 64), pintura de Valtier — 290.000\$00.
- «O Bobo» (21 x 13), tinta da China de Goya — 90.000\$00.
- «Batatas e garrafa», aguarela de Cezanne — 455.000\$00.
- «Os noivos da Torre Eiffel» (64 x 50), pintura de Chagall — 405.000\$00.
- «Ramo de flores» (0,20 x 0,33), pintura de Renoir — 355.000\$00.
- «Partida de Corrida» (55 x 75), aguarela de Dufy — 175.000\$00.
- «Mulher à beira-mar» (72 x 50), pastel de Manet — 2.500.000\$00.
- «Rapariga com vestido branco» (38 x 46), pintura de Matisse — 500.000\$00.
- «Composição em preto, vermelho e branco» (73 x 92), pintura de Miro — 275.000\$00.
- Oito desenhos de Pierre Bonnard, ilustrações para o livro «Notes sur l'Amour», de Claude Anet — 425.000\$00.
- «Banhistas à beira-mar» (1,05 x 65), pintura de Degas — 700.000\$00.
- «A mesa» (51 x 65), pintura de Leger — 255.000\$00.
- «O tempo apaga o amor», pintura de Tiepolo, arrebatada a Paul Gétty, considerado o homem mais rico do Mundo, por Antonini — 1.750.000\$00.

FLASHES

- Deve-se ao dr. Alberto Candeias a tradução de «Ver e Pensar», de Agnes Arber, próximo volume da coleção «Enciclopédia LBL». Trata-se da análise de um problema filosófico da maior importância, realizado do ponto de vista do biólogo.
- «Malditos Toscanos», de Curzio Malaparte, recentemente editado na coleção «Dois Mundos» é uma obra em que a ironia irreverente do autor de «Sangue e Prisão» atinge o seu ponto culminante, na análise audaciosa dos toscanos, que Malaparte considerou «a consciência ruim da Itália».
- Com a publicação de «Ingénua Perigosa», na coleção «Vampiro», volta a aparecer entre nós o nome de Raymond Chandler, autor de várias obras que obtiveram grande sucesso, entre as quais se destaca «O Imenso Adeus».

O drama da guerra na obra de Heinrich Boll

(Continuação da 17.ª página)

Heinrich Boll firma-se na condenação. Nada mais elucidativo a este respeito, do que as palavras do escritor:

«A história pode afirmar que em X se ganhou e em Y se perdeu uma batalha, ganha por A ou perdida por B. A verdade do poeta é que ambas as batalhas, a que foi ganha e a que foi perdida, foram chacinadas, que para os mortos as flores não mais florescem, nem para eles se coze mais pão, que o vento não sopra mais para eles; que os seus filhos são órfãos, as mulheres viúvas, e que os pais choram os filhos».

Heinrich Boll sentiu o hábito da guerra tão de perto que não pôde esquecer todo o mal que ela causou, e se lançou na análise objectiva e fria das causas que a originaram. Afasta-se de qualquer ideologia, para se fixar unicamente no homem. Não lhe interessa o porquê da guerra, mas sim os corpos dilacerados que juncam o chão, as vidas colhidas no esplendor da juventude, as almas que se perdem nos dédalos do desespero: não limita esta observação à frente e ao exército, mas estende-a também às aldeias silenciosas, porque mortas, e às cidades buliçosas de vida instável e traiçoeira.

Nas obras que focam o período da guerra, Heinrich Boll apresenta sempre cenas pesadas de espera e de inação; não há uma descrição de um combate, e o que é mais, nunca nos aparece um homem a atacar, mas sempre a ser atacado. Isto é sintomático da perspectiva com que o autor encara estes problemas. Cenas de combates facilmente levariam a um sentimento de exaltação e entusiasmo. A sua ausência fala-nos da repulsa por actos violentos, por tudo o que vá afectar a integridade física e moral do homem. Assistimos, sim, às consequências da guerra: ao tédio e ao desespero, à inação e ao vício, à ansia de amor e de vida nos mais variados tipos sociais e caracterológicos: desde a criança indefesa ao jovem soldado que sabe que vai morrer, desde o homem totalmente desesperado, porque abominável e vil, àquele que loucamente se agarra à vida que se lhe escoa; desde o general cansado e triste à figura esporádica de um médico para quem o dever era algo de sagrado; desde a judia católica, símbolo da transitoriedade da vida, à taberneira próspera que enlouquece em contacto com o vazio e o silêncio da guerra.

E' de notar que nenhum dos heróis de Boll se sente feliz na guerra. Nenhum vibra de ódio contra o inimigo, antes tenta preencher o vácuo que rodeia o companheiro. Eles são homens na sua plenitude mais perfeita, que desprezam o heroísmo falaz dos feitos intrépidos e grandiosos, mas elevam até ao infi-

nito o seu amor, a sua abnegação, a sua força de vontade. Heroísmo silencioso e constante, onde não há fama nem barulho, mas mérito e grandeza de alma, é esse que é necessário para superar o sofrimento, vencer os acessos do desespero, em suma, para se manter homem em todas as contingências e depois de todos os golpes. Heroísmo verdadeiro que permite que o homem transcenda a própria realidade na medida em que a aceita para a ofertar a Deus.

«O comboio foi pontual», o volume de contos «Caminhante, se fores a espa...» e o romance «Onde estavas tu, Adão?» são quadros sucessivos duma mesma época, por meio dos quais o autor reage contra a violação do humano que a guerra originou. Através deles vislumbramos todo um mundo de imprevisível e sem sentido, onde o homem se move como simples joguete de forças superiores; um mundo desorganizado e revoltado, onde as ordens ecoam no vácuo e onde não existe amor; um mundo de transitoriedade e implacabilidade que torna pungente o dever constante da vida; enfim, um mundo que não permite que o homem se desenvolva em autenticidade, harmonia e equilíbrio, mas que antes descentraliza o fulcro da sua actividade, limitando a conduta animal o comportamento que é especificamente humano.

A atitude de Heinrich Boll radica-se em sentimentos dignos e profundos. Apresentando a face negativa da guerra, mostrando o aviltamento e a desgraça do homem, Boll conduz-nos a uma posição construtiva, misto de amor e de respeito. Pode parecer à primeira vista que a reacção assenta em bases negativas e se dirige para um conceito, negativo também, da vida e do homem. Porém, o alargar, que não é demasiado, nas misérias e no sofrimento e a perspectiva negra, por vezes até quase totalmente desesperada, do futuro, são os meios que, por verídicos, o autor escolhe para firmar a sua reacção.

Heinrich Boll dá-nos realmente um quadro bastante vasto e pessi-

mista do sofrimento humano; fá-lo, porém, com seriedade incontestável. Boll não parodia com a dor, não se serve dela para facilmente chegar a um público vasto, e adquirir um êxito repentino e infundamentado. Ela merece-lhe respeito, e ele retrata-a, porque ela existe. O autor detém-se sobre o sofrimento humano, porque amou os homens, porque sofreu enquanto os via sofrer com um sentido real de vida, com tanta intensidade e durante tanto tempo. Envolveu esse sofrimento com um sentido real de vida, com uma ansia de paz e plenitude. E viu na aceitação humilde e no abandono à Graça os meios de o superar.

uma ansia de paz e plenitude. E viu na aceitação humilde e no abandono à Graça os meios de o superar. O que Leopold Hoffman, ensaísta contemporâneo, afirma a respeito do volume de contos «Caminhante, se fores a Espa...», pode com pertinência e justeza ser alargado a toda a obra deste escritor: «Nestes contos, porém, o Nada não está por detrás da dor e da morte. O homem perseguido e fustigado encontra asilo no coração compassivo do escritor, ou, mesmo no fim duma vida desoladora brilha um clarão de Eternidade». Esta atitude séria e consciente patentela-se em páginas emocionantes e cheias de amor — senão dos homens entre si, pelo menos do autor pela personalidade — em cenas gritantes de angústia e de revolta contra o caos e a infracção de valores que a guerra ocasionou.

Heinrich Boll foca casos extremos de aviltamento e de desespero, de desindividualização e de medo puramente animal, porque eles existiram, e o escritor os testemunhou. Não os evidenciaria seria afastar-se da realidade fugir aos acontecimentos duma época, para preencherem esquema previamente concebido de unilateralismo falsificador. Assim, desdobrando perante nós o estado misérrimo dos homens, ao mesmo tempo que aponta um caminho de redenção, o autor mantém-se fiel à verdade histórica e à própria personalidade.

A VOZ DE LORCA:

O poeta deve abrir as veias

A voz de Lorca não perde a sua intensidade. Da Poesia diz-nos: «O que a poesia não admite é a indiferença. A indiferença é a poltrona do diabo mas é ela que discursa nas ruas, na sua grotesca auto-suficiência».

- A poesia não quer adeptos mas amantes. Ela rodeia-se de espinhos para dilacerar as mãos que os amantes lhe estendem.
- Na nossa época, o poeta deve abrir as veias para os outros.
- O mistério poético é também um mistério para o poeta que o comunica sem conhecer a sua natureza.
- Quando olho a Espanha, a Espanha de longe, a Espanha é Castela, é o silêncio de uma praça solitária e abandonada onde atravessa uma velhinha que vai rezar o terço à igreja.

Vasco e os «monstros» ou a invasão dos seres disformes no teatro, no cinema, na pintura, na literatura e na rua

ESCAPARATE

(De 20 a 27 de Dezembro)

Título — «Canhenho do Vagabundo».

Autor — Ricardo Jorge.

Género — Viagens.

Editor — Instituto de Alta Cultura.

Preço — 30\$00.

Numero de páginas — 234.

Título — «Passadas de erradio».

Autor — Ricardo Jorge.

Género — Viagens.

Editora — Instituto de Alta Cultura.

Preço — 30\$00.

Numero de páginas — 274.

Título — «A escola do Paraíso».

Autor — José Rodrigues Miguéis.

Capa — Manuel Correia

Género — Romance.

Editora — Estudos Cor.

Preço — 40\$00.

Numero de páginas — 383.

Título — «O Menino entre GL

gantes».

Autor — Mário Domingues.

Capa — António Domingues.

Género — Romance.

Editora — Prelo.

Preço — 50\$00.

Numero de páginas — 506.

Título — «Velasquez».

Autor — Jaime Brasil.

Género — Estudo biográfico.

Editora — Portugalia.

Preço — 50\$00.

Numero de páginas — 258.

Título — «Fernando Pessoa».

Autor — António Quadros.

Género — Estudo biográfico.

Editora — Arcádia.

Colecção — «A Obra e o Homem».

Preço — 30\$00.

Numero de páginas — 301.

Título — «Anjo branco e anjo

negro».

Autor — António Quadros.

Capa — Paulo-Guilherme.

Género — Contos.

Editora — Portugalia.

Preço — 25\$00.

Numero de páginas — 182.

Título — «Grecos».

Autor — Gregorio Marañón.

Género — Estudo biográfico.

Editora — Aster.

Colecção — «Grandes Biografias».

Preço — 70\$00.

Numero de páginas — 223.

Título — «As mais belas histó-

rias de amor».

Tradução — Maria Judith de Carvalho.

Préface — Fernanda Botelho.

Editora — Arcádia.

Colecção — «Antologia».

Preço — 35\$00.

Numero de páginas — 198.

a Editora Ulisseia apresenta
um novo original de
JOSÉ CARDOSO PIRES
CARTILHA DO MARIALVA
edição de 350 exemplares
encadernados, numerados e
rubricados pelo autor
A VENDA NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS

INSTITUTO ALEMÃO

Avenida da Liberdade, 222, 2.º — Telefone 730305

ABERTURA DE NOVOS CURSOS EM JANEIRO

Inscrições a partir de 19 de Dezembro na Secretaria do Instituto, das 11 às 13 e das 16 às 19.30 horas.

Colóquio

REVISTA DE ARTES E LETRAS (BIMESTRAL),
IMPRESSA COM TEXTO E FOTOGRAVURA A PRETO E A CORES

DIRECTORES:

Artístico: REYNALDO DOS SANTOS

Literário: HERNANI CIDADE

Gráfico: BERNARDO MARQUES

NÚMERO 111

COLABORADORES: ARTES

KUCHI MATSUDA, ROBERT KLEIN, EDUARDO LOURENÇO, REYNALDO DOS SANTOS, JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, ARMANDO VIEIRA SANTOS E LUIS REIS SANTOS

COLABORADORES: LETRAS

PATRICIA JOYCE, JOÃO MAIA, MIGUEL TORGA, CARLOS EDUARDO DE SOVERAL, ARMAND GUBERT, M. ANTONIO, DAVID MOURÃO-FERREIRA, J. ALMEIDA PAVÃO, VICTOR BUESCU, ANTONIO LUIS CABRAL DE QUADROS, GEORGES F. LISTOPAD, ANTONIO SALGADO JUNIOR, HERNANI CIDADE E URBANO TAVARES RODRIGUES

DESENHOS DE CARLOS RIBEIRO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A venda em todas as livrarias do País e no

«Diário de Notícias» (Chiado e Rossio)

Empresa Distribuidora: E. N. P. — Avenida da Liberdade, 266 — Lisboa

DESPORTOS

Basquetebol

O encontro Técnico-Torres foi o único ontem disputado

O campeonato regional da 1.ª Divisão continua a não ter a regularidade necessária e útil a estas provas que se disputam em duas voltas e em vários campos. O mau tempo,

VENCEDORES DA CORRIDA DE S. SILVESTRE

A partir de 1949, ou seja desde que o percurso está delineado, como actualmente, na extensão de 7 300 metros, através das ruas e avenidas de São Paulo, os vencedores da corrida de S. Silvestre foram os seguintes:

Ano	Vencedor	M.S.
1949	Inostroza (Chile)	22,06,2
1950	Heino (Finl.)	22,45,6
1951	Theys (Belg.)	22,37,5
1952	Krucki (Alm.)	22,26,5
1953	Mihalie (Jug.)	21,35,1
1954	Zatopek (Chec.)	20,30,4
1955	Mihalie (Jug.)	21,51,2
1956	Norris (Ing.)	22,18,2
1957	M Faria (Portg.)	21,55,9
1958	M Faria (Portg.)	21,37,4
1959	O. Suarez (Arg.)	21,52,2

Não há eliminações entre os jogadores de futebol de primeiro plano, por falta de habilitações literárias

Expirou o prazo da prorrogação concedida a todos os jogadores de futebol para apresentarem o documento de habilitação da quarta classe do ensino primário. Significa isto que os jogadores inscritos têm de entregar, até depois de amanhã, na associação em que o seu nome está registado, o certificado respectivo para poderem continuar a actuar nas competições oficiais.

Esta determinação não abrange qualquer jogador de primeiro plano. Pires e Estêvão, seriam os únicos atingidos. Contudo, o primeiro já tem autorização especial para regularizar a sua situação até ao fim da presente época; e ao segundo foi permitido jogar até Abril próximo.

Dos três mil jogadores inscritos na Associação de Futebol de Lisboa, são atingidos 190, mas, decerto, muitos destes regularizarão, dentro em breve, a sua posição perante a lei.

por um lado (recintos ao ar livre), e os árbitros, por outro fizeram que a ronda se resumisse apenas a um encontro (Técnico-Sporting de Torres) que se disputou no Ginásio do primeiro.

Na verdade, o interesse do campeonato tem sido prejudicado, visto que tem decorrido com «saltos» que se podem prestar a confusões e que reforçam o ponto de vista daqueles que pugnam pela utilização de campos cobertos.

Técnico, 22-Sp. de Torres, 33

Alinharam e marcaram:
TECNICO — Vicente, 8; Pimentel, 6; Cordeiro, 3; Murteira, 1; Vasconcelos, 2; Santos; e Carvalho, 2.
SP. TORRES — Mota, 19; Galvão, 2; Aquilino, 8; Cláudio; Santos e Reis, 4.
Árbitros — A. Costa e Silva e C. Quitas.

O resultado final, bem significativo quanto ao poder de encastamento de qualquer das equipas, está, no entanto, em conformidade com o desenrolar da partida. O Técnico, durante o primeiro tempo, foi mais incisivo e ao fim desse período, venceu por 13-11. Na segunda parte, os «leões» de Torres Vedras, mais apetrechados na meia-distância, puderam contornar as dificuldades do ambiente e alcançar uma vitória que não lhes fica mal.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	P.
QUELUZ	8	7	—	1	22
Sacavenense	9	6	—	3	21
Lisboa Ginásio	9	6	—	3	21
Carnide	8	5	—	3	18
Oriental	9	4	—	5	17
Sp. Torres	9	4	—	5	17
Atlético	8	2	—	6	12
Técnico	10	1	—	9	12

HANDEBOL DE SETE

A FRANÇA bateu PORTUGAL

para o campeonato do Mundo

No Palácio Cristal, do Porto, disputou-se, ontem, o encontro Portugal-França para o campeonato mundial de handebol de sete.

O despique revestiu-se de grande emoção, dada a forma como a equipa portuguesa logrou opor-se ao quadro gaulês, que demonstrou possuir conjunto de valor assinalável. No entanto, os lusitanos, mercê do seu entusiasmo, acabaram por se mostrar superiores nos finais dos dois tempos.

A diferença de um golo apenas (10-9) a favor dos tricolores não corresponderá, ao fim e ao cabo, à feição do desafio, porquanto o «team» português merecia não perder, o que, aliás, esteve ao seu alcance, pois desperdiçou duas grandes penalidades, o que não é normal.

Os franceses chegaram a desfrutar da vantagem de quatro tentos e a cinco minutos do final a expressão numérica era de 10-6. Recuperação brilhante dos lusitanos acabou por permitir a redução da diferença para 10-9.

Alinharam, sob a arbitragem de Francisco Seabra, do Porto, os seguintes jogadores:

PORTUGAL — Ferra (Avelino), César, Póvoas, Madureira, Augusto, Pintado, Marques, Coelho, Laranjeiro e Figueiredo.

FRANÇA — Ferignac, Maurice Fraedrich, Zaegel, Silvestro, Portes, Etcheverry, Paolini, Francis Recarnin, Thomas e Lacoux.

Marcaram: Maurice, Silvestro, Etcheverry (3), Lacoux (2), Thomas e Francis (2), pelos franceses. Póvoas (2), Madureira (2), Marques, Pintado, Coelho (2) e Augusto.



CAVES DO Barreção L.
FOGUEIRA - PORTUGAL

O SOL EM SUA CASA

A MAQUINA DE SECAR ROUPA QUE VEM REVOLUCIONAR OS HABITOS DAS DONAS DE CASA

Evitando os penosos trabalhos de espremer e de estender a roupa sem depender do tempo.

roupa pronta para o ferro em 2 MINUTOS

Mais horas livres. Menos esforço físico. Consumo insignificante. PREÇO 2.000\$000

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

Representantes: Refrigeração POLAR

Rua da Emenda, 66 r/c. Frente — LISBOA



Reduza as despesas com as meias!

As barreiras NYLOC das Berkshire

evitam as malhas caídas na proporção de 25%!

É verdade! Porque só as maravilhosas meias BERKSHIRE têm a extraordinária barreira NYLOC, que impede a queda das malhas, tanto da bainha como da biqueira, por onde começam 25% das malhas caídas.

Eis porque a NYLOC da BERKSHIRE não permite que as malhas caídas alastrem a parte fina da meia. Caso contrário receberá um outro par de graça. É uma garantia!

BERKSHIRE

A maior fábrica de meias do Mundo

ŠKODA

ECONOMIA, ROBUSTEZ E ELEGÂNCIA

OCTÁVIA
OCTÁVIA SUPER
TOURING-SPORT
FELICIA

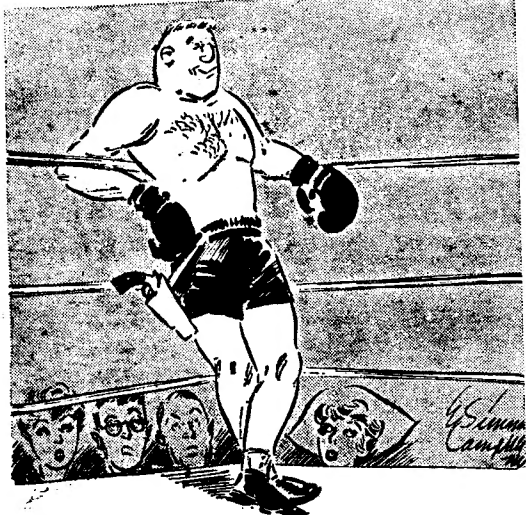
STOCK, LDA.
Rua Luciano Cordeiro, 113, 113-D
Telefs. 5 35 47 e 73 01 37 — LISBOA-1

AUTO PUMA, LDA.
Rua Castilho, 167-A e 167-E
Telefs. 65 07 57/8 — LISBOA

AUTO PORTUGUESA, LDA.
Rua Rodrigues Sampaio, 50-A

TEIXEIRA & COUTINHO, LDA.
Avenida Guerra Junqueiro, 1-A

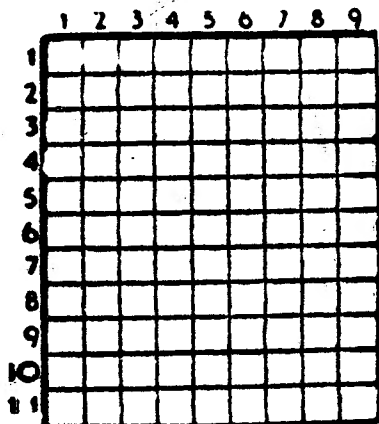
TODAS AS PEÇAS EM ARMAZÉM



— Segue todos os conselhos... Como um cronista desportivo afirmou que ele precisaria de uma pistola para ganhar...

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 4223



HORIZONTAIS: 1 — Letra grega. Preposição e artigo. Deus dos pastores. 2 — Passadas. Içar. 3 — Rio que banha Paris. Pesquisa. 4 — Botilhão. 5 — Atara. 6 — Artigo definido (ant.). Pega. Céu. 7 — Iguais. Ulmeiro. 8 — Povoação do concelho de Alenquer. Seguiam. 9 — Símbolo químico do cobalto. Mãe de Rômulo. Pedra de moinho. 10 — Nome de homem. 11 — Artérias. Metal precioso.

VERTICAIS: 1 — Graças. Apefeçoar. 2 — Poesias. Amplo. 3 — Anual. Seguiu. Falsa. 4 — Guarneria de asas. Chefe etíope. 5 — Fluido aeriforme. Rente. 6 — Tiração. Ferro temperado. 7 — Enlaça. Vi. Alternativa. 8 — Ave palmípede. Estimam. 9 — Altar. Requeiro.

Solução do problema n.º 4222

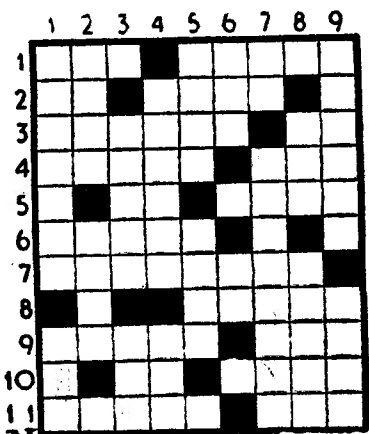
HORIZONTAIS: 1 — Oral. Lesa. 2 — Sapo. Usos. 3 — Sátrapa. 4 — Par. Ura. 5 — Rita. Aras. 6 — Em. Li. 7 — Via. Cor. 8 — Sá. Ria. Oc. 9 — Orar. Cuco. 10 — Catalunha. 11 — Amam. Zoar.

VERTICAIS: 1 — Os. Prê. Soca. 2 — Rasal. Varam. 3 — Apartei. Ata. 4 — Lot. Amarram. 5 — Ru. 6 — Lua. Alcaçuz. 7 — Espurio. Uno. 8 — Soars. Rocha. 9 — A's. Asa. Coar.

(COM PROVÉRBO)
Problema n.º 2177

HORIZONTAIS: 1 — Botequim. Labutar. 2 — Reis (abrev.). Renovo. 3 — Ignominioso. Símbolo químico do escândio. 4 — Escuridão. Negativa. 5 — Descoberto. Arroubamentos. 6 — Aponta. 7 — Decidida. 8 — Aliada. 9 — Roucos. Benigno. 10 — Artigo antigo. Excepto. 11 — Residir. Parte.

VERTICAIS: 1 — Divertir-se. Acompanhado. 2 — Burro. Recusa. 3 — Delgados. Avistar. 4 — Medito. Olé! 5 — Fogo. Fileiras. 6 — Caminha. Certo. 7 — Compaixão. Pessoas que só aparecem de noite. 8 — Santo. Já. 9 — Volta a coser. Estimai.



Resolheu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2176

HORIZONTAIS: 1 — Magoarias. 2 — Emoliente. 3 — DA. 4 — Rs. Alhada. 5 — OSTR. Sir. 6 — Ser. Te. 7 — Alçado. 8 — SAI. Anosa. 9 — A. Uma. 10 — PEROLA. 11 — Nome. Arme.

VERTICAIS: 1 — Medrosos. 2 — Amasse. Aipo. 3 — Go. Trai. Em. 4 — Olhar. Are. 5 — Ai. Lança. 6 — Rê. Anula. 7 — Incas. Domar. 8 — Tá. Ditosa. 9 — Separe. Pê. (Provérbo: DA OSTR. SAI A PEROLA).

EFEMÉRIDES

No dia 29 de Dezembro de 1788 nasceu Zumalacarrégui, general Carlista espanhol.

DIZ QUEM SABE

O homem precisa de uma lei, para superá-la; de uma regra, para não sentir a sua prisão; de uma casa, para estar á vontade; de uma clausura, para se libertar.

GUSTAVO CORAÇÃO

* O homem não se sente bem em parte alguma, para que sinta desejo de ir mais longe.

LOUIS VENILLOT

* Quando o homem não acredita em coisa alguma, está pronto para tudo praticar.

VICTOR HUGO

182 HORAS A DANÇAR o «rock and roll»

O «record» da resistência no «rock and roll» pertence a um par de Berlim-Oeste, que dançou durante 182 horas e 37 minutos. O «record» anterior coubera a um casal australiano, que aguentara 180 horas e 49 minutos.

QUEM CANTA

seu mal espanta...

Após um dia tristonho, de mágoas e agonias, vem outro alegre e risonho: São assim todos os dias.

ANTÓNIO ALEIXO

Crepúsculo em Cascais

A estas horas, o Sol procura os últimos braços onde repousar: cansado de iluminar a vastidão do continente, busca um oceano onde possa encontrar um pequeno émulo para a sua grandeza, já que desde o Pacífico, abandonado há tanto, não mais encontrou senão aldeias, cidades, bosques, mares, planícies, — tudo diminuto para o seu fogo, momentâneo para o seu curso.

Cascais é o chão onde o Sol encontra o último sabor da terra, onde jogará as suas últimas sombras.

Posso ainda chamar dia a esta luz que se refugia sobre Cascais? — cercando as suas casas, estreitando as suas ruas, transformando em duendes as crianças que brincam

Vida musical

Ultimo concerto gratuito do ano no Pavilhão dos Desportos

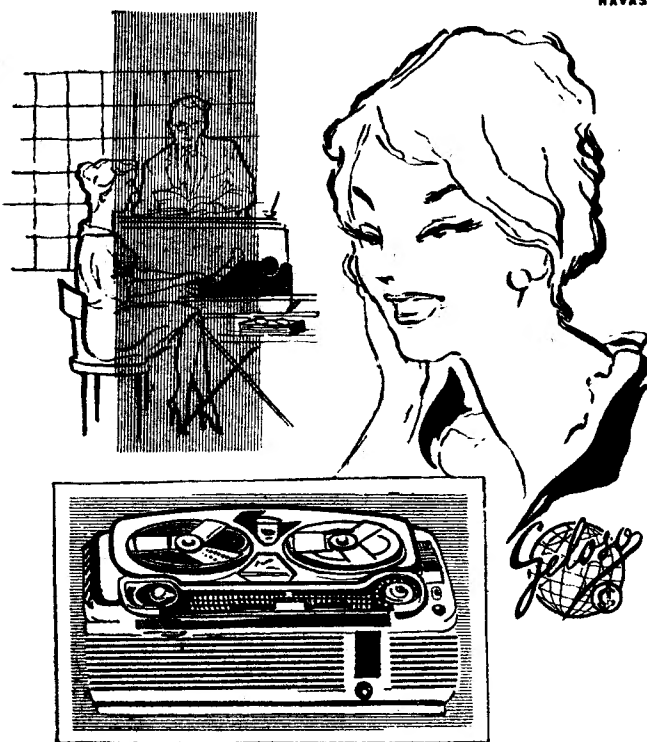
É hoje que se realiza, às 21 e 45, no Pavilhão dos Desportos, o ultimo concerto da série que o Município da capital promoveu para 1960.

Colabora a Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do seu director, Fernando Cabral, e o programa inclui obras de Duarte Lobo-Fernando Cabral, Beethoven, Musorgsky, Wagner e Chabrier.

A distribuição gratuita dos bilhetes faz-se, ainda, a partir das 20 e 30, numa bilheteira do Pavilhão dos Desportos.

PIANOS

Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTODIO CARDOSO
PEREIRA & C.
Rua do Carmo, 11



em
casa
ou
no
escritório...

O GRAVADOR GELOSO G 258, de ALTA FIDELIDADE e BOBINA DE LONGA DURAÇÃO, satisfaz as maiores exigências de serviço ou diversão. SOM REGULAVEL — CONTAVOLTAS — SOBREPOSIÇÃO DE GRAVAÇÕES, são algumas das características destes gravadores. UM NOVO SUCESSO E UMA AUTÉNTICA NOVIDADE EM REGISTO DE SOM

ALTA FIDELIDADE — 3 VELOCIDADES
6 horas de gravação

GRAVADOR MAGNETOFONO
G 258

GELOSO

A GRANDE MARCA ITALIANA DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

Peça uma demonstração nas boas casas da especialidade

em praças que dir-se-iam feitas apenas para quartos de brinquedos, de tal modo nelas é unico o puro rumor infantil. Com esta pergunta em mim, vou-me embrenhando em vielas e becos que desconheço, sem uma resposta: ergo a cabeça e vejo o céu convocar ainda um azul meridional que não consente estrelas, a meu lado vão-se acendendo janelas que me mostram interiores calmos, cabeças reclinadas sobre dedos que movem agulhas, mãos engolfando-se na espuma dos tanques, faces juvenis com tons crus de lampadas próximas debruçadas sobre livros e cadernos. Vozes femininas que falam a espaços, como que sôzinhos. Um nome que repetidamente soa até que palavras imperceptíveis lhe respondem.

Abrem-se portas e delas saem mulheres de idade ocultas na penumbra; socos batem nas lajes chamando cabeças aos postigos.

«O meu lá foi hoje para o Cabo Branco. São quinze dias sem ele. E o tempo custa tanto a passar quando ele não está! Eu sei que o barco dele é grande e seguro, mas mesmo assim o coração não me dorme enquanto ele por lá anda ao sabor das ondas...»

«Ainda sorte tens tu: o meu são meses e meses na Terra Nova. A's vezes penso que antes queria passar fome da negra do que viver assim...» — Vozes arrastadas, de acento áspero, que fazem acudir às janelas cabelos desmanchados.

Ainda persiste o dia? As sombras negam-no, unindo-se como corpos friorentos. As velhas ruas ganham uma intimidade de corredores sombrios. E, sobre as casas, as ruas, as vozes ergue-se o rumor redondo e transbordante do mar. E' ele agora que me chama: desço escadas luzidas onde os derradeiros raios desenhavam ângulos, recantos, segredos. E da foz dum beco recebo subitamente a Baía com seu horizonte pousado em minúsculos, longínquos navios que quase naufragam nas trevas, com o colar de luzes que a beira-mar lhe oferece ao crepúsculo.

E' já noite ou ainda dia? Com a escuridão a oriente, incendiam-se naves no mar que sobre Cascais sopra o seu hálito salgado e balbuciente. E os dorsos convulsos das suas labaredas fazem aumentar a espessura das sombras que ao meu redor se vão acumulando, submergindo o vulto da vetusta Cidadela.

Noite já em terra, dia ainda no mar — as rodas do carro do Sol afundam-se, apenas se divisam agora as crinas espumantes de sangue dos seus cavalos exaustos.

Nos rochedos, um a um vão acordando os faróis: Santa Marta, Guia, Guincho; ao longe, o do Cabo Espichel. E, para encaminhar os que andam mais longe e em mar mais fundo, respondem-lhes as estrelas, esplêndidas por si e por seu escrínio.

Cercam-me vozes vindas de terra, cercam-me vozes que do mar me procuram — mas eu já nada ouço.

Nem já nada vejo nesta orquestração de luzes e sombras que constroem longos arcos e longas mãos entre o rosto bronzeado de Cascais dormitando contra o céu e os olhos liquescendo da sua baía que se desceram para receberem a noite.

JOSÉ BENTO

CORPORAÇÃO DA INDÚSTRIA

Sob a presidência do sr. Vítor Gailo, secretário pelo sr. dr. Joaquim da Silva Pinto, reuniu-se, na sede da Corporação da Indústria, o conselho da secção de Curtumes e Calçado. Estiveram presentes os srs. João Reinaldo Luís Pacheco, Manuel Pais Vieira Junior, Manuel Allua Simas, Armando Pedrosa da Silva, Angelo Ramos e Joaquim Ferreira Junior.

O conselho elegeu, para vice-presidente e secretário respectivamente, os srs. Manuel Pais Vieira mas, tendo-se constituído, nos termos do art.º 42.º do Regulamento, uma comissão para os coadjuvar, formada pelos srs. João Reinaldo Luís Pacheco (pelos patronais); Manuel Maria Allua Simas e Armando Pedrosa da Silva (pelos trabalhadores).

Após as eleições, os trabalhos continuaram, já sob a presidência do sr. Manuel Pais Vieira Junior, que apreciou seguidamente os trabalhos apresentados pelo Grémio Nacional dos Industriais de Calçado, Sindicato Nacional dos Operários Sapateiros do Distrito de Aveiro, Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Curtumes do Distrito de Braga e Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Curtumes do Distrito de Santa Rem.

MOTORES

Petter

DIESEL 1,5 A 100 CV • PETRÓLEO 1,5 A 9 CV

GRUPOS MOTO-BOMBAS

AA **ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)**

BOQUEIRÃO DO DURO, 38 - LISBOA - TEL. 66 47 88

O ADVOGADO TEM A PALAVRA

por CARL G. HOLDGES



FOLHETIM SEMANAL
do **Diário de Lisboa**

16

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Lincoln deslocou-se a Beardstown para defender, como advogado, o filho de um casal seu amigo. A cidade está excitada pelo julgamento, ao qual uns pretendem que não compareça determinada testemunha. Esta, todavia, vai depor contra o réu, que afirma ter visto agredir mortalmente um amigo.

CAPITULO IV

Abe Lincoln aproximou-se da balastrada, crescendo sobre Charles Allen, sentado na cadeira das testemunhas.

— O senhor conhece o réu, Duff Armstrong, sr. Allen?

— Conheço o Duff dos tempos em que ele andava de cueiros.

— Está então bem ao corrente dos seus hábitos e gostos pessoais, não é verdade?

— Tá visto. Bom rapaz. Muito dado aos desportos, apesar dos seus setenta quilos. Mas é ágil como um gato e teso como poucos.

Lincoln dirigiu-lhe um sorriso encorajador.

— Setenta quilos. Por isso ele montava tão bem o seu cavalo de corridas. Isso explica que tenha ganho bom dinheiro em Virgin Grove, não?

— Não deve ter ganho grande coisa.

— Porque não?

— Porque pelo meio da tarde, já estava com uma «perua», que nem se podia lamber.

17

Lincoln lançou um olhar a uma fila de jurados e depois á outra.

— A testemunha não esqueça que está a depor sob juramento. E' capaz de jurar que na tarde de 29 de Agosto ultimo, Armstrong estava embriagado?

— Não ná duvidas. Se estar embriagado, quer dizer um tipo não ser capaz de andar a «derêto», então Duff Armstrong estava embriagado.

Ouviram-se fungadelas na tela e Allen sorriu resplandecente. Lincoln voltou-se lentamente e o olhar melancólico que dirigiu á audiência, surtiu o efeito desejado. Cessaram as risadinhas.

Voltou-se então de novo para a testemunha.

— O álcool tornava Duff Armstrong desordeiro?

— «Nan» posso dizer isso. Duff era teso, mas não era zaragateiro. E' verdade que com a pinga, tinha rompantes que ninguém esperava, mas, no fundo, era tudo pólvora sem fumo.

— E James Metzker? O álcool tornava James Metzker desordeiro, sr. Allen?

— Bom, o álcool e ele não se ligavam muito bem, não senhor. James pesava para cima dos cem quilos e quando se zangava a sério, gostava de atirar o peso a torto e «derêto». E mau era quando ele largava ao ponta pé e ao murro.

— O sr. Allen assistiu ao sermão de Virgin Grove?

— Sim, senhor. Cheguei cedo e fiquei até tarde. Como já expliquei ao outro senhor advogado, quando Peter Cartwright sai a pregar...

— Não me interessa o que o senhor disse ao sr. Fullerton. Se o senhor chegou assim tão cedo como diz, a Virgin Grove, deve saber que houve uma briga ao começo da tarde, entre Metzker e Armstrong...

Uma briga provocada por Metzker.

— Sim senhor. Toda a gente soube disso.

Lincoln virou-se para a fila de jurados á direita da mesa do juiz, ao fazer esta pergunta a Allen:

— A briga foi então provocada por James Metzker, que segundo as suas declarações, pesava para cima dos cem quilos, contra Duff Armstrong, meu

18

constituente, e que segundo o senhor também declarou, não pesava mais de setenta?

Allen riu-se e olhou para o júri.

— Não é a mim que me compete explicar as acções das pessoas e não tenho de responder por elas. O senhor perguntou-me o que vi e eu disse-lhe.

— Essa briga teve lugar de tarde e precedeu portanto a que se travou á noite. Conte-nos como se passaram as coisas, sr. Allen.

— O sermão já acabara há muito e quase toda a gente já tinha posto pés a caminho de casa. Não foi bem uma briga. O que se deu foi que Jim Norris e Duff Armstrong saltaram sobre James Metzker, quando ele ia para casa, e malharam nele que se fartaram.

Lincoln atalhou com dureza:

— Outras testemunhas estão prontas a jurar que James Metzker caiu, pelo menos, duas vezes do cavalo, depois da luta. Essas quedas podiam ter sido a causa do ferimento que ocasionou a morte de James Metzker.

Allen corou.

— Isso não é verdade. Metzker não morreu das quedas que deu do cavalo. Eu vi Jim Norris arrumar-lhe uma cajadada e Duff Armstrong bater-lhe na vista com a funda.

— Mas, sr. Allen, o senhor disse que a briga teve lugar depois de o sermão ter acabado.

— E é verdade.

— Mas já era noite, sr. Allen... A testemunha pode afirmar que reconheceu Norris, Metzker e o meu constituinte e que viu o réu bater em Jim Metzker?

— Posso. Era noite, mas havia luar e a noite estava clara como dia.

Lincoln abanou a cabeça, como que espantado.

— Se era noite, como podia fazer tão claro como se fosse dia?

— Por causa da Lua.

— Em que posição estava a Lua, sr. Allen?

— Bolas! «Nan» sou nenhum «astrômano», sr. Lincoln. Mas sempre lhe digo que a Lua ia alta.

19

— Estaria mesmo a pino, sr. Allen? Como os ponteiros de um relógio quando apontam para a meia-noite?

— Tanto, não direi. Talvez um pouco mais para o ombro.

— A sua resposta não é clara, sr. Allen.

— A Lua devia estar pelas alturas do Sol, quando são as dez da manhã.

— Compreendo agora. E a que horas da noite se verificou esse ataque alegado?

— Pelas dez.

— Então, de acordo com o seu testemunho, quando o alegado ataque teve lugar, ataque que o senhor pôde seguir perfeitamente em virtude do luar que fazia, deviam ser umas dez da noite e a Lua não estava precisamente a pino, mas estava no entanto bem alta no céu. E' isso?

— Sim, senhor. Fazia claro como dia, foi o que eu disse.

Lincoln sorriu tristemente para Allen, deu alguns passos, sorriu para Duff Armstrong e depois para a mãe do rapaz. Voltou-se então novamente para a testemunha.

— A que distancia estava a testemunha quando viu o meu constituinte bater em Metzker com uma funda?

— Entre quinze a vinte metros.

— E' que horas eram?

— Um dez horas da noite, como já disse.

— E, sendo já noite fechada, como explica a testemunha poder ver tão distintamente a uma distancia entre quinze a vinte metros?

— Porque, como também já disse, havia luar e a noite estava clara como dia.

— Muito obrigado, sr. Allen. Agora desejo que o senhor me preste um pequeno favor. — Lincoln levantou da mesa uma pequena brochura e entregou-a a Allen. — O xerife comprou-me esta brochura num estabelecimento da State Street, sr. Allen. Como pode ver, trata-se de um almanaque para o ano de 1857. Importa-se de abrir na página de 29 de Agosto e ler o que aí diz sobre o nascimento e o caso da Lua?

20

Allen agarrou o livro e abriu-o, num gesto confiante. Depois, fez uma pausa, e olhou para Lincoln, pressentindo que havia ali qualquer coisa que não estava bem. Voltou a atenção para o almanaque, folheando lentamente as páginas, até chegar á data indicada. O sangue afluíu-lhe ás faces e, apressadamente, olhou a capa para confirmar a data: 1857. Dirigiu um apelo mudo ao acusador publico que, apanhado de surpresa, nada pôde fazer em seu auxílio.

Lincoln agarrou o almanaque, passou-o ao juiz Harriott, que, por sua vez, o passou ao júri e depois ao delegado publico. Lincoln sorriu com tristeza.

— Sr. dr. juiz, peço que o tribunal aceite este almanaque como peça atestatória. Este almanaque prova, para além de qualquer duvida, que a «Lua não ia alta no céu», como a testemunha de acusação acaba de afirmar, mas sim que descia já no horizonte do ocaso. Portanto, a noite não podia estar tão clara como se fosse dia, e a testemunha não poderia ver as coisas que afirma ter visto. Como o seu testemunho se torna portanto inutil, conclui-se que todo o seu depoimento se baseia numa falsa premissa, e que deve, por consequência, ser riscado do relato do julgamento.

O delegado publico voltara a encontrar a voz e levantou-se para protestar.

(Continua)

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto

ANIBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha



Uma prenda util, bonita, leve, zinha e numa mala elegante.

A máquina de costura, eléctrica que se vende ao menor preço. Acessórios, reparações. Largo da Trindade, 17.



Tem Prisão de Ventre?

HEBA

AGUA DO MOUCHÃO DA PÓVOA

Regularizador das funções intestinais

Laxativa

Dep. Geral: Conde Barão 48

Telefone 664378

ECONOMIZE TEMPO E DINHEIRO
FAZENDO AS SUAS COMPRAS NA

R. dos Fanqueiros

Pérola de S. Domingos

Rua Dom Antão Almada, 5-D

Vende-se os melhores cafés e chás, também o maior sortido em plantas da Flora Nacional e tropical que são a nossa saúde. E a natureza ao nosso serviço. Procure ser saudável, sentir mais energias e melhor disposição.

(DEFRENTE DA IGREJA)

Mandamos á cobrança as nossas especialidades.

GIRA DISCOS

Portáteis com amplificação

Das Marcas **DUAL, PHILIPS e MONARCH**
Desde 1.200\$00 — Fazem-se trocas — Modelos sem amplificação deste 370\$00 — Agulhas de safira e diamante para Pick-Ups de todas as marcas

CASA J. GONÇALVES

Rua António Enes, 14 — Ao Saldanha — T. 44029 - 43576

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

ADMISSÃO DE OPERÁRIOS EVENTUAIS

Admitem-se serralheiros mecânicos e soldadores eléctricos para as oficinas do Barreiro, mediante a prestação de provas de habilitação. Informa-se das condições na Divisão de Material e Tracção (2.º andar da estação de Santa Apolónia) ou nas oficinas do Barreiro.

GIRA-DISCOS

MODELO 1961 — C/ AMPLIFICAÇÃO, ALTO-FALANTE

Chassis Dual 300/A — trav. automática, saída STEREO apenas por 1.790\$00 com BRINDE dois discos 30 cms. — **CLUBE INTERNACIONAL DO DISCO, S. A. R. L.** — Rua Joaquim António de Aguiar, 41, r/c., 2.º, e **ARAMEIRO DOS RESTAURADORES**, Praça dos Restauradores, 64 — Lisboa.

BOLIMMIDODIA

HA TRINTA ANOS

«Que boa recordação guarda de 1930 e que sonho desejaria ver realizado em 1931» — perguntava o «Diário de Lisboa» que no dia 29 de Dezembro de 1930 publicava, entre outras, respostas do almirante Gago Coutinho, que desejava ver reconhecido que não tinham base os que afirmaram que os Portugueses não foram os descobridores dos Açores, e sonhava ver estabelecidas as carreiras comerciais, com por cento, aéreas, entre a Europa e a América do Sul; de Palmira Bastos, que sonhava «que se pudesse fazer ainda teatro em Portugal»; do dr. Ramada Curto que dizia sonhar «a queda de Mussolini, de Staline e de Mustaphá Kemal, e do dr. Julio Dantas que dizia aspirar «a paz, Paz internacional no Mundo. Paz política em Portugal».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Programa A — 451 m. — 635 kc./s. — A's 17, A casa e o Mundo; 17 e 30, Canções; 17 e 45, Orquestras ligeiras; 18, Noticiário; 18 e 10, Música de dança; 19 Defesa Nacional; 19 e 10, Programa, pelo sexto de artistas cegos; 19 e 30, Radiomocidade; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Melodias de amor; 20 e 30, Canções portuguesas; 20 e 45, A Orquestra de Melachrin; 21, Noticiário — Varanda da Europa, comentário pelo nosso correspondente em Paris; 21 e 20, O pianista Luciano Sangiorgio e conjunto; 21 e 30, Vinte minutos com Shegundo Galarza; 21 e 50, Orquestras ligeiras; 22, Concerto ligeiro; 22 e 30, Os Grandes Momentos da His-

tória do Mundo; 23, Música de dança; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

Programa B — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19, Intérpretes musicais; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Festival de Schwetzingen, de 1960, em gravações cedidas pela Radiodifusão do Sul da Alemanha, de Stuttgart. Obras de Johannes Brahms; 20 e 40, Arias de Bellini, de Verdi e de Cherubini; 21, Noticiário — Varanda da Europa, comentário pelo nosso correspondente especial em Paris; 21 e 20, Separador; 21 e 30, Recital, pela pianista Nella Maissa, com obras de Mozart; 21 e 50, Música de violino, de Josef Suk; 22, Horizonte, semanário de letras e artes; 22 e 30, Música contemporânea. Obras de Stravinsky; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17 e 46, Recital de composições de Cruz e Sousa; 19, Variedades; 20 e 20, Solistas; 21 e 45, Curso de língua inglesa; 22, Hot Club; 22 e 15, Canções; 22 e 30, Conjuntos; 23 e 30, Ritmos de baile; 23 e 45, Noticiário; 1 e 45, Noticiário; 3, Fecho.

Estação de Miramar — A's 17 e 53, Reabertura; 18 e 15, Música regional portuguesa; 18 e 30, Ritmos de baile; 19 e 15, Imagens por música; 20, Boletim informativo; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 21, Noticiário; 21 e 15, Canções; 21 e 30, Programa «jazz»; 22, Motivos portugueses; 22 e 45, Intermédio musical; 23, Rua Larga; 23 e 30, Melodias de sempre; 1 e 7, Sumário; 1 e 10, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18,

Encontro às seis; 18 e 15, Notícias e Boletim religioso; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, França, Horizonte do Mundo; 20 e 15, Separador musical; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, Programa das nove; 22 e 35, Encontro com a noite; 23, A 23.ª hora; 1 e 55, Noticiário; 2, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; das 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 20 e 30, Abertura; 20 e 32, Telejornal (1.ª edição); 20 e 50, Culnária; 21 e 10, Revista do Ano Desportivo Internacional: retrospectiva dos principais acontecimentos desportivos internacionais de 1960; 21 e 45, «Hora Grundig» (conjunto vocal mexicano «Los Cangrejos»); 22, «Os Conspiradores», da série «Danger Man» (Programa Mabor); 22 e 35, «Entre o Natal e o Ano Novo»; 23, Telejornal (2.ª edição).

HORAS DAS MARES

BAIXA-MAR
Dia 29 — 19 h. (1m,31).
Dia 30 — 7 e 30 (1m,25); 19 e 50 (1m,23).
Dia 31 — 8 e 10 (1m,16); 20 e 22 (1m,16).

PREIA-MAR
Dia 29 — 13 e 10 (3m,59).
Dia 30 — 1 e 41 (3m,71); 14 e 3 (3m,66).
Dia 31 — 2 e 27 (3m,82); 14 e 41 (3m,71).

CARTAZ DO DIA

TEATROS
MONUMENTAL — A's 20 e 30 e às 23 — «Boa noite, Betina».
CAPITOLIO — A's 20 e 30 e às 23 — «A vida é bela».
VARIEDADES — A's 21 e 45 — «Cucurucucu».
ABC — As 20 e 45 e às 22 e 45 — «Espero-te á saída».
TRINDADE — As 21 e 45 — «Lutar até de madrugada».
MARIA VITÓRIA — A's 20.30 e 22.45 — «Chá, chá, chá».
COLISEU — A's 21.30 — «Compagnia de circo».

CINEMAS
TIVOLI — «Vamo-nos amar».
S. LUIZ — «Com jeito vai... mestres».
IMPERIO — «Começou em Nápoles».
S. JORGE — «A hora final».
EDEN — «A fúria do poder».
POLITEAMA — «A terra das mil aventuras».
ODEON — «O pequeno coronel».
CONDES — «O grande capitão».
MONUMENTAL — «Ben-Hur».
ALVALADE — «Com jeito vai... mestre».
OLIMPIA — «Emboscada fatal».
AVIS — «Quando o céu é mais azul».
ROMA — «Último tango».
RESTELO — «O Lazarillo de Tormes».
ROYAL — «A mulher de ninguém».
JARDIM CINEMA — «Metropolitano no espaço».
ARCO-IRIS — «Os sete cavaleiros da vitória».
IDEAL — «A floresta interdita».
PROMOTORA — «Rebeldes do Quénia».
MOSCAVIDE — «O sétimo pecado».
CAMPOLIDE — «Da ambição ao crime».
S. L. BENFICA — «Tempo de férias».

CONFERENCIAS

A convite da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o sócio correspondente rev. p.º Henri Breuil profere esta noite, às 21 e 30, no Museu Arqueológico, uma conferência acerca dos descobrimentos megalíticos (com projecções).

ASSEMBLEIA GERAL

Esta noite, às 22 e 30, reúne-se a assembleia geral ordinária da Associação de Socorros Mtuos Aliança Mundial, para eleição dos corpos gerentes e apresentação do orçamento ordinário.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I: União — Estrada de Benfca, 592-594. Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfca, 373-B, Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal e

Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 — Tel. 790480; Douro — Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B — Tel. 791131; Brasília — Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A — Tel. 722368; Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja D, — á Avenida D. Rodrigo da Cunha — Tel. 722384; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; São João de Deus — Rua Pedro Ivo, 1-A/B, Tel. 725140; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Campo Pequeno (Do) — Avenida da República, 58-D-E — Tel. 771661; Avenidas (Das) — Avenida da República, 27-A — Tel. 733688; Palma — Avenida Duque de Ávila, 25-31, Tel. 47083; Universal — Rua Actor Taborda, 5-7 — Tel. 44158 — A — Império, Lda. — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389276; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 359237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 38119; Pereira, Suc. — Rua do Paraiso, 98-100, Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; Brinquinho — Rua dos Sapadores, 17, Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engracia (á Placheira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Ibéria — R. Barão de Sabrosa, 235 A — á Alameda — Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Lda., Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, á 72a Rua de Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Lda. — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua 75-A/B, B. da Liberdade, T. 633694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 634424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 686640; Urbano de Freitas — Rua Silva Carvalho, 1-9 — Tel. 662838; Tagus — Praceta Pssidónio da Silva — lote 3, Tel. 669485; Bom Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 611454; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Gomes, Su. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Dilena — Rua Aliança Operária, 49-A/B, Tel. 636620; Costa — Rua dos Lusitãos, 32, Tel. 636704; A César — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Queilhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Corta, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Cortez — Rua de São Nicolau 93, Tel. 25378.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	755\$00	750\$00	758\$00
Cons. 3 % T. 10	845\$00	844\$00	845\$50
Cons. 3 1/2 % T. 10 ..	970\$00	968\$00	972\$00
Centenários 4 % 1940	2.155\$00	2.150\$00	2.160\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.006\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.006\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.006\$00	—
Externo 1.ª série	—	1.330\$00	—
Ext. 1.ª série car.	1.330\$00	1.330\$00	1.335\$00
Externo 2.ª série	—	1.330\$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.330\$00	—
Externo 3.ª série	—	1.375\$00	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.375\$00	1.380\$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	210\$00	213\$00

Obrigações	Efect.	Compra	Venda
Águas Lisboa 5 %	—	515\$00	520\$00
Norte de Portugal 5 % ..	—	105\$00	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	—	945\$00
Gás Elect. 4 %	—	940\$00	—
Gás Elect. 4 1/2 %	—	—	980\$00
Gás Elect. 5 %	1.015\$00	1.015\$00	1.018\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	93\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	102\$00	101\$50	102\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
Metropolitano	—	1.005\$00	1.010\$00
H. E. do Douro	—	1.022\$00	—
C. P. 4 1/2	—	—	1.034\$00
T. E. da S. da E. 3 1/2 %	750\$00	—	755\$00

Acções	Efect.	Compra	Venda
Alentejo	—	—	600\$00
Angola	—	—	—
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	2.500\$00	2.540\$00
Portugal	—	—	3.090\$00
Ultramarino	1.630\$00	1.625\$00	1.630\$00
Agricultura	73\$00	72\$50	74\$00

Seguros	Efect.	Compra	Venda
Mundial	—	390\$00	400\$00
Soberana	—	1.300\$00	2.000\$00
Sagres	—	1.600\$00	1.900\$00
Tagus	—	—	—

C.ª Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Ag. Casseque	1.003\$00	1.003\$00	1.005\$00
Ag. das Neves	—	330\$00	—
Agric. Colonial	—	250\$00	270\$00
Açúcar de Angola	1.360\$00	1.350\$00	1.370\$00
Boror	—	220\$00	230\$00
Cabinda	—	—	—
Cadã	—	1.800\$00	2.000\$00
Colonial do Buzi	122\$00	122\$00	123\$00
Ilha do Principe	1.000\$00	980\$00	1.000\$00

C.ª Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Incomati	—	—	—
Mocambique	65\$00	65\$00	67\$00
Zambézia s/d.	95\$00	94\$00	95\$00
Diamantes	565\$00	560\$00	570\$00
Lobito	—	480\$00	500\$00

C.ª diversas	Efect.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	680\$00	725\$00
Cimentos Leiria	—	560\$00	—
Crédito Predial	59\$40	59\$20	59\$50
Industrial Aliança	—	310\$00	—
Portugal e Colónias ...	—	450\$00	460\$00
Nacional Navegação ...	1.260\$00	1.260\$00	1.265\$00
Colonial Navegação ...	860\$00	855\$00	865\$00
Port. de Celulose	2.930\$00	2.925\$00	2.940\$00
Portuguesa de Pesca...	—	1.450\$00	1.540\$00
Port. de Tabacos	316\$00	315\$00	317\$00
Tabacos de Portugal...	—	690\$00	—
S. Estrela	—	—	—

Aguas, Electricidade e Gás	Efect.	Compra	Venda
Águas Lisboa 1934	—	340\$00	350\$00
Águas Lisboa 1936	—	340\$00	—
Eléct. das Beiras	311\$50	311\$00	312\$00
Gás e Electricidade ..	162\$00	161\$50	162\$50
H. Alto Alentejo	1.360\$00	1.350\$00	1.360\$00
H. E. Cávado	1.335\$00	1.331\$00	1.340\$00
H. E. Zézere	1.470\$00	1.468\$00	1.472\$00
Nac. de Electricidade	178\$00	177\$50	178\$50
União Eléctrica Port...	—	1.325\$00	1.340\$00
H. E. do Douro	—	—	—

Cotações fornecidas por PINTO DE MAGALHÃES, LD.ª — Banqueiros

PAÍSES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	78\$25	79\$75
Alemanha	6\$78	6\$93
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$20	28\$50
Dólares de 5 a 1000 ...	28\$40	28\$70
Argentina	\$32	\$35
Austria	1\$10	1\$15
Bélgica	\$55,5	\$57,5
Brasil	\$13	\$15,5
Canadá	28\$40	28\$90
Congo Belga	—	\$40
Dinamarca	\$300	\$330
Espanha	\$46,8	\$47,8
França (N. Franco) ...	\$570	\$585
Holanda	\$745	\$775
Inglaterra	\$757,5	\$825
Itália	\$04,55	\$04,7
Marrocos	\$04,5	\$05
Noruega	\$585	\$615
Suécia	\$640	\$670
Suíça	\$660	\$672
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	280\$00	290\$00
Portugal — Barra	33\$00	33\$80
Portugal — Barra Fina	33\$20	34\$00

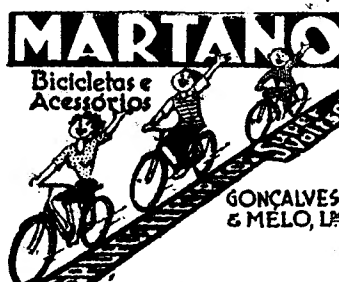
J. BURNAY, LDA.	Notas estrangeiras
TELEF. 21273	Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72	

As oleaginosas alimentares das províncias ultramarinas

O «Diário do Governo» publicou ontem o seguinte despacho, cuja importância é desnecessário acentuar:

«O ministro do Ultramar e o secretário de Estado do Comércio determinam que na campanha de 1961 o fornecimento de oleaginosas alimentares das províncias ultramarinas se regule pelas seguintes normas:

1.ª — É fixado um contingente de 40 000 t. de mancarra da Guiné para abastecimento da Metrópole, que será adquirida ao preço do ano anterior, de 3\$40 F.O.B. por quilograma. A província indicará a data a partir da qual é possível iniciar os fornecimentos. 2.ª — Não são fixados preços nem contingentes para as restantes oleaginosas alimentares de qualquer das províncias ultramarinas. 3.ª — Dentro destas regras, o Ministério do Ultramar e a Secretaria de Estado do Comércio diligenciarão, em toda a medida do possível, intensificar as correntes tradicionais do comércio de oleaginosas alimentares entre a Metrópole e as províncias ultramarinas, mantendo-se permanentemente informados, através de consulta recíproca, acerca de quaisquer operações que se projectem com o estrangeiro, por forma a assegurar-se sempre a preferência ao escoamento dos produtos e às necessidades de abastecimento nacionais».



MARTANO
Bicicletas e Acessórios
GONÇALVES & MELO, Lda
Rua dos Sapateiros, 161-163
Telefone 34230 — LISBOA

Restaurante FURNAS LAGOSTEIRAS

A Nova Gerência, representada pelo mestre José Maria, avisa os Ex.ªs Clientes e amigos desta casa, que enquanto não for aprovado o projecto existente, fez uma remodelação das suas instalações da parte superior, a modos que possa proporcionar na sua esplanada grande agasalto nos tempos frios e belas vistas marítimas ao ar livre.

As especialidades que se pretende manter são os mariscos e peixes na máxima frescura cozinhados das maneiras mais apreciadas.